



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O MARECHAL CÂNDIDO RONDON – DADOS GEOGRÁFICOS DO
GEOCIENTISTA E A IDEALIZAÇÃO DO CENTRO GEODÉSICO DA
AMÉRICA DO SUL NO ESTADO DE MATO GROSSO**

PEDRO ARNALDO PASCHOIOTTO

**ORIENTADOR PROF. DR. HDR. DEOCLECIANO BITTENCOURT ROSA
CO-ORIENTADORA PROF^a. DOUTORANDA LUCELMA APARECIDA NASCIMENTO**

**CUIABÁ, MT
MARÇO/2012**

PEDRO ARNALDO PASCHOIOTTO

**O MARECHAL CÂNDIDO RONDON – DADOS GEOGRÁFICOS DO
GEOCIENTISTA E A IDEALIZAÇÃO DO CENTRO GEODÉSICO DA
AMÉRICA DO SUL NO ESTADO DE MATO GROSSO**

*Memória de Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de Geografia, no
Programa de Pós-Graduação em Geografia
para obtenção do título de Mestre em
Geografia sob a orientação do Professor
Doutor HDR Deocleciano Bittencourt Rosa.*

CUIABÁ, MT

MARÇO/2012

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

P279m Paschoiotto, Pedro Arnaldo.

O Marechal Cândido Rondon: dados geográficos do geocientista e a idealização do Centro Geodésico da América do Sul no Estado de Mato Grosso / Pedro Arnaldo Paschoiotto. – 2012.

106 f.: il. color. ; 30 cm.

Orientador: Deocleciano Bittencourt Rosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Cuiabá, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Centro Geodésico da América do Sul. 2. Rondon, Cândido Mariano da Silva, 1865-1958 – Biografia. 3. Centro Geodésico – Cuiabá-MT. 4. Centro Geodésico – Chapada dos Guimarães-MT. 5. Comissão Rondon – Mato Grosso. I. Título.

CDU 911.2:528(817.2)

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Jordan Antonio de Souza - CRB1/2099

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada à fonte

PEDRO ARNALDO PASCHOIOTTO

**O MARECHAL CÂNDIDO RONDON – DADOS GEOGRÁFICOS DO
GEOCIENTISTA E A IDEALIZAÇÃO DO CENTRO GEODÉSICO DA
AMÉRICA DO SUL NO ESTADO DE MATO GROSSO**

Defendida Publicamente – Março de 2012 perante a Banca examinadora

Prof. Dr. HDR. Deocleciano Bittencourt Rosa – Presidente/Orientador

Prof. Dr. Leonardo Cristian Rocha – Examinador Externo

Prof. Dr. Cornélio Silvano Vilarinho Neto – Examinador

CUIABÁ, MT

MARÇO/2012

Dedicatória

“Os homens, perdem a saúde para ganhar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperar a saúde. (...) e vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido”.

Dalai Lama

Rondon

*Na travessia imensa do sertão
Na catequização dos Parecis
E outros indígenas destes Brasis,
Só a mácula figura de Rondon,*

*Seria o derradeiro Bandeirante
Anchieta sem cruz, mas com a bondade.
O amor e a férrea força de vontade
A serviço da Paz. E, tão radiante,*

*Deixou seu feito na História gravado,
Glória, pois, a quem tanto trabalhou!
Mato Grosso, se orgulha do ilustrado.*

*Filho, que honrou, fazendo-o conhecido
Além-pátria. E assim, sua lição ficou
Ao povo brasileiro agradecido.*

Amidicis Diogo Tocantins

(São Paulo, 18/11/1963)

INDICE

A) LISTAGEM DE SIGLAS E ABREVIACOES.....	9
B) LISTAGEM DE FIGURAS.....	10
AGRADECIMENTOS.....	11
RESUMO.....	12
RESUME.....	13
1 – INTRODUÇÃO.....	14
2 – DADOS GEOGRÁFICOS.....	16
2.1 – América do Sul.....	16
2.2 – O Estado de Mato Grosso.....	16
2.3 – A Cidade de Cuiabá.....	19
3. DADOS ACERCA DO MARECHAL CNDICO MARIANO DA SILVA RONDON.....	21
4 – RONDON, O Geógrafo.....	28
5. – RONDON E AS CONCEPOES POSITIVISTAS.....	40
6. – A COMISSÃO RONDON.....	41
6.1 – Os Serviços Astronômicos e o Sextante.....	45
6.2 – O Primeiro Mapa.....	46
6.3 – Estava Concluído o Primeiro Mapa de Mato Grosso.....	52

7 – A CONSTRUÇÃO DO OBELISCO.....	53
7.1 – O Marco no Campo D’Ourique.....	56
8 – AS NOVAS TÉCNICAS DE PRECISÃO.....	59
8.1 – Análise e Discussão.....	62
9 – OS INTERESSES E AS CONTROVÉRSIAS.....	66
9.1 – O Marco no Campo D’Ourique - Simbolismo e Significado.....	66
9.2 – Resposta de Anibal Alencastro.....	77
9.3 – Ciência no Céu.....	79
9.4 – Geodésia... Chapada ou Cuiabá.....	82
9.5 – Controvérsias quanto à localização.....	83
9.6 – Esotéricos reconhecem ponto em Chapada.....	85
9.7 – O Centro Geodésico da América do Sul segundo o Google Earth..	86
9.8 – Duplicidade do Marco Geodésico gera confusão aos turistas e visitantes em Cuiabá e Chapada dos Guimarães.....	88
9.9 – A Polêmica acerca do local do Centro Geodésico reacendida.....	90
9.10 – Lutero afirma que o Centro Geodésico da América do Sul é aqui	92
9.11 – O Acordo Diplomático encerra a discussão sobre o Centro Geodésico da América do Sul.....	94
10 – ÍCONE CUIABANO.....	95
11 - PORTARIA N° 045/2009.....	97
12 - PROJETO ARQUITETÔNICO.....	99
13 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
14 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

A) LISTAGEM DE SIGLAS E ABREVIATÓES

BN – Biblioteca Nacional

COM – Comissão

CNG – Conselho Nacional de Geografia

CCLTMT – Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Mato Grosso

CNPI – Conselho Nacional de Proteção aos Índios

DSG - Diretoria de Serviço Geográfico

GIS - Sistemas de Informações Geográficas

GPS – Global Positioning System

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IHGMT – Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

NASA - National Aeronautics and Space Administration

SCCMT - Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UNIVAG – Universidade de Várzea Grande

B) LISTAGEM DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Estado de Mato Grosso.....	17
Figura 2: Localização do município de Cuiabá.....	19
Figura 3: Vista parcial da cidade de Cuiabá.....	19
Figura 4: Candido Mariano da Silva Rondon.....	21
Figura 5: Mapa Mundi (Meridiano Rondon).....	25
Figura 5: Expedição Roosevelt – Rondon.....	28
Figura 7: O Chefe da Comissão com seus Ajudantes.....	42
Figura 8: Sextante.....	45
Figura 9: Carta Sintética de Mato Grosso.....	48
Figura 10: Mapa de Localização do Brasil (novo Rio Theodoro).....	50
Figura 11: 1º Marco Geodésico.....	53
Figura 12: 2º Marco Geodésico.....	54
Figura 13: Bandeira do Estado de Mato Grosso.....	55
Figura 14: Localização do Centro Geodésico da América do Sul.....	58
Figura 15: Folha Topográfica.....	59
Figura 16: Sede do INPE de Cuiabá.....	60
Figura 17: Certidão da Fundação Candido Rondon.....	62
Figura 18: Bolo de aniversário de Cuiabá.....	63
Figura 19: Escudo do Cuiabá Esporte Clube.....	64
Figura 20: Imagem de Satélite.....	84
Figura 21: Imagem de Satélite.....	86
Figura 22: Marco RN (Referencial de Nível).....	88
Figura 23: Placa fixada no mirante da Chapada dos Guimrães.....	92
Figura 24: Centro Geodésico da América do Sul.....	95
Figura 25: Projeto Arquitetônico.....	98
Figura 26: Projeto Arquitetônico.....	99
Figura 27: Projeto Arquitetônico.....	99
Figura 28: Certificado de 1992.....	100

AGRADECIMENTOS

Ao amigo, Orientador e Professor Dr. *Deocleciano Bittencourt Rosa*

A Prof^a Co-Orientadora Doutoranda *Lucelma Aparecida Nascimento*

A todos da minha Família

Aos professores do Departamento de Geografia

Aos professores da banca examinadora:

Prof. Dr. *Leonardo Cristian Rocha*

Prof. Dr. *Cornélio Silvano Vilarinho Neto*

E aos colegas do Curso de Mestrado 2010/2011

RESUMO

Esta Memória de Dissertação de Mestrado em Geografia apresenta as evidências conceituais acerca do termo “Centro Geodésico da América do Sul”, que é utilizado nas diversas aplicações científicas, isto porque o marco representativo é um ícone da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, situado na Região Centro-Oeste do Brasil, referenciado nas manifestações culturais do povo matogrossense. Desta forma buscamos aqui compreender as questões referentes quanto à posição do marco, aos que dizem que a mesma está correta, e que outros dizem ser no município de Chapada dos Guimarães. Outro fato é o de mostrar as diversas publicações existentes acerca do Centro Geodésico da América do Sul, haja vista que o marco é um importante tema de discussões na cartografia, a partir do momento em que foi fixado pela Comissão Rondon em 1909, e que serviu de base para a elaboração da Carta de Mato Grosso, que teve sua primeira versão impressa em 1922. No decorrer dos anos foram adicionadas ao mapa informações de caráter: topográficos, astronômicos e etnográficos. Tal fato determinou mais de 200 coordenadas geográficas, assim como inscreveu na cartografia brasileira 12 rios, até então desconhecidos, corrigiu informações sobre os cursos de outros tantos e apresentando sua versão final em 1952. Nesses estudos procuramos mostrar o que representará esse feito da lendária Comissão Rondon e de seu chefe, Cândido Mariano da Silva Rondon, em face dos trabalhos que realizou que são apresentados como mais uma das ferramentas utilizadas na Geopolítica do Estado Nacional Brasileiro. A cidade de Cuiabá é o Centro Geodésico da América do Sul. O título significa apenas que a mesma está localizada bem no centro do continente.

PALAVRAS CHAVES: América do Sul, Centro Geodésico, Rondon.

RESUME

Cette mémoire de dissertation du Master en Géographie présente les évidences conceptuelles sur le terme « *Centro Geodésico da América do Sul* » (Centre Géodésique de l'Amérique du Sud), qui est utilisé dans les plusieurs applications scientifiques, cela parce que le poteau indicateur représentatif c'est un icône de la ville de Cuiabá, capital de l'Etat de Mato Grosso située dans la Région Centre-Ouest du Brésil, référentielle dans les manifestations culturelles du peuple de l'Etat de Mato Grosso. Dans cette forme nous cherchons ici comprendre les questions concernantes à la position du poteau indicateur, aux qui dirent d'être dans le district de Chapada dos Guimarães. Autre fact est de montrer les plusieurs publications qui existent sur le Centre Géodésique de l'Amérique du Sud, en sachant que ce poteau indicateur est un important thème de discussions dans la cartographie, à partir du moment en que a été fixé pour la Commission Rondon, dans l'année 1909, et que a servi de base par l'élaboration de la Carte de Mato Grosso, qua a eu sa première version imprimé à 1922. Au découler des années, ont été additionnées dans la carte des renseignements de caratères : topographiques, astronomiques et ethnographiques. Tel fact a déterminé plus de 200 coordonnées géographiques, ainsi comme, a inscrite dans la cartographie brésilienne 12 rivières, jusqu'à ce moment là inconnues. Elle a corrigé les informations sur les cours des autres rivières et ruisseaux, et en présentant sa version finale de l'année 1952. Dans ces études nous avons essayé de montrer ce que représentera ce fait de la légendaire Commission Rondon et de leur chef, *Cândido Mariano da Silva Rondon*, en face des travaux qui a réalisé qui sont présentés comme plus d'une outils utilisées dans la Géopolitique du Etat National Brésilien. La ville de Cuiabá est le Centre Géodésique de l'Amérique du Sud. Le titre signifie à peine que la même est localisée bien dans le centre du continent. Un obélisque a été soulevé dans la *Praça Moreira Cabral* pour indiquer le point central entre les Océans Pacifique et Atlantique devant la siège de la Chambre Municipale de Cuiabá.

1 – INTRODUÇÃO

Esta descrição é fruto da discussão assitada na mídia local, quanto à localização do Centro Geodésico da América do Sul - Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso ou o município de Chapada dos Guimarães!

A pesquisa foi elaborada com base na revisão conceitual, mostrando a genese dos fatos e as evidencias da implantação e a importância que representa o “Marco Geodésico” fixado pela “lendária” Comissão Rondon e de seu chefe, Cândido Mariano da Silva Rondon, os trabalhos realizados e que foram apresentados como mais uma das ferramentas utilizadas na geopolítica do Estado Nacional Brasileiro.

A procura das fontes, documentos e bibliográficas, torna-se imprescindível para que não haja duplicação de esforços, visando mostrar o caráter acadêmico acerca da implantação do marco geodésico e suas influencias na produção regional.

As citações feitas nos principais veículos de comunicação foram reunidas e as conclusões a que outros autores chegaram permitem salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar as contradições e reafirmar a sua importância.

A justificativa apresentada por Rondon, em sua biografia, para a elaboração do Marco Geodésico e a Carta Geográfica do Estado de Mato Grosso é a da realização do sonho patriótico de um homem predestinado e devotado ao rigor científico. Segundo relata em suas memórias, ainda quando aluno do Colégio Pedro II, desejava “[...] *desvendar os mistérios de uma faixa interior do Brasil [...]*”, onde desde os tempos do Império, “[...] *se lia, em todos os mapas a palavra ‘desconhecido’*”, referente à parte norte e leste da então província de Mato Grosso (MAGALHÃES, 1929, p. 285).

O Marco Geodésico e a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas foram produzidos pela Comissão Rondon, os feitos foram realizados durante anos e foram finalizados em 1952, portanto trata-se de uma produção dirigida com objetivo de avançar, conhecer, mapear a região Oeste do Brasil.

Os documentos pertinentes ao Marechal Candido Rondon, referentes o Marco Geodésico podem estar espalhados em locais diferentes, como: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Estados Unidos e Outros.

Esse interesse consiste nos verdadeiros fatos que ocorreram na ocasião da implantação do marco geodésico no campo D’Ourique, pela Comissão de Rondon, tendo em vista a importância dos fatos, tanto cartográfico como turístico.

É fato e com certa frequência a necessidade de se definir o centro de uma região, que pode estar vinculada em algum ponto da superfície terrestre. Estes centros contêm interpolações de propriedade geográfica, alguns fatores que possibilitam e/ou minimizam certas intervenções de natureza humana como: A definição de uma capital da unidade da federação, prédios, indústrias, hospitais, monumentos, entre outros.

No Brasil a denominação de “Centro Geodésico da América do Sul” aparece constantemente na imprensa, referindo-se a um marco estabelecido pela Comissão de Rondon, em 1909. Este marco está localizado na Praça Moreira Cabral, em frente à Câmara Municipal de Cuiabá, no centro de Cidade.

A Comissão do Marechal Rondon, elaborou os cálculos visando determinar as coordenadas geográficas, sob o comando do 1º Tenente Astrônomo Renato Barbosa Rodrigues Pereira. O marco Geodésico da América do Sul foi fixado nas coordenadas de Latitude de 15°35'56" Sul da linha do Equador e a Longitude de 56°06'05" Oeste do Meridiano de Greenwich. Na atualidade podemos confirmar sua presença a 2°19’ à direita do Meridiano Rondon.

Esse termo também apareceu em artigo do XIV Congresso Brasileiro de Cartografia, foram apresentados os procedimentos adotados para a definição do Centro Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, utilizando cartas na escala 1:250.000 da Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG).

Diante do proposto e dos fatos fizemos uma pesquisa visando esclarecer os caminhos elaborados por Rondon na implantação do marco, sua utilização e reconhecimento, pois se trata de um monumento de referência centenário da maior importância para a cartografia brasileira.

Por definição podemos entender que Centro Geodésico é um ponto, do seu interior, que minimiza a maior distância entre si e um ponto qualquer do polígono. No caso específico da América do Sul, o Centro Geodésico é um Ponto Equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, no Centro do continente da América do Sul.

2 – DADOS GEOGRÁFICOS

2.1 - América do Sul

A América do Sul ocupa uma área de 17.819.100 km², localiza-se a 60°00' de longitude oeste do Meridiano de Greenwich e a 20°00' de latitude sul da Linha do Equador e com fusos horários -6, -5, -4, -3 e -2 horas em relação à hora mundial GMT.

Abriga doze países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela, e uma população total de 348 milhões de habitantes, representando 6% da população mundial.

Quatro quintos do continente ficam abaixo da Linha do Equador. É banhado pelo mar do Caribe, pelo oceano Atlântico e pelo oceano Pacífico.

Com 17,8 milhões de quilômetros quadrados, a América do Sul une-se à América do Norte pelo istmo da América Central e separa-se da Antártica pelo Estreito de Drake.

A porção oeste é ocupada pela cordilheira dos Andes, cujo ponto mais alto é o monte Aconcágua, com 6.960 metros. As planícies centrais abrigam as bacias hidrográficas dos Rios Orinoco, Amazonas e a do Prata.

Na região norte, onde o clima é equatorial, encontram-se florestas tropicais úmidas.

Os rios que drenam a cordilheira dos Andes em direção ao oceano Pacífico são, em geral, curtos, enquanto os que têm seus cursos em direção ao Atlântico, são extensos, como o Amazonas, Tocantins, São Francisco, Paraná e da Prata.

Nas áreas mais secas do centro localiza-se o Cerrado. O Oeste possui faixas áridas, como o Deserto do Atacama, e uma zona temperada, ocupada por florestas tropicais e pelos pampas argentinos.

2.2 - O Estado de Mato Grosso

Pelo Tratado de Tordesilhas (*de 7 de junho de 1494*) o território do atual Estado de Mato Grosso pertencia à Espanha. Os jesuítas, a serviço dos espanhóis, criaram os primeiros núcleos, de onde foram expulsos pelos bandeirantes paulistas em 1680. Em

1718, a descoberta do ouro acelerou o povoamento regional. Em 1748, para garantir a nova fronteira, Portugal criou a capitania de Mato Grosso e lá construiu um eficiente sistema de defesa.

Durante as bandeiras, uma expedição chegou ao Rio Coxipó em busca dos índios Coxiponés e logo descobriram ouro nas margens do rio, alterando assim o objetivo da expedição. Em 1719 foi fundado o Arraial da Forquilha, as margens do rio Coxiponés formando o primeiro grupo de população organizado na região (atual cidade de Cuiabá). A região de Mato Grosso era subordinada a Rodrigo César de Menezes, para intensificar a fiscalização da exploração do ouro e a ida de renda para Portugal.

O governador da Capitania muda-se para o Arraial e logo a eleva em nível de Vila chamando de Vila Real do Bom Jesus de Cuyabá. Com os tratados de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777), Espanha e Portugal estabeleceram as novas fronteiras. A produção de ouro começou a cair no início do século XIX. Em 1901, ocorreu um movimento separatista temporariamente controlado.

O Estado do Mato Grosso (Figura 1) está localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, faz divisas com os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Amazonas, Rondônia, Tocantins e fronteira com a Bolívia. É o terceiro maior estado do país em extensão territorial. Mato Grosso apresenta a menor densidade demográfica dos três estados do Centro-Oeste.

Os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul compunham um único estado brasileiro. No entanto, em 1977 o governo federal decretou a divisão do mesmo, alegando dificuldade em desenvolver a região diante de sua grande extensão e diversidade. O norte, menos populoso e mais pobre, permaneceu como Mato Grosso. O sul do território, mais próspero e populoso, passou a ser Mato Grosso do Sul.

A extensão territorial do Mato Grosso é de 906.069 quilômetros quadrados, conforme contagem populacional realizada em 2010 (IBGE) totaliza 3.035.122 habitantes distribuídos em 141 municípios. O crescimento demográfico é de 1,9% ao ano; a densidade demográfica é de aproximadamente 3,3 hab/km². A população mato-grossense se distribui de forma desigual, com desertos demográficos ao norte e áreas urbanas populosas, como Cuiabá e Várzea Grande.

O relevo do Estado de Mato Grosso é variável de plano a de planície, de planaltos, a serrana, com altitudes entre 400 e 1.100 metros, e áreas de planície pantaneira, sempre inundada pelo rio Paraguai e seus afluentes. É caracterizado por planalto e chapadas no

centro, planícies inundáveis a oeste e depressões e planaltos residuais a norte. O ponto mais elevado é a serra Monte Cristo, com 1.118 metros de altitude.



Figura 1 – Localização do Estado de Mato Grosso
Fonte: Adaptado por Pedro Arnaldo Paschoioto

A cobertura vegetal é composta por Cerrado com presença de Campo Cerrado, Campo Sujo, Campo Limpo, Matas Ciliares e Galerias, Cerradão, áreas desmatadas e Florestas. O clima é tropical a estações contrastadas (DURAND-DASTÉS, 1968).

Os principais rios do estado são: Araguaia, Aripuanã Cuiabá, das Mortes, Juruena, Paraguai, São Lourenço, Teles Pires, Xingu.

No significado da bandeira do Estado o azul representa o céu; o branco, a paz; e o verde, a extensão territorial. A estrela amarela simboliza o ideal republicano e as riquezas minerais do Mato Grosso.

2.3 - A Cidade de Cuiabá

A cidade de Cuiabá é Capital do Estado de Mato Grosso. O município está situado na margem esquerda do rio de mesmo nome e forma uma conurbação com a cidade de Várzea Grande. Segundo a estimativa realizada para 2009 pelo IBGE, a população de Cuiabá é de 551.350 habitantes, a região metropolitana possui quase 1 milhão habitantes.

Fundada em 1719, ficou quase estagnada desde o fim das jazidas de ouro até o início do século XX. Desde então, apresentou um crescimento populacional acima da média nacional, atingindo seu auge nas décadas de 1970 e 1980.

É conhecida como "cidade verde", por causa da grande arborização. Limita com os municípios de Chapada dos Guimarães, Campo Verde, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande, Jangada e Acorizal.

É um entroncamento rodoviário-aéreo-fluvial e o centro geodésico da América do Sul, nas coordenadas 15°35'56",80 de latitude sul e 56°06'05",55 de longitude oeste. Situado na atual Praça Pascoal Moreira Cabral, foi determinado por Marechal Cândido Rondon, em 1909, cálculos feitos pelo Exército Brasileiro confirmaram as coordenadas do marco calculadas por Rondon.

O município é cercado por três grandes ecossistemas: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal, e ainda é considerada a porta de entrada da floresta amazônica. A vegetação predominante no município é o cerrado, desde suas variantes mais arbustivas até as matas mais densas à beira dos cursos d'água.

O clima é tropical e úmido. As chuvas se concentram de setembro a maio, enquanto que no resto do ano as massas de ar seco sobre o centro do Brasil inibem as formações chuvosas. Cuiabá é abastecida pelo rio Cuiabá, afluente do Rio Paraguai e limite entre a capital e Várzea Grande. O município se encontra no divisor de águas das bacias Amazônicas e Platina e é banhado também pelos rios Coxipó-Açu, Pari, Mutuca, Claro, Coxipó, Aricá, Manso, São Lourenço, das Mortes, Cumbuca, Suspiro, Coluene, Jangada, Casca, Cachoeirinha e Aricazinho, além de córregos e ribeirões.

A cidade de Cuiabá (Figura 2 e 3) tem diversos atrativos turísticos por estar situada em uma região de variadas paisagens natural, como a Chapada dos Guimarães e o Pantanal, e por ser um município muito antigo, com um patrimônio histórico importante. O turismo de eventos também é crescente no município.

A arquitetura da área urbana inicial de Cuiabá, como em outras cidades históricas brasileiras, é tipicamente colonial, com modificações e adaptações a outros estilos (como o neoclássico e o eclético).



Figura 2 – Localização do município de Cuiabá (2010)
Fonte: Adaptado por Pedro Arnaldo Paschoiotto



Figura 3 – Vista parcial da cidade de Cuiabá (2010)
Fonte: Site www.cuiaba.mt.gov.br

3 – DADOS ACERCA DO MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

a) Rondon, o mato-grossense

Cândido Mariano da Silva, nasceu em 05/05/1865, em Mimoso, na Sesmaria denominada Morro Redondo, município de Santo Antônio do Leverger. De descendência indígena, em suas veias corriam sangue dos índios Terena e Bororo, por parte da avó materna e, dos índios Guaná por parte da avó paterna.

Sua mãe Claudina morreu quando Cândido tinha apenas dois anos de idade. Seu pai, também faleceu prematuramente, e em seu leito de morte, preocupado com o destino do filho, pediu ao seu irmão, Manoel Rodrigues da Silva Rondon, que promettesse que quando Cândido estivesse na idade de estudar o levaria para Cuiabá, pois "o menino é muito vivo e deve ter uma oportunidade e um dia será orgulho para nossa terra".

Cândido, órfão de pai e mãe, ficou com seus avós Maria Constança e João Lucas Evangelista e iniciou seus estudos em Mimoso causando admiração pela facilidade que tinha para aprender e logo começou a ler.

Seu tio Manoel, não esquecendo a promessa feita ao irmão no leito de morte, vai até Mimoso buscar o sobrinho para estudar em Cuiabá, os avós são totalmente contra e relutam em permitir a vinda de Cândido para Cuiabá.

Contrariando o avô do menino, mas cumprindo a promessa que fez ao irmão, o Senhor Manuel Rodrigues da Silva Rondon, levou o menino para Cuiabá e o matriculou no Liceu Cuiabano, onde se diplomou professor com apenas 16 anos de idade.

Incentivado pelo tio, resolveu então entrar para o Exército. Lá se destacou em todas as turmas de que participou.

Côncio da vocação que o impelia à carreira das armas, Cândido, sempre com incentivo e apoio do tio, se muda para o Rio de Janeiro, onde residiu de 1881 a 1889.

Em suas lembranças: "Era a minha vida austera e afanosa. Não perdia um minuto, consagrando todo o meu tempo, toda a minha capacidade moral, intelectual e prática, ao objetivo único de vencer com brilho - vencer para regressar a Cuiabá, e realizando o voto de meu pai, servir à minha Terra".

Admirador de Benjamim Constant, optou pela República e pela filosofia de Augusto Comte, acreditava como esse, na criação de uma sociedade ideal, tendo "o amor como princípio, à ordem como base e o progresso como fim".

Em 1890, diplomou-se Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, pela Escola Superior de Guerra do Brasil.

b) O nome "Rondon"

Em homenagem ao seu tio, Manuel Rondon, Cândido requereu ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar ao seu nome o sobrenome do tio RONDON. O Ministro da Guerra, através da *portaria n° 28, de 1890*, deferiu seu pedido, daí então, Cândido passou a se chamar CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON (Figura 4).

05/05/1865, Mimoso (MT)
19/01/1958, Rio de Janeiro (RJ)



Figura 4: Cândido Mariano da Silva Rondon
Fonte: Enciclopédia Wikipédia

c) Rondon, e a Expedição

Com a necessidade do estabelecimento de comunicação entre as diversas Províncias e o Rio de Janeiro, que era a sede do governo Federal, decidiu-se pela construção de uma linha telegráfica ligando Franca a Uberaba, Goiás a Cuiabá, para tal foi criada a "Comissão Construtora de Linhas Telegráficas".

A "Comissão Cuiabá", responsável pelos trabalhos situados à margem esquerda do Araguaia, por indicação de Floriano Peixoto, foi chefiada pelo Major Carneiro, tendo Rondon como ajudante.

Construída a etapa Cuiabá-Araguaia, em 30/04/1891, partiu para a complementação das ligações telegráficas com a zona da fronteira, com mais de 1.746 quilômetros

alcançando Corumbá, Porto Murtinho, Bela Vista e Cáceres, divisa com a Bolívia e ainda por Coxim, Nioaque, Miranda, Livramento e Poconé.

Rondon não se limitou a trabalhar na instalação de linhas telegráficas de Mato Grosso, empenhou-se em investigar, pesquisar, observar a geografia, a cartografia, a fauna e a geologia, visando marcar pontos ainda desconhecidos nos mapas da época.

Ao cabo da sua missão, havia desbravado e estudado uma superfície de cerca de 500 mil quilômetros quadrados, equivalente ao território da Espanha; desempenhando importante papel nos trabalhos de definição das fronteiras.

d) Rondon, o cientista

Além de sua tarefa, Rondon, empreendeu pesquisas, investigações, explorações e observações no campo da geografia, cartografia, flora, fauna, geologia, orografia e estudos relativos à origem da hidrografia, coordenadas geográficas para futuras operações geodésicas, composição do solo, variedades botânicas, através de trabalhos científicos.

Os resultados de suas pesquisas foram encaminhados ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Continham 23.107 exemplares de Botânica, Zoologia, Mineralogia, Geologia e Antropologia. Muitas espécies novas e até famílias, nos domínios da história natural, tomaram denominações derivadas do seu nome, como homenagem.

A expedição Rondon, que acabou ficando conhecida no mundo inteiro com esse título, devido às descobertas científicas e pesquisas inéditas desenvolvidas e catalogadas por Marechal Rondon, de repente se via composta de cientistas e especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, que vinham do mundo todo para trabalhar ao lado de nosso humilde mato-grossense.

O Presidente Americano Theodore Roosevelt também participou dessa expedição de 1913 a maio de 1914. Em sua homenagem Rondon nomeou o rio "da Dúvida" para Rio Roosevelt.

A Inspeção de Fronteiras resultou em cerca de 50 publicações contendo 13 mapas que possibilitaram acordos e convênios internacionais fixando definitivamente os contornos do território brasileiro.

Mato Grosso deve a Rondon a primeira carta geográfica do Estado, na qual corrigiu traçados de rios, direção e nomenclatura de serras, posições topográficas de cidades, vilas e povoados. Realizou reconhecimento de rios até então inexplorados, estabeleceu índice de vegetação e coeficiente pluviométricos e levantou dados antropológicos de várias regiões.

Estabeleceu, em 1909, o Centro Geodésico da América do Sul, em Cuiabá, no Campo D'ourique, hoje Praça Moreira Cabral, sede do Poder Legislativo, reconhecido pela Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército, cuja carta foi homologada em 1975.

e) *Rondon, o indigenista*

Não só por ser descendente de indígenas, Rondon sempre afixava ao longo das linhas telegráficas, que iam instalando, cartazes advertindo que: "Quem, d'ora em diante, tentar afugentar os índios de suas legítimas terras terá de responder perante o chefe desta Comissão", Comando do Exército Brasileiro, sendo assim nenhum aventureiro se habilitava a descumpri-la.

Demonstrava o respeito para com os Índios, orgulho de sua origem. Em seu contato com os índios Nhambiquaras, a Comissão foi atacada por flechas, mas a preocupação de Rondon era a de que os soldados não reagissem e empreendessem imediata retirada. Com muita paciência estes e outros índios da vasta região central do Brasil foram pacificados, chegando a venerá-lo como Grande Chefe. Muitos se integraram à Comissão de Rondon, que desde a sua primeira missão foi auxiliada por duas centenas de índios Bororos que para tomarem parte na expedição impuseram uma única condição: a de serem comandados pelo "Grande Chefe", Rondon.

Assim viveu Rondon: chegando a lugares onde nunca estivera o homem branco, estendendo fios de linhas telegráficas pela vastidão dos campos e cerrados, abrindo passagem nas profundezas da selva. Via com compreensão a hostilidade dos nativos e sabia ser legítimo seu temor e justificada a beligerância dessas nações frente à ameaça de invasores brancos, resolvidos a explorar, ocupar e quase sempre, usurpar terras cuja posse lhe parecia tão natural quanto ao ouro que brotava da terra, a água que bebiam e o ar que respiravam.

Para toda essa inocência paradisíaca, Rondon fez de seu lema uma doutrina, transmitida a seus comandados: "*Morrer, se preciso for. Matar, jamais*", fazendo assim com que todos que estabelecessem contatos com os indígenas, dispensassem a estes um tratamento digno, responsável e respeitável.

A criação do Serviço de Proteção ao Índio, em 1910, e do Parque Nacional do Xingu aprovado em 1952, marcou admiravelmente a sua obra a favor da população indígena brasileira.

O "Congresso de Raças" reunido em Londres, em 1913, homenageou RONDON, sob aplausos, apontando-o como exemplo a ser imitado "para honra da civilização universal" e recomendado a todas as nações, o método de atração de grupos indígenas. Os princípios e ideais que Rondon estabeleceu como regra e que norteou todo o seu trabalho e sua vida, servem até hoje como divisas do Brasil, a serem adotados por outros povos.

f) Rondon, na política

Por ocasião da Revolução de 1930 foi prisioneiro pelas forças custodiadas, por ordem do Chefe da Revolução, Getúlio Vargas. Oswaldo Aranha procurou obter a sua adesão ao movimento e Rondon, negou-se a atendê-lo, já que condenava recorrer às armas para a solução de problemas políticos.

Rondon tinha postura firme e afirmava que "só uma revolução moral poderia solucionar os Problemas do Brasil".

Importantes cargos públicos lhe foram oferecidos e propostas a cargos eletivos foram várias. Seu nome chegou a ser lembrado como candidato de conciliação à sucessão Presidencial. Porém nunca se deixou fascinar pelo estrelismo sendo, até a sua morte, um homem simples, mas com idéias e ideais mais elevados que os brilhos passageiros que lhe foram propostos.

Condecorações e homenagens prestadas pelo Brasil, pelas nações estrangeiras, sociedades científicas nacionais e internacionais:

g) Condecorações Nacionais

- Gran Cruz da Ordem do Mérito Militar - Brasil
- Medalha Militar de Prata, Ouro e Platina do Exército Brasileiro, (por ter complementado respectivamente, vinte, trinta e quarenta anos de serviço sem nota alguma que o desabonasse).
- Medalha de Ouro - "Mérito" da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

h) Condecorações Estrangeiras

- Medalha de Prata - "Medalha Crévaux" da Sociedade de Geografia de Paris.
- Medalha de Bronze - "The Explore's Club" dos Estados Unidos da América do Norte.
- Gran Cruz da Legião de Honra (Comendador) França.
- Comendador da Ordem La Couronne da Bélgica - pelo Rei Adalberto, com as seguintes palavras: "pelo bem que o senhor tem feito a Humanidade".

- Membro de Honra da "La Societé Suisse Des Americanistes".
- Grande Oficial da Ordem "El Sol" (Peru)
- Grande Oficial da Ordem de Boyacá (Colômbia)
- Gran Croce Dell Ordine AL Merito della Republica (Itália).

i) Homenagens Estrangeiras

- "Prêmio Livgstone" da Sociedade de Geografia de Nova York, 1914.
- É o terceiro nome registrado, em letras de ouro, no livro de Honra da Sociedade Geográfica de Nova York, juntamente com os descobridores do Pólo Sul e do Pólo Norte.
- Indicado duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, sendo uma delas pelo destacado físico Albert Einstein, e único homem a dar nome a um meridiano terrestre, o de número 52, MERIDIANO RONDON (Figura 5): No seu trabalho “Idées sur La Physiographie Sud-Américaine”, o general Jaguaribe de Matos, caracterizando uma linha ininterrupta, desde o mar, na foz do Essequibo, na costa da Guiana Inglesa, até a foz do rio da Prata, denominou-se por ficção geográfica, “Meridiano Rondon” com aprovação dos membros do 3º Congresso Internacional de Histórias das Ciências (Portugal 1934).

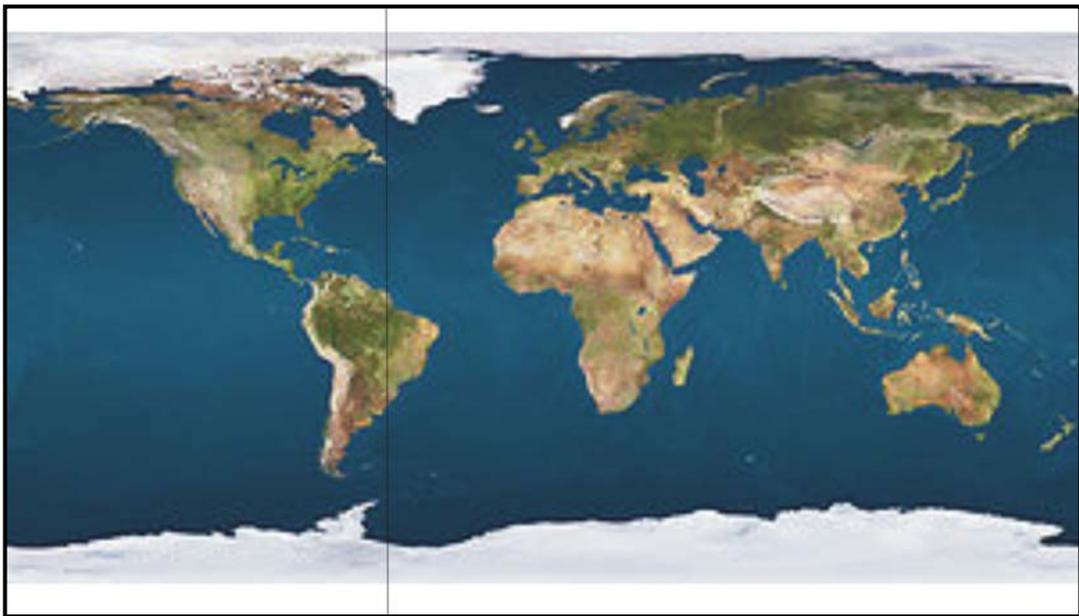


Figura 5: Mapa Mundi (Meridiano Rondon)
 Fonte: Enciclopédia Wikipédia

j) Diplomas Diversos

Diplomas diversos - cerca de 30 diplomas, diversos de Presidente honorário, Membro de Honra, Membro Efetivo, Membro Correspondente, da Sociedade de Geografia, de História e de Instituições Científicas diversas, tanto brasileiras, como estrangeiras.

E outras inúmeras homenagens prestadas pela Presidência da República do Brasil, Congresso, Senado, Câmara dos Deputados, Assembléias Legislativas, Governos Estaduais, Prefeituras e Câmaras Municipais.

Os membros do 3º Congresso Internacional de História das Ciências em Portugal, 1934; deu a denominação "*Meridiano Rondon*" a uma linha líquida ininterrupta, desde o Mar na foz do Rio Essequibo, na Costa da Guiana Inglesa, até a foz do Rio Prata. São somente dois meridianos que tem denominação: o de Greenwich e o Rondon.

O Marechal RONDON, foi distinguido como antropólogo, etnólogo, sociólogo, geógrafo, sertanista, indianista. Mais do que tudo, porém, foi ele um humanista, um civilizador, um intelectual cômico da prevalência do Homem no Universo, sabedor de que não há nada maior nem mais nobre do que a vida humana. Daí o valor que dispensou aos índios, a atenção com que os distinguiu, a importância que lhes deu como sujeitos de uma história, como senhores de uma cultura, e como mantenedores de uma tradição.

Seu falecimento ocorreu no dia 19 de janeiro de 1958 na cidade do Rio de Janeiro em seu apartamento em Copacabana, sua lacuna foi sentida no mundo inteiro de onde chegaram manifestações de pesar ao governo brasileiro.

4 - RONDON, O Geógrafo

Às merecidas homenagens que se prestam à memória do maior dos desbravadores dos nossos sertões, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, no 1º centenário de seu nascimento, em maio do corrente ano, juntaram-se as que lhe fizeram os paulistas, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Uma das conferências da noite de 5 de maio foi a do Professor Aroldo de Azevedo, Diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo e sócio efetivo da A. G.B., cujo tema “Rondon, o Geógrafo”, é o que transcrevemos:

“Págui mijera aregódo, Boe-mijera curiréu!” – o que quer dizer: “Nosso Chefe chegou, o grande Chefe dos Borôro!”.

Foi com estas palavras que um aluno do Liceu Salesiano, Tiago Marques Aipoburéu – mais tarde consagrado pela fama -, sob a inspiração poética de Dom Aquino Corrêa, saudou o então Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, ao ser festivamente recebido na cidade Cuiabá, nos idos de 1911.

Palavras que poderiam ter sido pronunciadas quando, em 1889, o jovem Tenente iniciou sua carreira de sertanista emérito, ao unir pelas linhas telegráficas o Araguaia a Cuiabá, sob as ordens do futuro General Gomes Carneiro.

Êle bem as mereceu, entre 1900 e 1906, ao desincumbir-se da árdua missão que lhe entregou o Marechal Mallet, ao estender cêrca de 1.747 km de fios telegráficos até às fronteiras do Paraguai e da Bolívia.

Foi assim também, em 1907, quando o Presidente Afonso Penna entregou-lhe a chefia da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Penetrando no Planalto dos Parecis e explorando o curso do Rio Juruena. Atingindo os confins da Serra do Norte. Trazendo ao conhecimento do mundo a existência dos temidos índios Nhambiquara.

“O grande Chefe chegou!”, em fins de 1913, fazendo-se acompanhar da figura quase legendária do ex-presidente Theodore Roosevelt, a quem ofereceu oportunidade de caçar onças e em cuja companhia percorreu o vale do chamado Rio da Dúvida, que os mapas atuais mostram sob o nome de Rio Roosevelt (Figura 6).



Figura 6 - Expedição Roosevelt-Rondon – Dezembro de 1913 a março de 1914 – Foto do marco do rio que levou o nome do ex-presidente dos Estados Unidos da América – Rio Roosevelt – Ao centro no marco Theodore Roosevelt e Cândido Rondon – Relatório Índios do Brasil. Acervo Amidicis Diogo Tocantins – UFMT.

Foi também assim que poderia ser saudado, ao assumir o comando da Força Expedicionária organizada contra os revolucionários de 1924. Ou quando inspeccionou nossas fronteiras, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas, entre 1927 e 1930.

“O grande Chefe chegou”, quatro anos mais tarde, ao integrar a Comissão Mista Internacional sediada em Letícia, a fim de dirimir o conflito de fronteiras existentes entre Peru e a Colômbia. Chegou para cumprir com rigorosa exatidão sua tarefa de mediano entre duas irmãs. Mas também para sacrificar-se uma vez mais, pois ali que declarou o glaucoma que haveria de cegá-lo para sempre.

Senhoras e Senhores:

Em espírito, “o grande Chefe chegou” também hoje, neste recinto, cem anos decorridos de seu nascimento, para ouvir de nossos lábios e de nossos corações palavras de agradecimento, de exaltação à sua vida exemplar, de homenagem reverente à sua memória gloriosa, de brasileiro digno entre os mais dignos, de patriota entre os que mais foram de verdadeiro exemplo a ser apontado às gerações modernas.

Não se sabe o que mais admirar na figura exponencial cuja vida hoje reverenciamos, ao ensejo do centenário do nascimento do Marechal Cândido da Silva Rondon. Exemplo de energia indomável, que muitas vezes atingiram às raias do inconcebível: era sempre o último a dormir e o primeiro a acordar, quando em viagem, e, ao toque da alvorada, oficiais e soldados já o encontravam barbeado e pronto para a marcha – acentua um de seus biógrafos.

Exemplo de cristalina pureza de caráter, que se patenteou sob a farda do militar, sob a roupa do cidadão, na vida pública como no lar, nas cidades como nos mais longínquos sertões de nossa extensa Pátria.

Quanto mais nos distanciamos da época em que viveu, do tempo em que deixou o conforto da civilização para viver nos pantanais, no cerrado e na selva amazônica, ao contacto com nossos irmãos primitivos (que amava como filhos e tratava como crianças inocentes), quando mais nos distanciamos daquilo que poderemos chamar, sem exagêro, a “Era de Rondon” – sua figura se avulta e se agiganta.

Ao propor na Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida em Cuiabá no mês de julho de 1953, que lhe fôsse outorgado o título de Sócio Honorário, o Prof. Francis Ruellan – mestre francês, que ali se encontrava e também já havia recebido a mesma homenagem – ressaltou com rara felicidade: “Considero o Marechal Cândido Rondon como o último representante da geração dos Livingstones e dos Stanleys”.

Rondon foi, antes de tudo, um explorador de terras desconhecidas, um desbravador na mais exata acepção do termo, digno de ser comparado, por seus feitos e sua inquebrantável coragem, a homens-gigantes do porte de David Livingstone e de Henry Stanley, que desvendaram ao Mundo o enigma das bacias do Zambeze e do Congo, trazendo luz a respeito do “coração da África”.

Sentiu como ninguém, a solidão imensa dos sertões. Porque – como escreveu um de seus companheiros – “o habitante das cidades ou mesmo das fazendas não tem a noção do deserto; naquelas, o homem sente-se sempre acompanhado, percebe que existe a humanidade em derredor de si e, quando está só, dispõe de vários meios para se pôr em contacto com outro ser vivente e racional; e na roça, por mais êrmo que seja o sitio, se não houve o galo que canta na habitação mais próxima, tem sempre a possibilidade de encontrar um ou outro viajante que por ali passa”. Mas, em pleno sertão, tudo é diferente. Tem-se a certeza de que ninguém poderá ouvir um grito de socorro ou uma descarga de espingarda. Não se tem com quem trocar idéias, nem existe possibilidade de ver ninguém.

É preciso servir-se a si mesmo em tudo do que se precisa para viver, contar consigo unicamente para sua defesa, como que sentir o pêso da solidão, no silêncio da floresta. “Um galho sêco que se desprende o vento, os animais que se espantam quando súbitamente dão conosco, os ruídos enfim que, de quando em quando, quabrem a monotonia silenciosa dêsses recantos isolados da terra, só servem para perturbar nossa tranquilidade, despertam-nos olhares inquietos, excitam o mêdo e a coragem – o mêdo como primeira sensação, a coragem para nos pôr em guarda imediatamente, no instinto natural de defesa”.

Rondon conheceu tudo isso em suas encansáveis peregrinações através de outro Brasil, que não é o dos arranha-céus e do asfalto. E sofreu dificuldades de tôda ordem, que podem ser simbolizadas num único exemplo, expresso em suas próprias palavras:

“Ora tínhamos de desvencilhar-nos da insidiosa falta de resistência de otleiros imensos, formidáveis inimigos que vencem, cedendo; logo depois, éramos obrigados a emergir em extensos matagais, inextricáveis espessura que só podíamos romper com a força dos nossos próprios corpos, embora os pés se nos embaraçassem a cada passo no emaranhado dis caniços já dobrados e calçados; seguiam-se as corixas, depressões do terreno por onde, ao entrar o estio, vazam as últimas águas das inundações, recolhendo-se aos leitões dos rios: as enchentes, porém, anunciam-se, invadindo-as e nós as encontrávamos como grandes ribeirões, que atravessávamos a nado, erguendo as espingardas numa das mãos, para se não molharem” (CONFERÊNCIAS, 1915 pag. 31).

Vencendo dificuldades dêsse tipo, Rondon fêz o levantamento do Rio Paraguai, desde as remotas cabeceiras na Serra do araporé – onde corre tranquilo sob o nome de Rio das Pedras-de-Amolar, até a trama complexa de sua rêde de drenagem em terras brasileiras, no labirinto hidrográfico que é o Pantanal matogrossense.

Transportou para o mapa de nosso país, com indispensável exatidão, os cursos dos afluentes e subafuentes da margem direita do Rio Amazonas, dos confins do Madeira e do Guaporé até às terras drenadas pelos formadores do Tapajós, num total de 17 rios até então mal cartografados ou desconhecidos.

Conseguiu definir e caracterizar a região das chamadas águas emendadas, no divisor Amazonas-Prata, faixa de cerca de 600 km de largura, dentro da qual de acordo com as próprias palavras do grande sertanista “as águas das duas maiores bacias da América do Sul se aproximam e por vezes se unem, formando imenso labirinto”.

Conseguiu delimitar a área de contacto fitogeográfico entre a zona dos cerrados e dos domínios da Hiléia amazônica, em pleno Planalto dos Parecis.

Forneceu as bases essenciais para a confecção da notável “Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas”, que a tenacidade do General Jaguaribe de Matos conseguiu ver publicada, após ingentes esforços.

Ouçamos o próprio depoimento de Rondon:

“Graças ao concurso de auxiliares entusiastas e verdadeiramente incansáveis, pude realizar surpreendentes descobertas para a Geografia e para as Ciências Naturais. Ficou incorporada ao patrimônio geográfico uma área de cerca de 200.000 Km², até então virgem, e com ela a representação gráfica e a descrição de grandes rios, novas serras e uma avultadíssima nomenclatura nova, o que acredito seja a maior contribuição geográfica brasileira resultante de um só empreendimento” (MENSAGEM à A.G.B. 1953).

Duzentos mil quilômetros quadrados correspondem à extensão total de um Estado como o Paraná, área maior do que a de muitos países do Mundo, equivalente à Tchecoslováquia e Hungria reunidas. Dizem respeito à larga extensão do norte de Mato Grosso e a grande parte do antigo Território Nacional do Guaporé, que a justiça dos homens fez com que se transformasse no atual Território Nacional de Rondônia.

Repassemos os nomes das unidades políticas de nosso país – velhas denominações que remontam ao período colonial, nomes de santos e nomes de rios, expressões geográficas. Mas Rondônia representa a grande exceção, porque relembra o nome de um Homem, de um Homem com “H” maiúsculo – o único brasileiro que, até este instante, mereceu tamanha honra.

Cândido Mariano da Silva Rondon não a recebeu por motivos políticos eventuais, muitas vezes fortuitos e discutíveis. Recebeu-a no acaso da vida, como inédita homenagem

a quem ofecera toda uma existência ao serviço da Pátria. A denominação sugerida havia tantos anos por Edgard Roquete Pinto conseguira, afinal, sensibilizar nossos homens de Governo. A justiça tardou, mas acabou por se concretizar, sem nenhuma voz discrepante. Porque se alicerçava em fatos positivos, que a História registrara em letras indeléveis.

Ao resumir sua obra hercúlea, como construtor de linhas telegráficas, Rondon escreveu:

“Minha primeira aspiração para prestação de serviços públicos foi a de vir a cobrir um dia todo o território do meu grande Estado natal por uma imensa rede de linhas telegráficas, ligando entre si os mais afastados povoados e integrando-os, pela comunicação direta do pensamento, às outras partes da comunidade brasileira. Acredito haver cumprido, dentro dos limites de minhas forças, essa grande aspiração”.

E acentuou com tôda razão:

“Em nenhum caso no Brasil o telégrafo aéreo sôbre fios atravessa tão vastas, tão desertas e tão ásperas regiões, como as do antigo Noroeste de Mato Grosso e Sul do Amazonas, ligando povoados mergulhados na Hiléia Amazônica a regiões mais ou menos campestres da Bacia da Prata, do sul dos Estados de Mato Grosso e de Goiás”.

Com justificado orgulho, mas dentro de sua conhecida modéstia, acrescentou:

“Sem o procurar, sem mesmo presumir, creio haver batido o “record” das construções telegráficas realizadas no Brasil sob uma mesma Chefia ou superintendência, entregando ou mandando entregar à Repartição dos Telégrafos secções de linhas telegráficas que perfazem o total de 7.350 km de extensão” (MENSAGEM à A.G.B. 1953).

Palavras singelas essas, que escondem realidades surpreendentes e edificantes. Significam que, se postas em linha reta, tais linhas telegráficas construídas pelo Marechal Rondon cobririam quase duas vezes a distância existente entre o pico do Roraima, no extremo norte do país, e a foz do arroio Chuí, no extremo sul. Mas silenciam a respeito dos

imensos sacrifícios, dos perigos constantes, das viagens extenuantes e cansativas feitas a pé, em canoas ou no lombo de burros; da penosa e paciente tarefa de reconstruir o que os índios sorrateiramente destruíam, na inconsciência do que significavam aqueles postes e aqueles fios – a que chamavam a língua de mariano –, a estenderem-se através de picadões infundos.

Nada mais edificante do que a leitura dos Relatórios da Comissão Rondon. Custa crer que os episódios ali narrados tenham tido lugar em pleno século XX, pois mais parecem páginas escritas no século XVIII, por desbravadores peretencentes ao Bandeirismo.

Na personalidade do Marechal Rondon vamos encontrar uma réplica perfeita do Bandeirante do setecentismo. Menos rude, sem dúvida. Mas com a mesma indômita energia, com idêntica coragem, com sacrifícios iguais – apesar de haver vivido Rondon na era da máquina, do automóvel e do avião.

Suas expedições foram geralmente acompanhadas por técnicos capazes e, por isso mesmo, dignas de serem classificadas como verdadeiras expedições científicas. Nelas figuravam topógrafos, geólogos, botânicos, zoólogos, meteorologistas, etnólogos. Nomes como estes, que dispensam qualquer apresentação: Júlio Caetano Horta Barbosa, Amílcar Botelho de Magalhães, Jaguaribe de Matos, Euzébio Paulo de Oliveira, Alberto Betim Paes Leme, Frederico Carlos Hoehne, Alberto Sampaio, Adolfo Lutz, Roquete Pinto e tantos outros.

Para nos certificarmos na natureza e do valor da obra realizada pelo Marechal Rondon, basta que citeamos apenas dois exemplos.

Queremos nos referir, em primeiro lugar, à exploração levada a efeito do vale do Rio-Paraná: 2.202 estações meteorológicas viram-se instaladas, para observações termométricas e barométricas; seções transversais e descargas fluviais foram feitas em todos os cursos d'água atravessados; determinação das coordenadas geográficas, realizadas através de teodolitos e cronômetros; avaliação dos pontos de altitude mais notáveis e verificação dos desvios da agulha magnética; levantamentos estatísticos da população encontrada, como também dos povoados e aldeias; observações sobre as riquezas vegetais existentes e possibilidades de seu aproveitamento; levantamento completo de todas as tribos indígenas, seus modos de vida e suas relações com os civilizados.

Em segundo lugar, cumpre lembrar que, com as expedições de Rondon, o Museu Nacional foi enriquecido com 5.667 espécies animais.

Embora tais Relatórios tenham caráter informativo e não científico fácil será encontrar nêles páginas de inegável valor geográfico.

É o caso da afamada Serra do Norte, “de constituição quase tôda arenítica”, profundamente erodida e circundada por áreas graníticas bastante movimentadas. De acôrdo com dêsses Relatórios, seria ela “constituída pelo rebaixamento do terreno”, e, por tal motivo, “os rios que ali se formam têm os respectivos talvégues em nível inferior aos dos que fluem do grande chapadão” constituído pelo Planalto dos Parecis.

O panorama oferecido por essa elevação do relêvo aos olhos dos homens de Rondon foi considerado esplêndido e enesquecível. “Os esboroamentos do chapadão lá estavam, formando vales enormes que se dirigem do Sul parao equador” – escreveu Rondon. “O fundo dêsses vales, leito doutros tantos rios e riachos, é coberto de extensos buritisais e de matas em que abundam as seringueiras. Os declives e terraços, testemunhas do antigo chapadão, mudos e imotos, revestem-se de gramíneas claras, em contraste com o verde-escuro dos portentosos buritisais. E tudo isso forma conjuntos gigantescos, que se alongam a perder de vista, numa gradação suave para o azul profundo, ainda mais realçado nessa manhã pela brilhante luminosidade do céu límpido e transparente”.

Em relação ao Planalto dos Parecis, a descrição não é menos sugestiva. “Ergue-se êle suavemente para os lados do Guaporé e do Paraguai, vale dizer para Oeste e para o Sul, mas, em tais pontos, fratura-se através de vales profundos, cortados pelos cursos d’água pertencentes às bacias daqueles rios”. “As escarpas dessas colossais erosões, vistas cá de baixo” – esclarece o Relatório – “parecem verdadeira serras e recebem o nome de Cordilheiras dos Parecis”; começam nas nascentes do Arinos e do Paraguai e vão se dilatando, segundo curvas caprichosas, para o Poente e o Noroeste, até a Serra dos Pacaás Novos”.

Nessa área, dominam o cerrado e as matas-galerias. Mas, logo a seguir – palavras textuais -, “a vegetação começa a engrossar, apresentando-se, a princípio, sob a forma do que em Mato Grosso se chama charravascal, e passando depois, gradualmente, para a mata do lorê, ainda pouco alta, e desta para outra maior, da bacia do Gi-Paraná, até atingir, afinal, na região do Madeira, as proporções gigantescas da portentosa Floresta Amazônica”.

Certa vez Rondon foi colhido pela noite muito longe do acampamento, em pleno e intrincado charravascal, sob uma chuva qua caía em torrentes. Como fazer, se Arê, seu guia índio, por desdita havia se ferido na rótula, ficando inutilizado para o trabalho?

Estava no meio de um espesso trançado de varas finas, taquarinhas e gravatás, que tornavam difícil a penetração, área mais fechada que as piores caatingas do Noroeste e comparável aos “espinhais” da Argentina e aos “chaparraís” do México e do Texas.

Que fazer, se seus companheiros o esperavam no acampamento, sem saber exatamente qual o rumo que houvera tomado?

Deixemos que o próprio Rondon nos conte o que, então, aconteceu:

“O único recurso que nos restava, para não ficarmos ali à noite tôda, era o que adotei: tomar frente e, rompendo o charravascal com o pêso do corpo, marchar com firmeza no rumo do acampamento. Alcançamos de fato, o nosso intento, mas em mísero estado, com arranhões profundos por todo o corpo, molhados até a medula e com a roupa em farrapos”
(MISSÃO RONDON, 1916)

O grande sertanista, que só preocupava com o que estariam pensando seus companheiros de acampamento, ainda mais porque vinham sendo encontrados sinais evidentes da presença dos Nhambiquara. Exausto, coberto de sangue, com a roupa molhada e em frangalhos, ignorou-se a si mesmo, para pensar nas angústias dos membros da expedição que chefiava. Que homem!

Em seus relatórios, evidentemente Rondon jamais se preocupou em fazer literatura. Todavia, lendo-se aquelas páginas repletas de dados e informações, podemos muitas vezes encontrar trechos cheios de vida, onde a paisagem é descrita com alma de artista. É o que acontece, por exemplo, quando nos informa sobre o regime climático regional. Chama a atenção para o céu de um azul puríssimo, sem nuvens, por tôda a estação seca, desde maio até fins de setembro. Mas, a situação modifica-se totalmente quando se inicia a estação das chuvas, caracterizadas por fortes descargas elétricas e trovoadas assustadoras, o céu sempre encoberto de nuvens – pesadas umas, com seus contornos fulvos e franjados; outras tênues esgarçadas, transparentes, como se fôssem levíssimos flocos de algodão.

Inúmeras vezes, encontrou Rondon no âmago das florestas, mesmo onde fôssem mais espessas e mais densas as massas vegetais, verdadeiras clareiras, com árvores desarraigadas ajazer por terra, troncos retorcidos e multilados, como se um gigante de força sobrenatural houvesse por ali passado, tudo desmantelando com seu sôpro brutal, da

mesma forma que o fazemos com um castelo de cartas. A descrição e a imagem são do próprio Rondon.

É que, na bacia do Rio Madeira, - explica o grande sertanista brasileiro – “desde as cabeceiras até os últimos pontos de seu profundo vale, os furacões não são raros e, quando passam por sôbre a mataria, abrem nela alongadíssimas clareiras, deixando bem assinaladas a direção e o sentido donde vieram e para onde foram”.

Muito bela, parece-nos, a descrição feita do Pantanal, ao navegar pelo Rio Paraguai, no rumo de São Luís de Cáceres:

“Nessa época do ano (janeiro) – escreveu Rondon, o Pantanal invadido pelas águas que se estendem a perder de vista, terras adentro, coleando por entre os firmes coroados de verdura, apresenta-se como um lago imenso de superfície serena, em que se espalham as belíssimas palmas dos carandás e dos uacurís, de fuste esbelto, lançado para o alto. A vida de toda aquela dilatada região concentra-se nesses encantadores refúgios, emergidos do seio da portentosa inundação: na espessura dos seus arvoredos, vagueia o jaguar famulento, bramindo sob o aguilhão do desejo sexual, que o faz, mais do que nunca, temeroso, enquanto pelas ramadas saltam os grotescos bugios ou pousam os negros bandos de biguás, em contraste com as garças de penas alvíssimas. O romper do dia, tingindo o céu, as terras e o longuíssimo lençol d’água de mil côres cambiantes, pondo nuns lugares sombras profundas e noutros claridades resplandescentes, debrundo a brancura láctea de uma nuvem com avermelgidão mordente de uma braza, marchatando de ouro as ondas esmeraldinas da folhagem, arrebatam-nos a imaginação e atira-nos para fora do círculo em que vivemos fechados pelo jôgo regular dos sentidos e da reflexão”
(CONFERÊNCIAS, 1916).

Entretanto, ao que tudo indica, nenhum outro espetáculo feriu tanto a sensibilidade do Marechal Rondon como o que viu ao visitar a velha e decadente cidade de Mato

Grosso, a antiga Vila Bela da Santíssima Trindade do Mato Grosso, primeira capital da Capitania. De acordo com seu próprio relato, percorreu o vasto Palácio dos Governadores, cujas paredes ostentavam ainda artísticos quadros a óleo. Visitou as ruínas do antigo Quartel, cuja sala principal exibia nas paredes carcomidas pelo tempo, algumas estrofes de Camões. Viu o que restava do edifício da Câmara Municipal, que um incêndio havia destruído e, com ele, seu precioso arquivo. Visitou a Matriz mandada construir pelo Capitão-General Dom João de Albuquerque de Melo Ferreira e Cáceres, como também a veneranda igreja de Santo Antonio, onde pode homenagear os restos mortais de Ricardo Franco e de Adriano de Taunay. Percorreu o cais quadrangular, destinado a defender a igreja de Santo Antonio contra as enchentes do Guaporé. Observou, emocionado, os restos da Igreja do Carmo, a primeira ser construída por ordem de Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, nos idos de 1752, ao lançar os fundamentos da Vila Bela da Santíssima Trindade de Mato Grosso.

A fibra do sertanista invulgar, do desbravador de terras longínquas, do construtor de linhas telegráficas, do “Grande Chefe Borôro” – envolveu-se em profunda tristeza diante daquele espetáculo de ruína e de decadência.

E Rondon escreveu:

“Pouso Alegre foi o seu primeiro nome; mas o único que agora lhe poderia convir seria o de Vila Triste, porque nela só se vêem ruínas grandiosas e evocativas de um passado de pompas e de domínio absoluto, - sem um ruído, sem um movimento, sem uma côr ao menos, capaz de impor aos sentidos a percepção do presente, que todo se dilui e apaga nas sombras do passado e das saudades” (CONFERÊNCIAS, 1916).

Numa tarde ensorralada, a 26 de julho de 1953, na cidade de Cuiabá, mais de 50 geógrafos vindos de todo o Brasil tomaram parte numa cerimônia singela, mas do mais alto significado cívico. Reuniram-se junto ao marco que assinala o centro geográfico da América do Sul, ouviram os acordes do Hino nacional executados pela Banda de Música do Batalhão de Caçadores, sediado na capital matogrossense. E, sob aqueles céus que há cem anos viram nascer Cândido Mariano da Silva Rondon, permaneceram em silêncio durante um minuto, como homenagem à sua obra e aos que tombaram no cumprimento do dever.

Depois, o “Grande Chefe” fêz-se ouvir. Não em pessoa, porque seu estado de saúde não permitira que ali comparecesse. Mas pela voz do Prof. José Veríssimo da Costa Pereira, presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, que transmitiu a Mensagem que lhe fôra enviada, do Rio de Janeiro, para os geógrafos ali congregados.

Não poderia encerrar de maneira melhor esta minha oração de homenagem e de devotamento à memória do Marechal Rondon, senão repetindo as palavras finais dessa comovente Mensagem.

Ei-las:

“Se a outra banda do Mundo orgânico, constituída pelos sêres vegetais, que, testemunharam as nossas arrancadas, pudesse agora falar, da beira das estradas, das barrancas dos rios, dos campos e charravascais, do âmago de florestas que vos pareceriam impenetradas, Vozes clamariam:

Continua, Continua... Por aqui passaram outros. E o objetivo é dar aos que mourejam em outros setores, meios reais, para o grande prazer e imenso dever de servir ao Brasil e à Humanidade!”(AZEVEDO, 1965)”.

5 – RONDON E AS CONCEPÇÕES POSITIVISTAS

Para entendermos melhor e de forma mais completa as ações de Cândido Rondon sobre esse espaço geográfico chamado Mato Grosso, é preciso conhecer sua origem e as concepções filosóficas que nortearam toda a sua vida.

De formação positivista, foi um fiel seguidor de Benjamim Constant, seu mestre na filosofia positivista – pregada por Augusto Comte, agindo sempre “sustentado pela Família e impulsionado pela Pátria, no serviço a humanidade” A filosofia positivista comteana evoluiu na direção de uma religião da humanidade, com sua teologia, seus rituais e sua hagiografia.

Todos estes pensamentos são aspectos importantes da formação de Cândido Rondon, pois vão marcar suas ações durante toda a sua vida. Com o passar dos anos ele próprio foi elevado à condição de mito. Inúmeras biografias de Rondon foram escritas para elaborar a sua representação mítica, mas há a de Esther de Viveiros, construída a partir das cadernetas de campo e relatos do próprio biografado. É uma narrativa de feitos heróicos, em que a autora o apresenta como um predestinado, dando-lhe o talhe de um santo.

A questão do positivismo na vida de Rondon é de fundamental importância, pois ele tinha como prática a manipulação dos símbolos, por exemplo, a bandeira e o hino, bem como, a utilização de um panteão cívico capaz de salientar figuras, no sentido de torná-los “arquetipos de valores e aspirações coletivas”. Rondon utilizou um leque grande de nomes de personalidades famosas na (re) nomeação de lugares e rios, bem, como, nomes de seus familiares e datas e acontecimentos ocorridos no Brasil ou em outros países, colaborando com o regime político da época, criando seu panteão cívico, que passou a ser modelo para os membros da sociedade.

No entanto, na formação de Rondon o positivismo também levava aos princípios de um cientificismo ilustrado, que igualmente, influenciou o comportamento político dos engenheiros, tantos civis como militares no Brasil, naquele momento histórico.

Para Rondon e outros engenheiros militares que, na grande maioria, eram oriundos das classes menos favorecidas, a profissão significava um emprego de onde advinha o próprio sustento, por isso, para muitos, a luta pelo reconhecimento de sua capacidade e competência tornava-se fundamental, era uma nova ordem que procurava se estabelecer.

6 – A COMISSÃO RONDON

A Comissão de Rondon teve como início os trabalhos no traçado geral que tomou por base o projeto do engenheiro Francisco Bhering, que consistia em demarcar a Cachoeira de Santo Antonio do Madeira, partindo de Cuiabá, pela divisória das águas do rio Paraguai e Guaporé com as dos rios Tapajós e Gi-Paraná, para então penetrar no divisor secundário do rio Jamari, até alcançar o ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Esse primeiro trajeto se daria em duas etapas: os pontos extremos da linha seriam Cuiabá e Santo Antonio do Madeira. O fio cruzaria o grande divisor de águas platinas e amazônicas. Para começar, Rondon resolveu explorar, de maneira completa, o grande sertão do noroeste; e realizar essa primeira parte de seu programa em duas etapas: primeiro atingir o Juruena famoso; em seguida chegar ao Madeira. O Juruena seria um excelente ponto de referência para a exploração do resto do território.

Organizado o traçado que deveria se desdobrar entre os estados de Mato Grosso e Amazonas, a Comissão foi formada e se revestiu de um caráter misto nas dimensões: civil, militar, científico e tecnológico, dependente de dois Ministérios, o da Indústria, Viação e Obras Públicas, ao qual a Repartição de Telégrafos era suborninada e o da guerra. Para que todos os serviços pudessem ser realizados a contento, Rondon preparou um esboço dos trabalhos, que tiveram por núcleo principal o 5º Batalhão de Engenharia, com missões de construção, transporte e vigilância.

Desse modo a Comissão Rondon (Figura 7) inicia seus trabalhos em 1907, trazendo a incorporação de diversos profissionais pertencentes a vários órgãos, tais como, do Museu Paulista e do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que se encarregaram de boa parte da produção dos relatórios sobre as pesquisas efetuadas paralelamente à instalação da linha telegráfica.

Magalhães (1919) relata que: A Comissão Rondon inicia seus trabalhos em 1907 e é definitivamente encerrada em 1930. Os serviços de instalação dos fios, postos telegráficos e investigação científica se dão até 1915. Segundo Cândido Rondon: “Terminada a construção da linha, em 1915, apresentei-me ao Ministro da Viação, para entregá-la.

Declarou-me que não poderia tomar a si tal encargo, uma vez que não dispunha de pessoal que pudesse conservar tão grande extensão de linha telegráfica. Era, pois necessário que eu prolongasse minha vida no sertão, para cuidar de que se não perdesse tão grande esforço, até que o Ministro se considerasse em condições de assumir tal responsabilidade.” Em *Esther de Viveiros, op. cit., p. 438. A aliança com o Marechal Rondon e a sua Comissão significou a possibilidade de consolidação do Museu como uma instituição científico nacional. Ao seu acervo foram incorporados, catalogados, até 1916, mais de 7.500 exemplares para a seção de zoologia, 3.380 exemplares na seção de antropologia e etnologia, 8.837 na botânica e, por fim, 42 exemplares para a seção de geologia e mineralogia. Em apreciações do Museu Nacional do Rio de Janeiro sobre o material e as publicações da Comissão Rondon, Alípio de Miranda Ribeiro, zoólogo do Museu e da Comissão, lembrou o quanto eles eram devedores ao então coronel Rondon, por dotá-los de um acervo cuja qualidade era confirmada pela procura das publicações “por toda a parte do mundo” e pelas manifestações provocadas no país e no estrangeiro. O acervo da Comissão, assim como o material coletado por ela na “Expedição Roosevelt-Rondon”, em 1914, também pelo norte de Mato Grosso, haviam dotado o Museu Nacional de “quase todo o material pátrio quanto o adquirido em um século da sua existência anterior”. (MAGALHÃES, 1919, p. 108).*



Figura 7 - O chefe da Comissão com seus ajudantes: Senna Braga, Tte. Lyra, Fleury Barros, Frederico Siqueira, Dr. Armando Calazans, Emmanuel Amarante e Tte. José Paulo de Oliveira – Expedição de 1907 - Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão de Engenharia do Departamento de Guerra. 2º volume. Construção 1907 a 1910. Acervo Amidicis Diogo Tocantins – UFMT.

Como resultado dos trabalhos de construção de *1907 a 1915*, a Comissão Rondon instalou 2.268 km de linhas telegráficas, inaugurou 25 estações, duas em território dos índios Paresí – Ponte de Pedra e Utiariti.

Foi construída pela Comissão a estrada de rodagem de Tapirapoan a Juruena, também em território Paresí. Como previsto no plano inicial, essas linhas se interligavam com a estrada de ferro Madeira Mamoré, que foi construída estrategicamente integrada ao telégrafo, em função do conflito com a Bolívia, sendo uma das cláusulas do Tratado de Petrópolis.

Segundo o *artigo XV* das instruções baixadas pelo Ministério da Viação e assinadas pelo Dr. J. F. Soares Filho, aprovadas com a *portaria de 04 de março de 1907*, do Ministro Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, de acordo com a *lei nº 1.617 de dezembro de 1907*, estabelecia que a Comissão Rondon fizesse o estudo “da região, sob os pontos de vista de diversas áreas e dos produtos extrativos, mas, principalmente os minerais”.

Os profissionais que efetuaram trabalhos de campo juntamente com Rondon tinham tarefas específicas de acordo com seus próprios conhecimentos, e estiveram operacionalizando as suas pesquisas em períodos mais ou menos determinados. Entre os

anos de 1907 e 1908, os estudos de Etnografia e Geologia estiveram a cargo de Karl Carnier. Entre 1908 e 1910 os estudos de Geologia e Mineralogia ficaram a cargo de Cícero de Campos; os estudos de Botânica a serviço de Frederico Carlos Hoehne, os estudos de Zoologia por Alípio de Miranda Ribeiro; os de Etnografia pelo próprio Rondon. Entre 1910 e 1912 os estudos de Geologia e Mineralogia ficaram a cargo do Dr. Moritz; os estudos de Botânica por Frederico Carlos Hoehne; os de Zoologia dividiram-se entre Frederico Carlos Hoehne e os irmãos Kuhlmann e novamente os estudos de Rondon, com a parceria de Roquete Pinto.

Nos anos de 1913 e 1914 os estudos de Geologia e Mineralogia ficaram sob os cuidados de Euzébio de Oliveira; os de Botânica, novamente por Frederico Carlos Hoehne; os de Zoologia foram efetuados em parceria por Frederico Carlos Hoehne e Arnaldo Black de Sant'Anna. Novamente neste período Rondon efetuou os estudos de Etnografia. Entre os anos de 1914 e 1915 os estudos de Botânica ficaram sob os cuidados de Francisco Carlos Hoehne, Rondon e E. Stolle e os estudos de Zoologia dividiram-se entre o Tte. Antonio Pirineus de Souza, Antenor Pires, Julio Horta Barbosa, João G. Kulmann, Tte. Vasconcelos e Serapião dos Santos e sobre Etnografia, o próprio Rondon.

O serviço sanitário era sem sombra de dúvida essencial, visto que o beribéri e o impaludismo eram doenças que dificultavam sobremaneira o desempenho dos trabalhadores e de todos os outros componentes da Comissão, além dos ferimentos pelos corpos, já que os serviços eram duros e penosos.

Também foi criada a seção de serviços astronômicos, que ficou sob a chefia de Rondon, auxiliado pelo engenheiro e 1º Tenente-ajudante João Salustiano Lyra e depois pelo 1º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira.

Os serviços meteorológicos foram desempenhados por funcionários, segundo Rondon, com a “necessária aptidão”, e também os serviços sanitários. Estes foram efetuados por vários médicos, mas Rondon salienta os serviços de Armando Calasans e Joaquim Augusto Tanajura, que devido “à situação em que se viram”, tiveram ocasião de exercer mais as qualidades morais e intelectuais.

6.1 - Os Serviços Astronômicos e o Sextante

A comissão de Rondon tinha inúmeros trabalhos a serem executados e a necessidade de estabelecer um ponto de coordenadas confiável, pois esse ponto seria de apoio geral para todos os trabalhos futuros da comissão.

Os serviços astronômicos das Expedições do Marechal Rondon foram dirigidos pelo Chefe da Comissão, auxiliado pelo 1º Tenente-Ajudante João Salustiano Lyra, e depois, pelo Astrônomo da Comissão o 1º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira, que foi encarregado de montar o posto astronômico de Cuyabá, sob sua direção, e determinar as posições geográficas das estações a Leste de Cuyabá até Registro do Araguaya.

Para bem avaliar [...] a importância do serviço geográfico realizado, basta dizer que as explorações dirigidas pelo General Rondon descobriram rios que não figuravam nas cartas, locaram com precisão outros cujas nascentes estavam deslocadas de dois graus de latitude e em longitude. (MAGALHÃES, 1929, p. 292)

O astrônomo 1º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira teve a incumbência de proceder todos os estudos bem como as informações para determinar os cálculos das coordenadas, visando para fixar um marco de referência (base).

Assim iniciou-se os trabalhos de campo, e na época usava-se como aparelho de medição o sextante (Figura 8). Procederam-se as medições por dias e noites, com observações do nascer e do pôr-do-sol, das estrelas e astros. Foram realizadas visadas diárias, para então serem definidos os cálculos gerais, e posteriormente a fixação do marco no Campo D'Ourique – que resultou no marco “Centro Geodésico da América do Sul”.

Conceitualmente o termo “Centro Geodésico da América do Sul”, é utilizado nas diversas aplicações cartográficas, é um ícone da cidade de Cuiabá, referenciado nas diversas manifestações culturais do povo mato-grossense, o qual mostra o avanço Imperialista e a atuação republicana na produção de seu referencial: o Marco geodésico e a Carta de Mato Grosso.

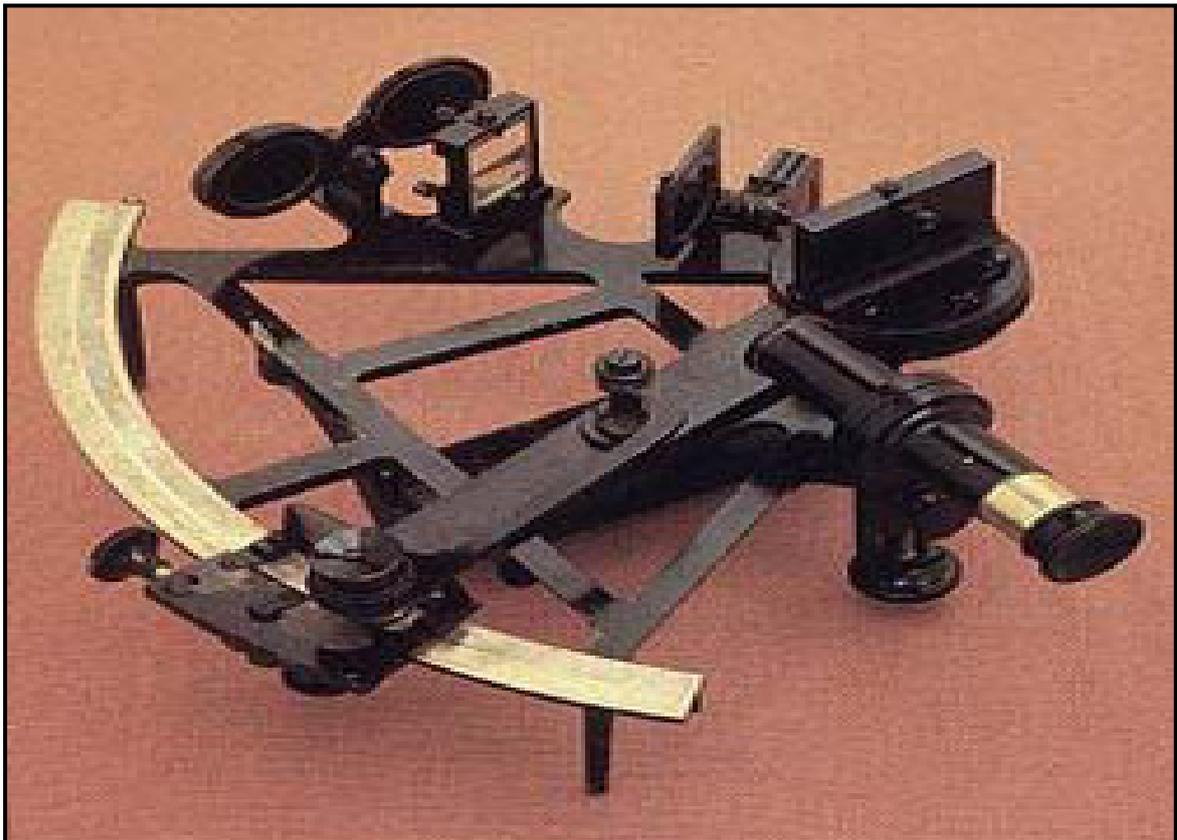


Figura 8 – Sextante (aparelho de medição)
Fonte: Enciclopédia Wikipédia

6.2 - O Primeiro Mapa

O marco geodésico foi de fundamental importância para os trabalhos da Comissão Rondon, haja vista a necessidade para determinar cálculos de coordenadas de centenas de postes fixado nas linhas telegráficas, bem como a localização de rios, aldeias indígenas e outros. À medida que Rondon fazia novas descobertas ele os denominava com nomes de personagens conhecidos, a exemplo do município de Pontes e Lacerda.

A partir de 1906, a região passou a ser objeto de trabalho da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, resultando, no local, a instalação de uma estação telegráfica. Nesta época era conhecida como Vila dos Pretos. A denominação Pontes e Lacerda são recente, mas a homenagem é antiga. A origem do nome Pontes e Lacerda, quando Antonio Pires da Cunha Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, ilustres cartógrafos e astrônomos, elaboraram a primeira carta

geográfica dos rios da região, partindo de Vila Bela da Santíssima Trindade, rumando para o Rio Jauru.

“Para a construção da Carta” de Matto-Grosso e para substituir a triangulação geodésica multiplicou as determinações de latitudes e longitudes, afixando matematicamente as coordenadas geográficas de todos os pontos por onde passou a linha telegráfica e, com relativa aproximação da longitude, centenas de outros, constituindo assim um grande polígono de amarração para segurança e compensação dos trabalhos topográficos realizados (MAGALHÃES, 1930, pag. 07).

As expedições de reconhecimento geográfico que o 1º Tenente Lyra participou entre os anos de 1907 e 1909, se referem ao levantamento das coordenadas geográficas que determinariam um traçado para a linha telegráfica e, assim, sua presença nos mapas que passaram a ser produzidos com esses dados de localização geodésica.

Os primeiros movimentos de penetração rumo à Amazônia foram efetivados nos tempos de Rondon com o telégrafo, pelos seringalistas, pela ferrovia Madeira Mamore, na tentativa da integração nacional, mas, sobretudo em função da possibilidade de exploração dos recursos naturais que já se sabia que existiam.

Segundo a historiadora Lucia Salsa Correa, havia a exploração da baunilha, poaia, medeiras, plantas medicinais e algumas ervas, entre muitos outros, no entanto, como não eram beneficiados, nada tirava de lucro sobre eles. Esses produtos na maioria das vezes serviam apenas para atender as necessidades locais.

Porém, na parte da exploração extrativista havia ganhado um impulso significativo com a abertura do rio Paraguai ao comércio internacional, na segunda metade do século XIX. A ampliação da exploração da borracha e da Ipecacuanha e também da erva-mate com a Companhia Mate-Laranjeiras. Mais ao sul do estado desenvolvia-se a criação de gado, e a construção da Ferrovia noroeste do Brasil, que ligava Corumbá a Bauru, no estado de São Paulo, o qual dinamizou o processo e valorizou as terras próximas à linha do trem.

O governo Federal, entretanto, desejava fazer o efetivo reconhecimento e integração do Mato Grosso com o restante do país. Para isso foi organizada uma nova

comissão, que ficou conhecida como Comissão Construtora de Linhas Telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, ou mais comumente chamada de Comissão Rondon, que foi considerada gigantesca, porque era necessário fazer explorações nessa região, do ponto de vista geográfico, botânico, mineralógico, da construção do solo, do clima, das florestas e cerrado, dos rios e também dos povos indígenas.

A idéia era que a expansão para esta região foi baseada em uma cultura técnica e positivista, tentando transformar esses espaços “vazios” em territórios e as tais populações dispersas, em brasileiros, produzindo uma população homogênea capaz dese reconhecer como uma unidade e parte de uma “comunidade nacional”.

Onde quer que chegue o telégrafo [...] ali far-se-ão sentir os benéficos influxos da civilização. Com o estabelecimento da ordem, obtida pela facilidade com que os governos podem agir no sentido de melhor superintender e distribuir o bem público e a justiça, virá fatalmente o desenvolvimento do homem e das indústrias, pois ficará instituído o comércio contínuo entre as sociedades, no mundo moral e no mundo físico (RELATÓRIO, 1907 á 1910, pag. 97 e 98).

A grande parte de Mato Grosso teve seus dados geográficos levantados, posto que a Comissão forneceu as tabelas com as coordenadas geográficas desses levantamentos nos relatórios dirigidos ao Ministério da Guerra, também ao Ministério do Comércio e Indústria, ao de Obras Públicas e Viação. A partir desse manancial de informações, muitos deles já transpostos graficamente aos mapas, foi elaborada a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (Figura 9).



Figura 9 – Carta Sintética de Mato Grosso. 1922. Tip. do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro.
 Fonte: CORREA FILHO, Virgilio. Mato Grosso.

Construindo primeiramente as plantas dos reconhecimentos, explorações e levantamentos diversos, formulários, depois, o projeto de iniciar a construção da Carta de Mato Grosso, na escala de 1:1.000.000 [...]. Para divulgação, reduzimos essa Carta à escala de 1:3.000.000, e fizemos outra, ainda mais sintética, na escala de 1:5.000.000, que serviu para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Comissão. Foi publicada pelo Serviço Geográfico do Exército Nacional (VIVEIROS, 1958, pag. 451).

A comissão de Rondon através dos seus vários trabalhos realizados, procedeu a confecção da Carta Sintética de Mato Grosso, que teve sua primeira versão 1921, na escala 1:5.000.000 e futuramente na versão 1:1.000.000 em 1922, e posteriormente no decorrer dos anos, foram adicionadas informações de caráter topográfico, astronômico e etnográfico, foram determinadas mais de 200 coordenadas geográficas.

A realização dos trabalhos de determinação de coordenadas geográficas e na elaboração de mapas havia uma estrutura montada para apoiar o avanço dos auxiliares de Rondon em campo, bem como um pessoal dedicado no envio desses dados aos escritórios que, posteriormente, transformariam os levantamentos e esboços nos livros e mapas da Comissão Rondon. Por isso, os textos dos oficiais engenheiros apresentavam, em linhas claras, o método de observação, os instrumentos empregados na tomada de fatores e as fórmulas matemáticas e trigonométricas para chegarem a tais e quais resultados. Além dos cálculos, tabelas com coordenadas geográficas de pontos estratégicos e dos postos telegráficos ou, mesmo, de acidentes geográficos eram anexados aos seus relatórios.

Inscreveu na cartografia brasileira 12 rios, até então desconhecidos, e corrigiu informações sobre o curso muitos outros, o mapa obteve sua versão final de 1952. Como o desconhecido Rio da Duvida (Figura 10), que fora dado o nome de Rio Roosevelt, em homenagem ao Presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt.

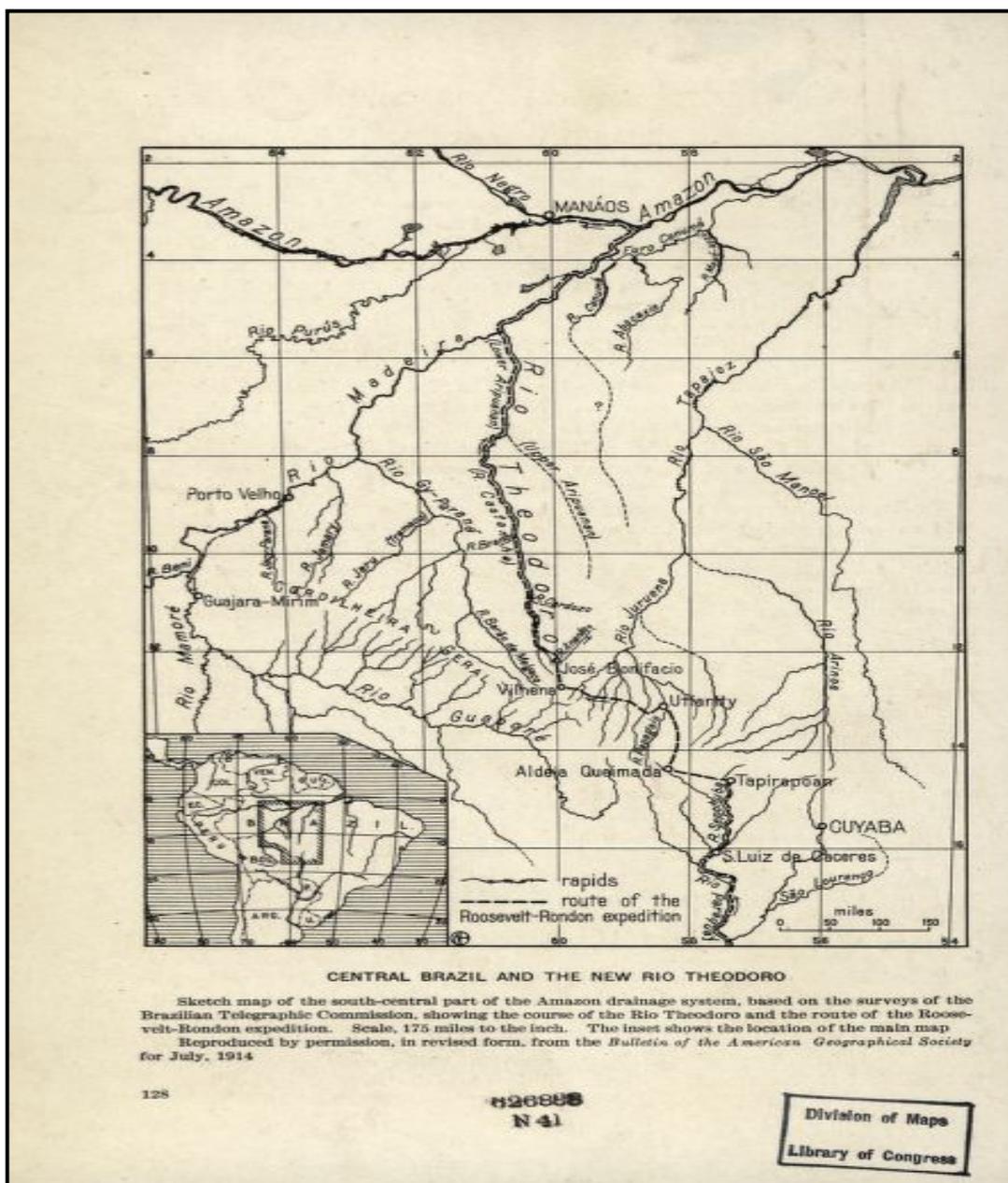


Figura 10: Mapa de Localização do Brasil (Novo Rio Theodoro)
 Fonte: http://memory.loc.gov/ammem/collections/troosevelt_film/trfsp6.html

Os mecanismos utilizados para esta tarefa de ‘civilizar’ que pode ser entendidos como ‘homogeneizar’ ou ‘soldar’ territórios aos novos ideários, inscrevem-se no chamado ingresso do Brasil no campo da modernidade. Ferrovias, estradas, telégrafos, mapeamentos, urbanização, civilização, modernização são termos corolários deste processo (ARRUDA, 2000, pag. 99).

O material produzido sobre o campo de estudos é possível afirmar que toda ação da companhia telegráfica gerava algum tipo de dado espacial, de modo que, para os oficiais auxiliares, trabalhar significava relatar o que e como corria o dia-a-dia das expedições, o andamento dos estudos em botânica, zoologia, geologia, etnografia e astronomia, bem como os materiais e esforços empregados na produção de informação.

6.3 - Estava concluído o Mapa de Mato Grosso

Neste ano de 1952, o General Rondon concluiu a elaboração do mapa de Mato Grosso. O construtor de 5.500 quilômetros de linha telegráfica chegava ao fim do seu grande sonho e que nele trabalhou durante 35 anos, estava concluído o mapa de Mato Grosso, com todas as correções, incluindo os nomes de 12 rios até então desconhecidos, os cursos exatos dos rios que correm pelo território mato-grossense, além da localização de vários outros acidentes geográficos.

O desenho do mapa foi elaborado pelo Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, chefe da Expedição do General Rondon, que desde 1911 copiava cartas, roteiros, descrições e outros documentos diversos em pesquisas nos arquivos e bibliotecas. No dia 26 de setembro de 1952, no Rio de Janeiro, o general Rondon entregou o mapa de Mato Grosso. A solenidade contou com a presença do governador de Mato Grosso, do ministro da Guerra, do ministro da Viação, do ministro da Agricultura, do Chefe do Estado Maior do Exército e de vários generais, além de várias personalidades matogrossenses.

7 - A CONSTRUÇÃO DO OBELISCO

A primeira descrição da situação geográfica da cidade de Cuiabá, como Centro Geodésico da América do Sul esta registrada nos Anais da História mato grossense, ainda no período colonial pelo primeiro historiador da Capitania de Mato Grosso – Joseph Barbosa de Sá, nos seguintes termos:

“... Achace esta Villa asentada na parte mais interior da América Austral em altura de quatorze grãos não completos ao Sul da linha do Equador, quase em igual paralelo com a Bahia de Todos os Santos pella parte oriental e pelo ocidente com a cidade de Lima, capital da Província do Peru, distante huma de outra costa, setecentos e sincoenta léguas que Sam as mil e quinhetas que tem de latitude nezta altura este continente, asentada na beira do rio Cuyabá...”

No Brasil, existem vários centros geodésicos, mas Centro Geodésico da América do Sul está localizado em Cuiabá, no antigo Campo d'Ourique, na Praça Moreira Cabral, onde hoje está situada a sede da Câmara Municipal de Cuiabá.

Esse marco foi usado como ponto de referência técnica na localização geográfica, quando as identificações não eram rastreadas com a tecnologia dos satélites.

No Governo de Pedro Pedrossian iniciou-se a construção da edificação que seria a sede da Assembléia Legislativa em torno do Centro Geodésico, a qual foi inaugurada em 15/08/1972, já no governo de José Manoel Fontanillas Fragelli.

No Governo de Blairo Maggi (2003- 2006), com a construção da nova sede do Parlamento Estadual junto ao complexo do CPA - Centro Político Administrativo, o edifício passou a abrigar a Câmara Municipal de Cuiabá.

O projeto Arquitetônico da Praça Moreira Cabral, foi dos engenheiros Cássio Veiga de Sá e arquiteto Dirceu da Costa Soares, autores do projeto de construção da sede do antigo Poder Legislativo Estadual, posteriormente denominado Palácio Filinto Müller, no entanto a configuração da praça foi alterada pelas diversas ampliações no Palácio Filinto Müller.

Ao construir o Palácio também foi construído o "Monumento Símbolo da União das Repúblicas Sul-Americanas" e que fosse ajardinado o logradouro como complementação às obras.

No projeto do edifício sede da Assembléia já constava a construção do obelisco para valorizar o pequeno marco construído em 1909, que marcava o Centro Geodésico da América do Sul deduzido pelos cálculos da Comissão Rondon.

Dessa feita, a Praça Moreira Cabral ostenta hoje dois Marcos: O 1º Marco (Figura 11) foi construído no ano de 1909, pelo Artesão Júlio Caetano, por ordem da Comissão Rondon, com a seguinte descrição:

“Alvenaria, branco, liso: base retangular (0,65x0,64). um prisma quadrangular (0,40x1,32), encimado por uma pirâmide também quadrangular (0,40x0,33), tendo na face Norte um dístico de metal com as indicações”:

Com. Rondon

Lat. Sul -15°35'56",80

Long. O Green -56°06'05",55

1º Ten. Renato Barbosa R.P.

1909



Figura 11 – 1º Marco Geodésico
Fonte: Anibal Alencastro

O 2º Marco (Figura 12), um obelisco com o formato de uma estrela de 04 pontas, revestido em mármore branco, com altura total de aproximadamente de 20 metros, já inclusos 04 pilastras de sustentação com 2,52 metros de altura, que têm ao seu centro o 1º Marco, preservado e protegido em sua integralidade por uma proteção de vidro, fixada entre essas pilastras. Os autores do projeto são os Senhores: engenheiro Cássio Veiga de Sá e arquiteto Dirceu da Costa Soares, os mesmos do projeto de construção da sede do antigo Parlamento Estadual, hoje Câmara Municipal de Cuiabá.



Figura 12: Fotografia Atualizada do Marco Geodésico
Fonte: Pedro Arnaldo Paschoiotto

A Bandeira (Figura 13) do município de Cuiabá foi oficializada pelo Decreto nº 241/72, com as seguintes características: Um retângulo verde e branco. Em primeiro plano, com as bordaduras na cor amarelo ouro e a seguinte inscrição em letras vermelhas: “*Vila Real de Bom Jesus de Cuiabá – 1719*”. No centro o marco, representando o Centro Geodésico da América do Sul; logo abaixo os vértices do marco, representando um monte de ouro, símbolo da riqueza mineral de Cuiabá.



Figura 13 - Bandeira do Município de Cuiabá – MT
Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá

7.1 - O Marco do Campo D’Ourique

Localizado no centro da cidade, onde era freqüente a passagem de transeuntes, o espaço foi palco de enforcamentos, punições a escravos e condenados que eram sacrificados em público. Assim o campo recebeu o nome popular de "Largo da Forca". Os moradores da redondeza tinham convicção que o local era assombrado, e era comum dizer que se ouviam gritos, gemidos e almas penadas passeando pelo Largo. No dia de finados a população acendia velas e fazia orações. A criançada costumava fazer peraltagem, ora se escondendo atrás do marco geodésico ora fantasiados, embrulhados em lençóis ou com "véus" pretos e roxos, de suas mães religiosas, assustando as pessoas desavisadas que passavam, ao entardecer, perto do largo.

O Campo d'Ourique era o local onde antigamente se castigavam os escravos e também eram enforcados os condenados pela justiça, posteriormente realizavam as famosas touradas cuiabanas e instalações de parques e circos que visitavam a cidade.

“Origem do nome Campo D'Ourique vem de Portugal, com a conquista do espaço antes limitado ao Tratado de Tordesilhas traz para o Brasil nomes que referenciavam a pátria mãe”. Assim as praças, ruas, vilarejos receberam denominações que vinham da história lusitana ou homenageavam os seus heróis. Importado da história de Portugal, o Campo D'Ourique, situado no Alentejo, foi palco da famosa e decisiva batalha travada em 1.139, quando D. Afonso Henriques, rei lusitano, derrotou e expulsou os Mouros que haviam invadido a Península Ibérica. Essa batalha ficou famosa na história portuguesa, pois está envolta em lendas, que diziam ter havido premonições a respeito do sucesso da batalha, e o Campo D'Ourique significou Vitória. O antigo Largo da Forca, para homenagear tal região, foi nomeado pelos portugueses "Campo D'Ourique".

Há tempos surgiram alguns questionamentos sobre a possibilidade dos cálculos astronômicos elaborados pela Comissão do Marechal Rondon, pudessem estar errados, em função dos equipamentos usados por ele na época, pois eram rudimentares, quase artesanais, para se apurar com precisão seu objetivo.

Os grandes reconhecimentos e variantes empregamos para o serviço astronômico o sextante de Werner, munido de pé, com horizonte artificial de mercúrio e mesa apropriada ao manejo do instrumento durante a observação, um teodolito de Casella, três cronômetros de algibeira, sendo dois de tempo médio e um de tempo sideral, e um barômetro aneróide. (...) Nas observações do Sol, empregamos de preferência o método das alturas circumeridianas para determinação das latitudes e de alturas correspondentes para hora, servindo das coordenadas deduzidas do caminhar em relação à última posição determinada de latitude e hora local. (...) Procedemos algumas vezes a observações da Lua para determinação das longitudes, quando passava o primeiro vertical do lugar. Na determinação de azimuts e da declinação magnética empregamos o sextante e o teodolito para observações do Sol, dando-nos o primeiro os elementos

para o cálculo do azimut verdadeiro do Sol e o segundo, o azimut magnético, no momento da observação. Diversas posições da referida tabela (de coordenadas geográficas) foram determinadas tomando a média dos resultados obtidos nas observações em várias épocas (MACIEL, 1998.).

O governo brasileiro tinha claramente a intenção de avançar seus domínios geográficos sobre os espaços em Mato Grosso e Amazonas, pode-se ver que *nada se perdia e, tudo, do chão às estrelas, se transformava* em material de relevância para a observação dos engenheiros em campo.

Como suportes/instrumentos nas mãos do Estado e ‘manejados’ pelo Exército brasileiro, para apropriação e expansão do território nacional, para a ‘domesticação’ das nações indígenas e a consequente ocupação de suas terras. Ou seja, o fio condutor foi abordá-las como depositários de um ideal de ‘civilização’ e ‘progresso’ e/ou tradutores e implementadores de uma política do Estado brasileiro para aquela região, política esta baseada na nacionalização das fronteiras e no povoamento dos ‘espaços vazios’ do Brasil central. (MACIEL, 1998)

Esses serviços foram o que declinou em seu nome os adjetivos de grande desbravador e bandeirante do século XX, tão lembrados pelos seus auxiliares que escreveram seus relatos sobre a Comissão Rondon. Para entender, não apenas, como se deu a mitificação desse oficial do exército brasileiro, mas também, a elaboração de uma escrita cartográfica por sobre boa parte do Mato Grosso de então, faz-se necessário visualizar como eram realizadas as campanhas em campo e, principalmente, qual o volume de informação produzida e levada ao alcance do público.

8 – AS NOVAS TÉCNICAS DE PRECISÃO

No decorrer dos anos foram sanadas as dúvidas quanto aos cálculos elaborados pela Comissão de Rondon, pois novos estudos foram realizados com os modernos equipamentos, confirmando a localização marco estabelecido pela Comissão Rondon (Figura 14).

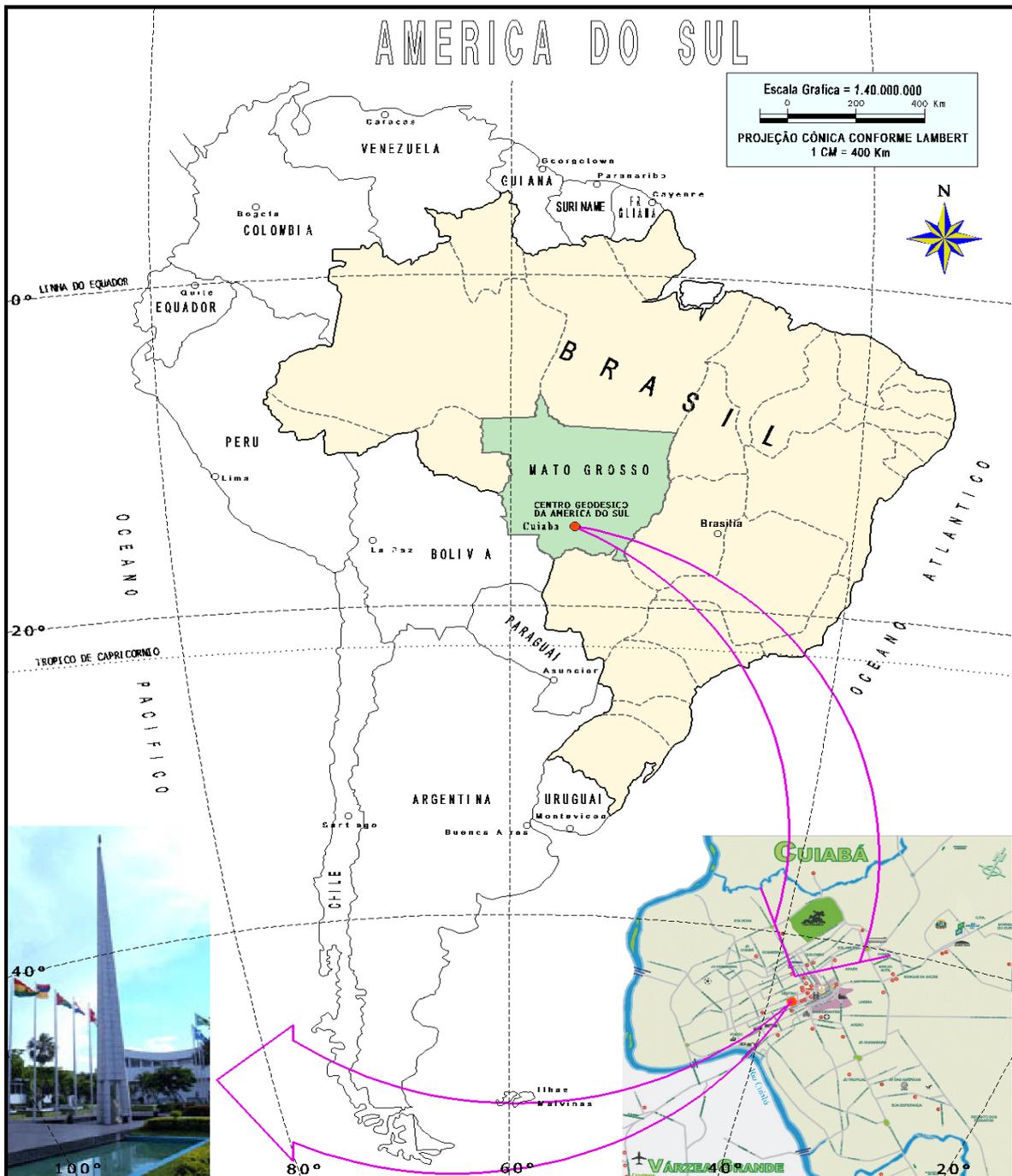


Figura 14: Localização do Centro Geodésico da América do Sul
Fonte: Adaptado por Pedro Arnaldo Paschoiotto

Em 1941 o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística implantou um marco junto ao do Marechal Rondon, determinando as coordenadas astronômicas, Latitude. 15°35'56,"0 S e Longitude. 56°06'00,"9 W. Em 1995 o IBGE, apenas encontrou o marco implantado pela Comissão de Rondon, o qual foi reconhecido.

O Exército Brasileiro, quando refez os cálculos com toda a tecnologia disponível da informática e satélites, constatou-se a exatidão dos cálculos da Comissão do Marechal Rondon, com as coordenadas apontadas e que foi reconhecido pela Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército em 1975. Fato este comprovado e identificado na folha topográfica do Ministério do Exército DSG - Diretoria de Serviço Geográfico, Índice SD. 21.Z-C-V-2, na Escala 1:50.000 (Figura 15).

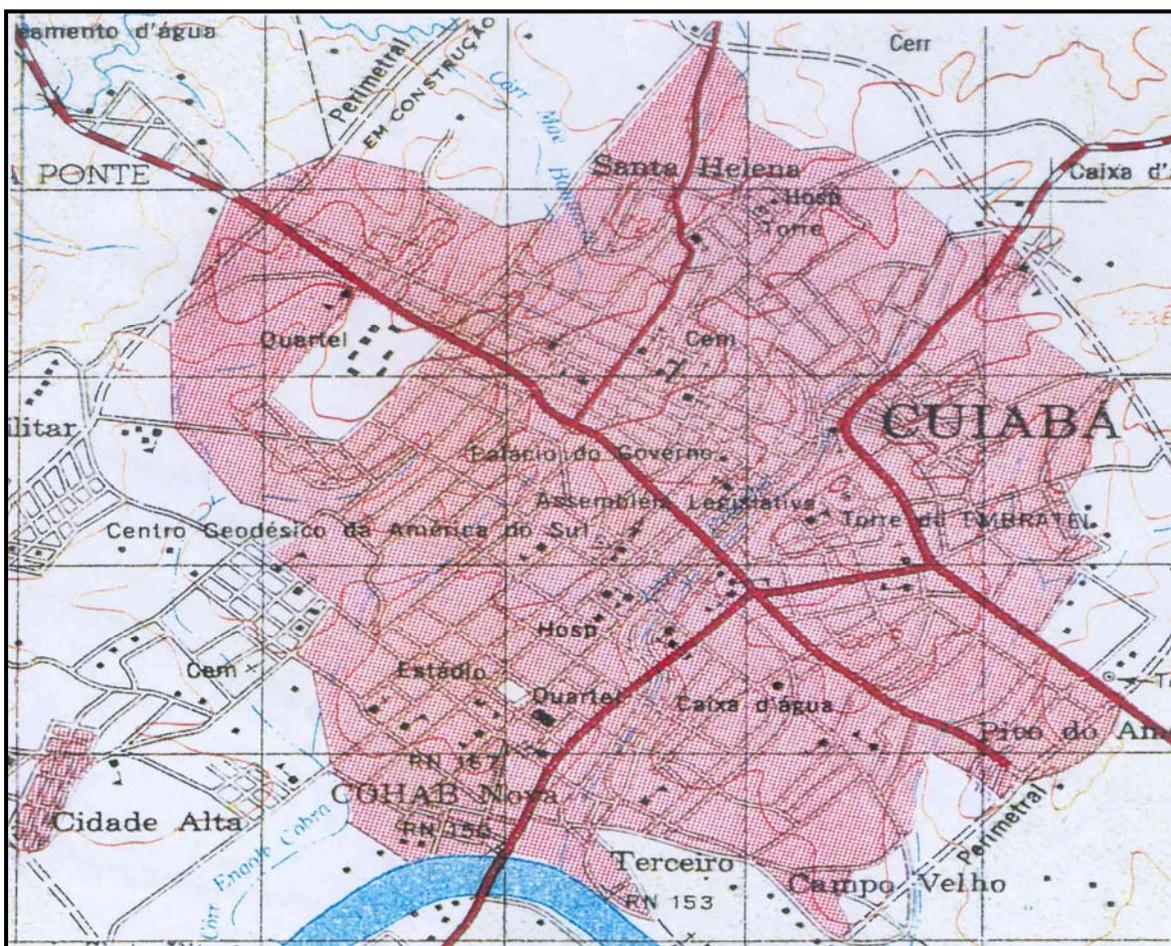


Figura 15 - Folha Topográfica do Ministério do Exército
Fonte: DSG, Índice SD. 21. Z-C-V-2

A Estação de Rastreamento de Satélites montado pelo INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais em Cuiabá (Figura 16), localizada nos limites do Centro Político e Administrativo de Mato Grosso, é reconhecido como o mais importante centro de

rastreamento espacial da América do Sul, fato esse fundamental para um melhor desenvolvimento por sua exata localização (meio) da América do Sul.

Os estudos para a fixação da estação de rastreamento foi elaborada em conjunto com a Agência Espacial Americana - NASA, para obter um local de excelência para rastrear os sinais dos satélites, e foi mais uma vez confirmado que o melhor local seria na capital de Mato Grosso – Cuiabá, fato esse inerente ao feito de Rondon, fixando o marco Geodésico da América do Sul.

Com todos os recursos tecnológicos necessários para colher dados das áreas geográficas existentes entre os oceanos Atlântico e Pacífico, suas antenas parabólicas automatizadas captam informações sobre todos os países da América do Sul, e posteriormente são repassadas para o INPE de São José dos Campos – SP.

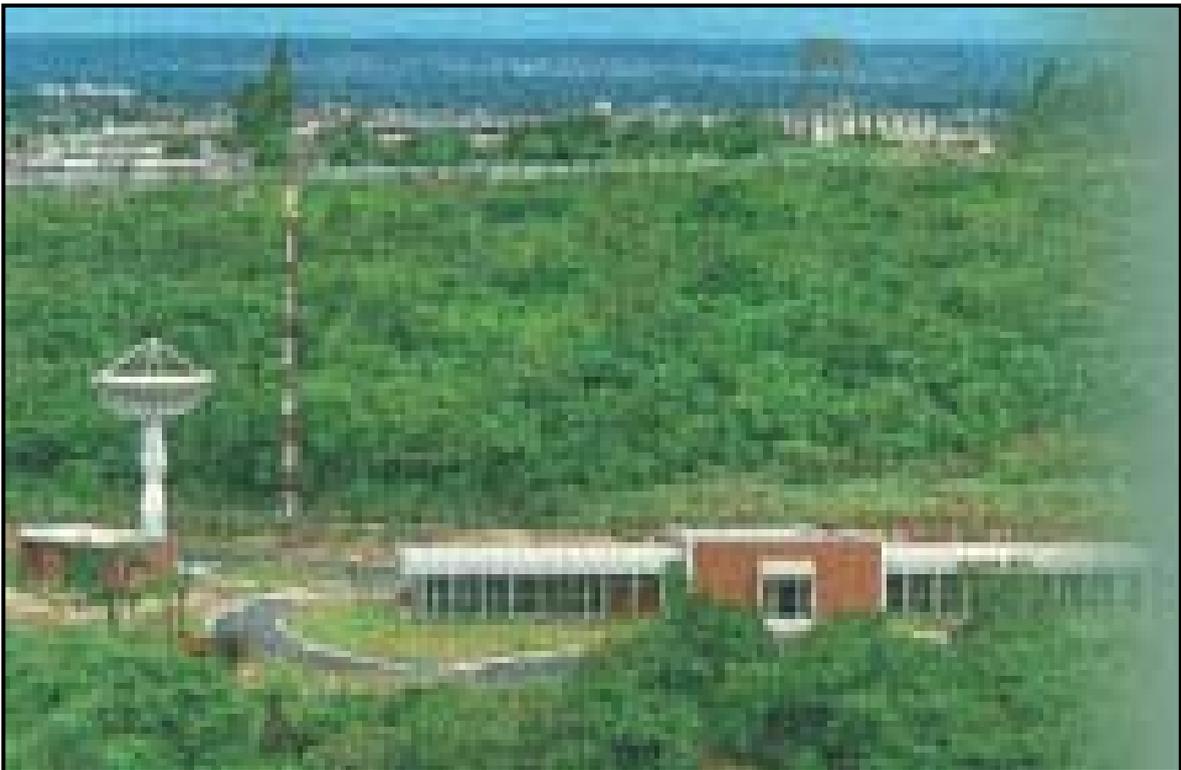


Figura 16 – Estação de Rastreamento de Satélites (Sede do INPE de Cuiabá-MT)

Fonte: www.inpe.gov.br

Esses fatos mostram a importância do notável trabalho feito pela Comissão de Rondon, pois esse marco serviu de base para inúmeros cálculos e mapas elaborados durante décadas, os quais figuram como marco estratégico para a cartografia brasileira.

7.1 - Análise e Discussão

Alguns fatos devem ser observados, e são de fácil compreensão sobre o Centro Geodésico da América do Sul.

A Coleção de Monografias *Nº 493*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dedicada a Cuiabá, mostra na sua página 2 uma fotografia do marco geodésico localizado em frente da antiga Assembléia Legislativa de Mato Grosso com a seguinte legenda: "Centro Geodésico da América do Sul", confirmando na página 6: "O Município situa-se no âmago do continente sul-americano, onde se ergue o marco indicativo do centro geodésico da América do Sul, em área de contato entre o Pantanal e as chapadas do Norte de Mato Grosso". Isto também foi publicado na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, também do IBGE.

O professor Francisco Alexandre Ferreira Mendes, um expressivo nome da historiografia mato-grossense, confirmou ao jornalista Pedro Rocha Jucá que ali estava o centro geodésico da América do Sul e disse que antes do marco ser construído pela Comissão Rondon, no início do Século XX astrônomos e observadores da Marinha de Guerra e do Observatório Nacional dali observaram a passagem do Cometa Halley durante várias noites. Na noite de melhor visibilidade, complementando suas lembranças, o cometa possibilitou verdadeiro espetáculo de luz, cortando o céu no sentido Norte-Sul.

A Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, da Secretaria de Planejamento e Coordenação, do Governo do Estado de Mato Grosso, foi mais do que clara e evidente nesta certidão fornecida em 1991 (Figura 17): "Com base no levantamento astronômico, elaborado pela "Comissão Rondon" (1909), na pessoa do 1.º Ten. Renato Barbosa Rodrigues Pereira, o Marco Geodésico com Latitude 15° 35' 56" Sul e Longitude 56° 06' 05" Oeste, situado exatamente na Praça Moreira Cabral (antigo Campo d'Ourique) em Cuiabá é reconhecido histórico/culturalmente como o "Centro Geodésico da América do Sul".

O documento está assinado pelo advogado João Bem Dias de Moura Filho, presidente da fundação, e pelos geógrafos Dauberson Monteiro da Silva e Aníbal de Alencastro, da Coordenadoria de Informação e Estudos Geográficos e Cartográficos.



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
GABINETE DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO
FCR FUNDAÇÃO DE PESQUISAS CÂNDIDO RONDON

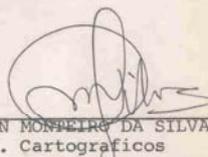
Coordenadoria de Informação Estudos Geográficos e Cartográficos
Seção de Estudos e Informações Cartográficos

C E R T I D ã O

Com base no levantamento astronômico, elaborado pela " Comissão Rondon" (1909), na pessoa do 1º Ten. Renato Barbosa Rodrigues Pereira, o Marco Geodésico com lat. 15º 35'56'' Sul e Longitude 56º06'05''W, situado exatamente na Praça Moreira Cabral (antigo Campo D'ourique) em Cuiabá é reconhecido histórico/Culturalmente o "CENTRO GEODÉSICO DA AMÉRICA DO SUL".

Fato este comprovado e identificado na folha topográfica do Ministério do Exército - Diretoria de Serviço Geográfico, Índice SD. 21.Z-C-V-2 (escala 1:50.000).


JOÃO BEM DIAS DE MOURA FILHO
Presidente


DAUBERSON MONTEIRO DA SILVA
S. I. Est. Cartográficos

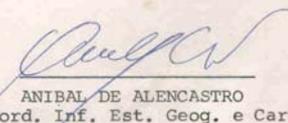

ANIBAL DE ALENCASTRO
Coord. Inf. Est. Geog. e Cartográfica

Figura 17 - Certidão expedida pela Fundação Cândido Rondon
Fonte: Fundação de Pesquisas Cândido Rondon

Para apresentar os desdobramentos e caminhos da pesquisa faz-se necessário mostrar os anseios e questionamentos quanto aos processos de produção, pois os interesses e as controvérsias em torno dos trabalhos realizados pela Comissão Rondon, principalmente a respeito do marco geodésico estabelecido em 1909, são argumentos variados, desde interesses pessoais, políticos e econômicos.

Nesse contexto podemos observar que o centro geodésico da América do Sul, é um referencial pouco explorado pelo governo de Mato Grosso, o qual não oferece condições necessárias para seu aproveitamento.

Porém os cuiabanos há tempos têm como admiração e reconhecimento pelo Centro Geodésico da América do Sul, como ícone da cidade Cuiabá nas mais diversas manifestações da cultura cuiabana, como exemplo: a comemoração dos 250 anos de aniversário da fundação de Cuiabá (Figura 18) e no logotipo (escudo) da camisa do time de futebol do Cuiabá Esporte Clube (Figura 19).



Figura 18 - Bolo de Aniversário de Cuiabá – homenagem ao Centro Geodésico da América do Sul- 250 anos (1969)
Fonte: Anibal Alencastro

O acadêmico e historiador, médico General Cyro Furtado Sodré, publicou na Revista do Instituto Histórico longo trabalho sobre o Centro Geodésico da América do Sul:

Seja o marco ou não, em nada diminui a sua importância e sua primazia, uma vez que, desde os primeiros tempos da Comissão Rondon ali eram tomadas, com frequência, as coordenadas para servirem de base à elaboração da Carta de Mato Grosso, que Rondon só conclui em 1952.

Quando Dom Aquino foi candidato de conciliação ao Governo de Mato Grosso, sob o patrocínio do Presidente da República, Wenceslau Brás Pereira Gomes, Rondon, que era positivista, apoiou o candidato da oposição, alegando motivos filosóficos. Vitorioso por esmagadora maioria, ele cumprimentou Dom Aquino em telegrama assim redigido: “Minha posição de V.Exa. é a mesma de Ricardo Franco diante de Luis Albuquerque. Conceda-me a verba que pretendo do governo e V. Exa. Terá prestado relevante serviço ao nosso Estado”. Imediatas providências foram tomadas pelo Vice-Presidente e dias após Rondon recebia a verba que pretendia de cinquenta contos. Mais tarde o IBGE encarregou o cuiabano geógrafo Alyrio Huguene de Mattos, professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro-RJ, de elaborar o Mapa do Brasil com base nas mesmas coordenadas de Cuiabá, utilizadas para a Carta de Mato Grosso.

Dessa forma a importância do marco é indiscutível e merece o respeito e a consideração nacional. O valor desse trabalho foi destacado recentemente pelo geógrafo e astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, em artigo do Jornal do Brasil: *“Infeliz a Pátria que esquece o que a mapeou”*.



Figura 19 – Escudo do Cuiabá Esporte Clube (2012)
Fonte: Site www.cuiabaesportelube.com.br

9 – OS INTERESSES E AS CONTROVÉRSIAS

9.1 - O marco do Campo D’Ourique - Simbolismo e Significado

Segundo Cyro Furtado Sodré, as regiões, as cidades antigas são repositórios de fatos, lances, lendas que se engraçando na verdadeira história local, dão-lhe aspectos característicos.

São adornos do trivial: - o pitoresco e o trágico, abraçados.

Este fato universal, também atingiu Cuiabá, através de seu viver tumultuado, ou pacífico, buscando três séculos.

São “estórias” e lendas, ora locais, ora herdadas e modificadas ao sabor regional.

Algumas têm base científica e outras, beirando ou mergulhando no inverossímil.

Os fatores lusitano, indígena e negro, que entram na formação brasileira, acham-se também presentes, amalgamados na senda cuiabana centenária.

Se a aparição do “Pé de Garrafa”, animal casco fechado, mas carnívoro, um êmulo Caboclo do Minotauro, perdido pelos labirintos das matas virgens, que tirou o sono, com seus berros retumbantes, de pacíficos e ingênuos avós das zonas rurais, entre no domínio das fantasias, o reverdescimento das laranjas, duma estação para outra, acolhe-se no domínio da fito-fisiologia, pelo retorno da seiva, ao fruto mal sazonado.

Se o crime do “Ogum” (São Jorge), pode bitolar-se na fatalidade acidental, o dos lobisomens, para o sétimo filho de prole numerosa, enquadra-se na necessidade da limitação da natalidade, ou na credence de amante ciumenta.

Algumas lendas afros e ameríndias, comuns ao Brasil, curiosamente só de leve, atingiram Cuiabá, como a do Sacy, da Yara, do Boi Tatá (Mboy-Tata), a cobra de fogo: emanções do gás dos pântanos (metano), incendiados espontaneamente pelo calor circundante.

Existem, entretanto, outras autóctones ou importadas, de larga difusão, como o Minhocão, o Timbarorê, o Negrinho d’Água, esta bastante parecida com o Negrinho do Pastoreio, muito conhecida no sul do País.

Esse pequeno exórdio serve para mostrar, que criada à lenda, esta persiste, até prova em contrário, sobretudo quando bem agasalhada.

O conjunto de fatos, em que não se alheiam as lendas, o idioma, o amor e a família, constitui no final, parte do substrato da nacionalidade.

Esse conjunto é a tradição.

Mantê-la e não destruí-la, e, se para tanto, houver fundamento científico ou causal, útil esclarecê-la...

É por essa razão, que não compreendemos, porque se gastou para tentar provar que D. Pedro, para o dia 7 de setembro de 1882, montara, antes, uma mula de boa andadura, segundo uns, e para outros, montava, no dia, fogosa égua (lemos alhures), quando temos conhecimento, até pictório, que usava uma alimária, e que era capaz de gesto abrupto, mesmo desmontado!...

Igualmente não atilamos porque se procura imputar a terceiros, a redação do homérico – “Sei que morro...”, quando se tem ciência de ter sido Antonio João, dado a tiradas literárias e ter espírito indômito de amor pátrio.

O que fez ante o inimigo, por ocasião da intimação, (relato paraguaio), por si só autentica qualquer frase, pois, retrata um estado de espírito.

A “fábula” de que Cuiabá é o Centro exato – geográfico ou geodésico – da América do Sul, ouvimos quando chegamos a esta Capital, em 1939.

“Estória” bem ornada de fundamentos levou-nos, sem maior exame, a creditar nela e vinhamo-la repetindo...

Laborávamos dentro da ficção, sem atendermos sobre a Geografia, sem fazer reagir às necessidades sobre as possibilidades.

O Governo do Estado de Mato Grosso, apesar dos inúmeros terrenos que Cuiabá possuía, necessitando edificar a Assembléia Legislativa, veio a erigí-la no campo d’Ourique, bem ao lado do marco de Rondon, dado como Centro exato da América do Sul.

Criticamos, então, a escolha. Achávamos que as construções feitas haviam inutilizado a serventia do marco que situa a Latitude e Longitude local, pois dificultariam operações posteriores, que ali pudessem realizar.

Julgávamos que ali se encontrava o início da base da triangulação geodésica para levantamento e construção da carta de Mato Grosso, o que posteriormente não conseguimos positivar...

E fizemos uma pausa para meditação.

A afirmação antiga e ambígua de que a cidade de Cuiabá é centro geográfico da América do Sul. Localmente no Campo d’Ourique, deve ter surgido dum espírito observador e curioso que, munido de um compasso, debruçado sobre o mapa da América do Sul, traçou, com centro na Capital matogrossense, uma circunferência, do Atlântico ao

Pacífico, de Leste ao Oeste, de costa a costa e depois, comparando distâncias, concluiu, pelas equivalências, confundindo espaços...

Talvez a assertiva fosse razoável, à época, para o município cuiabano, então o maior do mundo, até o governo Vargas, pois englobava também Várzea Grande, Chapada dos Guimarães e outros – uma imensidão...

A presença do marco de Rondon deu estabilidade à lenda, acabando com o advérbio provavelmente, substituindo-o por exatamente...

Esqueceu-se, no entanto, o observador, de considerar que mapa é uma representação plana em escala de uma superfície curva e convexa, que, embora as correções sejam sempre uma aproximação.

A aglutinação da fantasia com a realidade do marco é uma tentativa de baseá-la cientificamente. Para afirmar ser Cuiabá o centro geográfico da América do Sul, necessitaríamos de investigações mais profundas, de cálculos muito preciosos, de cujo conhecimento não há notícias.

- A linguagem do marco é sóbria.

A comissão Rondon, se tivesse precisamente determinado o centro Sul Americano, para o bem da humanidade, teria isso consignado publicamente, como Amundsen fez para o polo Sul.

Não devemos esquecer ter sido Rondon um devoto do Positivismo, cujo lema é viver às claras...

Mas a lenda continuou...

O objetivo deste trabalho é desvendar o papel verdadeiro de Marco do Campo D'Ourique, da Comissão Rondon, estudando-o, usando para método expositivo, a concatenação dos fatos, dirimindo as dúvidas.

Aliaremos, pela oportunidade, ao estudo referido, outro, com faceta que nele se enquadra como seja a ausência da inscrição da declinação magnética, no dístico do marco.

Assim, por estarem intimamente ligados, os assuntos a comentar, serão analisados englobadamente, para evitar a repetição demasiada de argumentos comuns:

O simbolismo do marco da Comissão Rondon, como centro da América do Sul.

A ausência da declinação magnética na inscrição do marco do Campo d'Ourico.

A finalidade do marco.

Os marcos assinaladores da passagem do homem por um solo podem ser testemunhos de caminhos percorridos, de limites de posicionamento topográfico ou geodésico, etc...

Por essa razão, o marco tem uma linguagem intrínseca, que o entendido decifra indo da forma, tamanho, terminação e colocação.

A forma, geralmente prismática quadrangular, encimada por uma pirâmide, tendo por base a secção horizontal do prisma, dá-nos a orientação geral do lugar, por suas arestas cravadas no sentido dos pontos cardeais, sendo o vértice da pirâmide final, indicativo dum ponto do caminhar alinhado.

Da orientação das arestas, surge a geral das faces, da esquerda para a direita, segundo o movimento do ponteiro dos relógios.

Os marcos completos, de fundo topográfico, onde se esperam novas operações, devem ter inscritos o nome ou iniciais do autor do levantamento, o rumo do alinhamento inicial, a declinação magnética, variável com os anos, auxílio para as correções futuras, e a data do levantamento.

A fixação da declinação do lugar é uma necessidade para evitar que o novo agrimensor tenha que recorrer às empíricas e complicadas formulas como as de Cruls, Morize e Lemos.

Quanto às dimensões, os marcos têm alturas mínimas, na divisão – ainda maiores e menores (classificação antiga) – hoje maiores, médios e menores – para os ainda maiores, praticamente um metro (cem centímetros), ficando os maiores (médios) e os menores, na proporcionalidade diminutiva.

Na legislação de terras do ano de 1.850, chegaram às prescrições e tais minúncias que era determinado o volume dos marcos, a altura para parte externa – 16 – 14 – 12 – polegadas, a forma, a secção e o quanto do comprimento da parte a enterrar (nabo).

Era tal o rigor da lei, que nas medições judiciais, ou repartição de quinhões herdados de terra, a presença do Juiz se fazia presente, na cravação dos marcos, o que só foi revogado em 1890.

A legislação de terras era assim no século passado, intimamente ligado à presença da Lei, de tal modo que – “os marcos uma vez cravados, em virtude de sentença, tornam-se objetos de veneração, pois neles permanece estampado o selo da propriedade, como o sinal de batismo da justiça humana”. (Macedo Soares / Paulino).

Vê-se, assim, que os marcos, por sua própria natureza, despertam a atenção do povo que neles vê a marca da verdade.

Não há, pois surpresa, que se leia no marco o sinal da intangibilidade de posse.

É preciso não ter sentimentos do justo e do honesto para não parar, cheio de respeito diante de um velho marco, solitário na vastidão dos campos, ou à beira da estrada

pública, ou no ermo da mata virgem, guarda fiel da propriedade, testemunha sincera de um direito cravado no solo e que ele se destina a indicar.

O musgo o cobre, qual se o amparasse da ação destruidora do tempo. E, como a antiguidade do escudo enobrecia a linhagem da família que o pendurava na fronteira do castelo-solarengo, a vetustez do marco enobrece a propriedade, revelando-se das contíguas e em sua eloqüente mudez impondo aos vizinhos a sentença da eterna justiça: - *Suum cuique tribuere* (Leilão/Paulino)”.

No “a cada um o que é seu”. Está o fascínio dos marcos.

Os marcos, de inspiração geodésica, por ilação, recebem a mesma crença e simpatia, dos topógrafos e agrimensores. No entanto, se diferem, enquanto os primeiros podem flutuar de local a local, por sentença judicial ou venda, os segundos, os geodésicos, que não têm dimensões e formas definidas, podendo ser prismáticos, piramidais, troncos piramidais ou mistos, são intangíveis. Vieram para a perpetuidade, pois se relacionam às coordenadas verdadeiras do chão em que se assentam. Podem, somente, consignar a latitude e a longitude, nada mais e quando muito, numa concessão – *ad libitum* – o nome da comissão que mediu, ano de ereção e responsável.

A declinação magnética num marco geodésico será, pois, uma excrescência.

Ali não há lugar para variáveis.

A diferença em graus ou grados, entre o Norte verdadeiro e o magnético, constitui a declinação magnética, que é variável no tempo e no sentido, sendo ora leste, ora Oeste.

O movimento de rotação da terra, ou outro, não permite a superposição ideal do Norte – Sul geográfico (meridiano), constante fixo, com o Norte – Sul magnético, também constante e estável, mas variável na relatividade comparativa, entre os dois.

Assim os meridianos verdadeiros e o magnético, vivem em repulsão, não se superpondo – sempre próximos, mas afastados.

Poeticamente – O norte magnético dança em torno do Norte geográfico ou verdadeiro. É um “ballet” de rodopios intérminos.

A topografia – arte de representar uma determinada superfície do terreno no plano, com os detalhes possíveis, numa miniatura proporcional é de execução limitada; complementa-a a Agrimensura – arte de medir terrenos.

A topografia é tolhida na execução pela curvatura da terra, que, após o limite retilíneo prático de 110 quilômetros, faz-se sentir. Após esse limite, para evitar quanto possível às deformações, entra em ação outra arte – a Geodésia – com mais apoio científico e que, com métodos próprios, atua.

O processo geodésico de levantamento de grandes áreas é a decomposição da grande superfície, em pequenas que, medidas por métodos conhecidos, são posteriormente, unidas e projetadas, no plano, segundo sistemas como – Mercator – Lambert – Bonne – Gauss, num conjunto único.

Esse processo denomina-se triangulação (decomposição em triângulos), que depende duma base inicial de operação.

De medição correta duma base depende a correção do levantamento, sendo que, nos de alta precisão, são estimados à mão, com réguas bi-metálicas (para compensar as dilatações), munidas de termômetro. As bases, já de início, são buscadas com condições idéias planas, secas, amplas, resguardadas dos ventos. Com boa visão e não sujeitas às comuns variações de temperatura e pressão bruscas (barométricas).

Prévot, diz com muita ênfase:

“Lá mesure d’une base est une des opérations les plus délicates de la triangulation, car l’exactitude de cette mesure dépend celle de tout le réseau”.

Foi por essa razão que procuramos e buscamos informações, mesmo vestígios, sobre uma possível base de triangulação na região na do Campo d’Ourique, sem resultado. O Campo d’Ourique, um logradouro público, onde se realizavam touradas, na primeira década do século, a num exame local, mesmo superficial, não resistiu às condições exigidas para uma base de triangulação, pois é – um quadrilátero acanhado, com casario lateral, em meia encosta, tendo aclives e declives nas faces.

Segundo me informou o historiador local Rubens de Mendonça esse casario é antigo e já existindo ali desde a Rusga, ano de 1834, portanto anterior à epopéia rondoniana.

Do que acabamos de expor, conclue-se logo, pelas evidências, ser o marco existente no Campo d’Ourique, singelamente um marco geodésico, um farol a iluminar uma zona, pela orientação que pode proporcionar.

Diz Prévot: - “Da mesma maneira que sobre a terra, a posição dum lugar é determinada por suas coordenadas – longitude (arco do equador compreendido entre o meridiano do lugar e outro meridiano tomado como origem) e latitude (arco do meridiano compreendido entre o lugar considerado e o equador) a posição dum astro na abóboda celeste também se define, por meio de coordenadas análogas a latitude e a longitude”.

Isso talvez explique as demoradas noites de observação, feitas por membros da Comissão de Rondon, como vim a ter conhecimento, na sessão de 21/04/79, no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Na busca de informações tive ciência de carta pessoal, ao ilustre Presidente deste Instituto, Dr. Luiz Philippe Pereira Leite, em que a esposa dum membro da Comissão Rondon, a sua parenta, relatava das noites de vigília e observação, de seu esposo, na região do marco do Campo D’Ourique: procurava certamente, entre outras medidas, precisar com rigor o meridiano do lugar, para cálculo da latitude e da longitude.

Essas medidas, tomadas, com precisão, demandam tempo, paciência e reiteração.

Diz Mathieu, para medida dum base: “La base est choisi sur un terrain aussi que possible et horizontal”. Elle a 10 kilométres environ et sés extrémités sont exactement reperées.

On determine ensuite par dês observations astronomiques lês coordénées géographiques de l’une de sés extrémités et son azimuth par rapport au meridiem géographique passant para cette extrémité.

Estas palavras que inavaliadam também a possibilidade ser o Campo d’Ourique uma base de triangulação, por falta de características e extensão, mostram de maneira inequívoca, que introduzir a declinação magnética nos dísticos indicadores dum marco geodésico, é supérfluo.

Se os azimutes obtidos, são relacionados ás coordenadas geográficas, para que a declinação magnética, figurando no marco na data de sua elevação?

Se as coordenadas são geográficas, o que interessa é a declinação magnética no dia, pura e simples do Norte verdadeiro, quando preciso.

O restante é – “arare litus” -, como dizia Ovídio.

As considerações apontadas, respondem a observações feitas por ilustre engenheiro e político paulista, que examinado o falho, por falta de inscrição da declinação magnética; reparo que seria certo, caso se tratasse dum marco topográfico.

Acontece que o marco, como da comissão Rondon, de referência, não é topográfico e sim geodésico, como já provamos. Robustece a prova, os extratos que fizemos da obra de Rondon, de Ester Viveiros; um relato sobre a vida do preclaro desbravador do sertão, aproveitando narrativa do próprio.

Assim, em “Rondon conta sua vida” colhe-se: Página 63 – “Ao partir para Cuiabá a fim de assumir a chefia da comissão, dissera-me Gomes Carneiro (a ele Rondon): - Seguirei com os outros dois ajudantes”. O senhor que é o, mas moço ficará no Rio, a fim de praticar no observatório Nacional, no morro o Castelo, observações astronômicas, determinação de coordenadas geográficas.

“No observatório de que era diretor o Dr. Luiz Cruls, praticava na mesma ocasião meu companheiro de jornada de 15 d Novembro, Tasso Fragoso e ambos fomos trabalhar sob a direção do astrônomo, o Dr. Morize”.

Página 221 – “Nos dia que se seguiram, ai (região de Cáceres) permaneci, fazendo observações astronômicas, para determinação de hora e latitude dessa cidade”.

Página 305 – “A 13 de Novembro havíamos chegado ao porto em que o paralelo 11° é cortado pelo meridiano 20°”.

Página 445 – “Foi colocado o marco de latitude ao Cautário, último vértice do grande polígono geográfico traçado pelas nossas expedições”...

Página 127 – “Ao meu ajudante, capitão Aguiar, confiei à exploração e a locação da linha assim como a determinação das coordenadas geográficas, sempre que possível, dos pontos mais importantes atravessados pela comissão”.

- Pelos excertos transcritos, observa-se que na comissão de construção de linhas telegráficas, desde seu iniciador Gomes Carneiro, depois General, o heróico defensor da Lapa, onde morreu, sempre houve a preocupação da determinação das coordenadas geográficas, não só para assinalar locais determinados e importantes, imperecivelmente, como também para marcar pontos de encontro com turmas de apoio logístico.

A topografia constituiu um meio empregado, dentro do que podia dar, limitadamente, mas a Astronomia, o grande recurso auxiliar da Geodésia, foi o recurso válido para determinar pontos básicos.

Já germinava nos cérebros dos abnegados construtores das linhas telegráficas, o mapa de Mato Grosso, por elasticidade também denominada carta geográfica de Mato Grosso.

Cuiabá, como centro preciso, geográfico ou geodésico da América do Sul é uma afirmação de puro sentimentalismo: - numa mistura de fantasia com coração afetivo...

Basta examinar-se um mapa da América do Sul, com uma forma oblonga, mais comprida do que largo, para compreender-se que falta o sentido da medição: - se de norte a sul, se de leste a oeste.

Ainda, de leste a oeste, há possibilidade, mas de norte a sul, nenhuma.

Sabendo-se que centro sempre foi o cruzamento perpendicular de dois diâmetros, num círculo, importável fica, ainda mais, a afirmação quando se verifica não ser a América do Sul, inscritível.

Na verdade, o que há de verificável, é que na região de Cuiabá e arredores, há uma soldadura de metades da América do Sul, de leste a oeste.

O marco de Rondon no Campo d’Ourique está dentro das possibilidades gerais. Estes argumentos, com outros que já fizemos de início, põem a questão nos devidos eixos.

Esta dedução já estava concluída, quando ouvimos do historiador Rubens de Mendonça a confidência segredada por Rondon, que o afirma-se ser Cuiabá o centro da América do sul, é a citação duma possibilidade...

O certo, para o caso, é a espera da carta geodésica, que o serviço geográfico do exercito Brasileiro levanta por todo Brasil – um trabalho monumental, para duas ou três gerações, face à extensão do solo brasileiro.

Da combinação dos resultados desta dificultosa missão, associada com os similares dos outros países sul americanos, surgirá à solução definitiva do problema, pois, por ora, ainda estamos nos domínios da análise indeterminada.

Assim, podemos escrever que no Centro Oeste do Brasil, dentro das possibilidades, na região da grande Cuiabá, - aqui ou ali, uma meia distância da América do Sul, de leste a oeste, do Atlântico ao Pacífico, estará presente.

Contudo – “Firmum in vita nihil”.

E, com nada é firme na vida, poderá em breve surgir um novo Padre Augusto Padlberg, que sozinho e espontaneamente, calcule as distâncias com precisão...

É na esperança que vive o homem...

E, até lá, tamponando a porta da espera, como os gregos, para explicação, recorramos ao simbolismo...

Nos domínios da Geografia Histórica há um capítulo admirativo. Batizam-se regiões, cidades, rios, etc., com nomes dos seus descobridores, desbravadores, ou beneficiadores – é o pagamento da dívida de gratidão.

Rodésia – homenageia Rhodes, o seu precursor; Petrópolis, seu fundador, D. Pedro II; Rondônia, o seu desbravador, Rondon; Bolívia, o seu libertador, Bolivar; Washington, o emancipador norte Americanos; o rio da Dúvida metamorfoseia em Roosevelt, hoje Theodoro, na homenagem a uma exploração em que tomou parte com Rondon; e a capital antiga da Olívia muda de nome para glorificar Sucre, o seu idealizador...

São inúmeros os exemplos...

Não há, pois, nada mais que o cuiabano deseje sempre revigorar o nome de Rondon, na associação dos fatos citadinos.

A denominação do marco geodésico do campo d’ Ourique, como centro da América do Sul, associada ao nome de Rondon é o simbolismo aventado. Substitui

palidamente o bronze grandiloqüente, que deveria existir, a par da estátua ao bandeirante, pois Rondon foi o complemento da saga paulista.

Bustos não dizem aos pôsteres o valor da homenagem; marcam um evento e nada mais. Em estatuário, só o grandioso, na alegoria, traz o efeito que se espera – a glorificação.

Não se diga que pode haver excesso no tributo que o mato-grossense vem tentando prestar a Rondon: - a afeição que extravasa.

Repetem a homenagem que Jaguaribe de Matos, um colaborador e admirador do intrépido mimoseano, com o meridiano, que partindo do Essequibo na Guiana Inglesa, hoje país independente, atinge o Rio da Prata, denominou de Rondon.

“O meridiano Rondon – “uma ficção geográfica”, apesar de simbólico, teve a aprovação dos membros do 3º Congresso Internacional da História das Ciências (Portugal)”.

O reconhecimento é virtude, e quando esclarecido, culto.

Falta-nos, para concluir o presente trabalho, e dar o verdadeiro sentido objetivo e subjetivo do marco do campo d’ Ourique, um trabalho artesanal puro, de Júlio Caetano, definindo-o:

- Alvenaria, branco, liso; base retangular (0,65x0,64); um prisma quadrangular (0,40x1,32), encimado por uma pirâmide também quadrangular (0,40x0,33), tendo na face norte um dístico de metal com as indicações.

Com. Rondon
Lat. Sul – 15° 35’ 36”, 80
Long. O Green – 56° 06’ 05”, 55
1º Ten. Renato Barbosa R. P.
1909

Vê-se, assim que não tendo a grandiosidade de marco assinalador de Centro da América do Sul, e nem a singeleza de simples demarcador topográfico, apesar da forma tem conetração útil, de importância vital: - assinalar a entrada de Cuiabá, no círculo mundial das posições definidas, astronomicamente, úteis á humanidade.

O marco do campo d’ Ourique posicionava estação de observações, ali existente, que, aproveitando as linhas telegráficas, já estendidas, inundava regiões em derredor e

longínquas, dos elementos necessários para os cálculos de posicionamento verdadeiro delas.

Cuiabá, uma vez mais, por sua posição geográfica, após os bandeirantes e outros da indústria extrativa, situou a passagem das comunicações para a conquista do oeste semi-ignoto deste imenso Brasil.

Rondon, através das linhas telegráficas, mostrou o que agora se repete, com as estradas de rodagem, para a conquista da Amazônia, do N.N.O. do país - é preciso antes marchar para oeste, para depois infletir para o norte...

Quando Rondon contou sua vida a Ester Viveiros, no livro resultante, há na página 436 (in fine) e 437, o seguinte trecho: “Havia mais outro serviço técnico de grande importância, intimamente ligado ao trabalho das explorações geográficas e da construção”. Era o serviço astronômico, montado em Cuiabá, com o fim especial de permitir a determinação exata das longitudes dos pontos principais do sertão e doutras localidades de Mato Grosso.

Em todas as viagens, conduzia eu sempre um sextante, de que me ia servindo para observar a posição dos astros e dela deduzir, mediante as comparações, indicadas pela ciência, com a hora marcada num cronômetro, o valor daquela coordenada geográfica.

Os resultados obtidos por esse meio não se revestiam, porém, do rigor exigido pelos conhecimentos modernos, para serem considerados definitivos.

A fim de ter indicações rigorosas, incumbi o Tte. Renato Barbosa Rodrigues Pereira de organizar na capital de Mato Grosso um posto astronômico, o qual, por estar em comunicação telegráfica direta com o Observatório do Rio, recebia a hora exata do nosso meridiano principal e depois a transmitia aos pontos cujas posições se queria determinar e já ligados aquele posto, pelo telégrafo.

“Essa estação astronômica, que principiara a funcionar desde 1909, vinha prestando relevantes serviços á geográfica científica do Brasil”.

- Como todos os autores, biógrafos de Rondon, especialmente Viveiros e Coutinho que ouviram o grande mato-grossense de viva voz, silenciam sobre o problema do centro da América do Sul, propalado, por exclusão, encontra-se a verdadeira finalidade do marco geodésico do campo d’ Ourique: - o cunho dum ponto de orientação.

Os dizeres do marco são bastante elucidativos, pois quem os elaborou, o Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira, embora dependente em principio, de observações ligadas ao meridiano do Rio de Janeiro, fez a estação cuiabana relacionar-se ás coordenadas ao geográficas, meridiano de Greenwich, o padrão ou standard mundial.

Agiu, assim, para a universalidade, como todos os observatórios astronômicos, que comandam cadeias de similares.

Atende-se, para a precisão das leituras angulares, até frações de segundo, para se ter o retrato do critério da mediação.

Englobam-se na estação astronômica de Cuiabá, ao meridiano local, os do Rio e de Greenwich.

O fato passando-se, no já longínquo 1.909, com tudo dificultoso, era para ser assinalado, publicamente, mesmo com mármore. A alvenaria substitui-o, marcado uma época de abnegação, esforços e sacrifícios.

As informações que a estação de Cuiabá enviava aos postos de observação astronômicas subsidiárias, através do telégrafo, indo acolá e mais além, na senda do processo, constituíram dados básicos, que, aliados á exploração do solo, permitiram a construção do mapa de Mato Grosso.

Criticar, não é destruir, é sim analisar.

Analisar é ajudar a construir.

9.2 - Resposta de Anibal Alencastro

Em referência ao assunto “Marco Geodésico” muito nos entristece a afirmativa do nobre escritor Cyro Sodré, constante na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT, do ano de 1980, quando se refere ao “CENTRO GEODÉSICO DA AMÉRICA DO SUL” em Cuiabá, como sendo um fato inverídico e sem nenhuma base científica.

A principio ele tenta enquadrar o referido “marco” como um vértice de triangulação geodésica, não o conseguindo por se tratar de um marco isolado, em seguida supõe de alguém tentando achar o tal ponto, utilizando um compasso sobre o mapa da América do Sul, refere-se a dimensão do município cuiabano em épocas passadas “nada tendo haver com o caso”, em seguida tece comentários sobre as impressões dos mapas.

Na página 160, o nosso escritor afirma que para determinação do tal ponto, necessitaria investigações mais profundas, e crítica o Marco elaborado pela Comissão de Rondon, considerando Marco falho, por não conter nele “declinação magnética”, baseando-se em bibliografia cartográfica, ele tenta explicar a importância dos marcos geodésicos, das suas aplicações, suas formas etc., e que para isso buscou vários autores. Porém, para sua infelicidade, faltou-lhe algum conhecimento básico para interpretar o

assunto; provado isto, quando se refere da ausência no Marco Geodésico da “Declinação Magnética”.

Marco Geodésico é calculado através da Astronomia e sua referência é o norte geográfico, portanto não a necessidade de registro da declinação magnética no Marco, e sim da Latitude e da Longitude, pois trata-se de um ponto fixo na terra; apoiado nos paralelos e meridianos, cujas linhas não se mudam.

É de se admirar o trabalho executado pela Comissão Rondon, todos estes cuidados foram tomados na determinação do tal ponto, uma vez que todos os cálculos matemáticos elaborados naquela época (1909), com utilização de equipamentos arcaicos (sextante), mesmo assim, nada tem a dever aos cálculos de hoje, onde se utiliza computadores e rastreadores de satélites.

Na página 165, do referido livro, na bibliografia citada pelo escritor, esta bem explicito a aplicação dos levantamentos topográficos e Geodésicos, acreditamos que o nobre escritor não atentou para as diferenças.

A topografia convencional é para levantamentos restritos a pequenas áreas, ou seja, até no máximo 10 Km² e são referenciados pelo NORTE MAGNÉTICO, considerando-se a superfície da “terra plana”, já o levantamento Geodésico considera a curvatura da terra, e apóia-se em cálculos astronômicos (sol, estrelas, etc.), baseia-se também no raio da terra (Nadir e Zenith).

A suposta dúvida de Cuiabá não se situar no Centro Geodésico da América do Sul, prende-se ao fato da simples visualização aparente nos mapas. Cujas medidas empíricas nunca conseguirão determinar Cuiabá no centro da América do Sul.

Toda a explicação para este fato está contida nos “Sistemas de Projeções Cartográficas”. Existem inúmeras formas de projeções cartográficas e cada uma delas são ajustáveis para uma determinada área do globo terrestre, ou seja, são áreas cujas medidas de escalas serão exatas, outrossim, embora a projeção cubra outras áreas, porém estas apresentarão distorcidas, a exemplo: a Projeção Cilíndrica favorece países que estão contidos entre os paralelos secantes a esfera (globo), ou seja, favorece a faixa equatorial, já a Projeção Cônica aplicada no Hemisfério Norte, favoreceria países que estão em contato (secante) com a esfera (globo).

Dessa maneira, em se tratando de todo o continente Americano, torna-se evidente as distorções, uma vez que, a forma geográfica do continente é longitudinal ao globo terrestre, apresentando deformações em várias latitudes, apesar também de todas as projeções, considerar a Terra como uma esfera perfeita, quando na verdade, não é a Terra é

bastante achatada nos pólos, com a forma de uma elipse; tudo acentua mais as distorções cartográficas nas pequenas escalas. Dessa maneira todo mapa que apresenta pequenas escalas, suas formas geográficas não são reais, não permitindo parâmetros para determinação de qualquer um ponto geográfica.

Considerando estes fatores, nunca, poderíamos duvidar da veracidade dos trabalhos do gabarito da equipe do General Rondon, acreditamos, porém, que, por pura humildade, a referida equipe não quis adicionar no “Marco do Campo D’Ourique a inscrição de “CENTRO GEODÉSICO DA AMÉRICA DO SUL”. Porém esta afirmação é válida quando da instalação em Cuiabá, pelo INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais”, do principal centro de rastreamento de Satélites da América do Sul, que uma vez, não situado no centro da América do Sul, não poderia de maneira nenhuma obter ângulos de rastreamento de todo Continente Latino Americano.

9.3 - Ciência no Céu¹

Responda rapidamente: onde fica o Centro Geodésico da América do Sul?

Muitos com certeza vão dizer que é em frente à Assembléia Legislativa de Mato Grosso, outros em Chapada dos Guimarães. Nenhuma das respostas, porém, está correta, segundo estudos feitos pelo astrometaciclôfísico (estudioso dos fenômenos de formação geodésica), Aldecir José da Rocha.

Depois de oito anos lendo sobre o assunto, fazendo mil cálculos, pesquisas e observações ele chegou à conclusão que o Centro Geodésico da América do Sul não é em frente à Assembléia Legislativa, como está nos livros didáticos, mas sim num lugar também bastante conhecido da população cuiabana: o Coxipó do Ouro, localizado a 30 km da Capital.

Para chegar a essa conclusão Aldecir começou a estudar o Centro Geodésico em 1996. Apaixonado pelo assunto, ele iniciou as pesquisas sobre o tema por conta própria. Autodidata, o pesquisador afirma que se especializou no assunto e diz ter certeza que a descoberta vai causar uma série de mudanças não só em nível estadual, mas mundial.

Conforme ele, seus estudos comprovaram que o Centro Geodésico localizado no Coxipó do Ouro é o epicentro da terra, o local mais balanceado do planeta.

¹ PINHEIRO, Janã. In *Jornal A GAZETA*, em 30/05/2004.

"É o ponto onde há maior atração convergente na rota solar, rota lunar, rota de Marte e Vênus, em relação ao Cruzeiro do Sul. O local onde está o Centro Geodésico é o ponto de convergência de todos esses planetas, ou seja, é um ponto comum de passagem", explica o pesquisador.

Conforme ele, neste local existe o melhor ponto de observação dos astros do mundo. "Aqui podemos observar os planetas de um ângulo de 90°. Isso não é possível em nenhum outro lugar do planeta Terra. A passagem dos astros por este ponto de convergência pode ser visto a olho nu", afirma.

Para chegar até o Centro Geodésico exato, Rocha fez uma série de pesquisas e observações noturnas no Morro de Santo Antônio (Santo Antônio de Leverger) - ponto de atração da lua - e Morro de São Jerônimo (Chapada dos Guimarães) - ponto de atração do sol.

Segundo ele, os estudos que apontaram o Centro Geodésico em frente à Assembléia foram feitos com observações durante o dia. "Na minha pesquisa eu fiz as observações durante a noite, tendo como base o Cruzeiro do Sul. Constatei que existe um ponto em comum de passagem do sol, lua, Marte e Vênus. É exatamente nesse local o epicentro da Terra, ou seja, o Centro Geodésico" defende.

Ele explica que os cálculos que indicam o Centro Geodésico da América do Sul como sendo em frente à Assembléia Legislativa foram feitos por um astrônomo integrante da comitiva do marechal Cândido Rondon, o tenente Renato Barbosa Pereira.

No obelisco colocado em frente a AL, uma placa traz as coordenadas que apontam ser ali o local exato do centro da Terra. Por meio de cálculos e medições o pesquisador diz provar que as coordenadas estão erradas. "As coordenadas da placa do marco histórico não condizem com as coordenadas conferidas e calculadas no ponto GPS", garante Rocha.

As coordenadas do obelisco dizem que o Centro Geodésico fica ao Norte, enquanto os cálculos do pesquisador mostram que o centro está de fato ao Sul.

"Depois de oito anos de pesquisa e estudo posso afirmar que o Centro Geodésico está no Coxipó do Ouro. É preciso fazer medições topográficas para delinear o epicentro, ou seja, o local exato" ressalta.

Recentemente a população de Cuiabá elegeu o Centro Geodésico como o cartão postal da cidade. Depois desse resultado a Organização Não-Governamental Central Geográfica - especializada na demarcação dos pontos e divisas de Mato Grosso - contratou os serviços de Rocha para verificar onde realmente está o epicentro da terra.

Segundo ele, a ONG vai entrar com um pedido na Assembléia Legislativa para que seja criado um projeto de lei para mudar o Centro Geodésico de lugar.

Em julho Altecir Rocha e representantes da ONG têm uma audiência marcada com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para apresentar a ele as novas descobertas.

O pesquisador explica que, ao contrário do que muitas pessoas possam imaginar, transferir o Centro Geodésico de local provoca uma série de alterações.

"Primeiramente deve ocorrer à mudança no banco de dados da sistemática dos satélites em relação às coordenadas do epicentro. Todos os satélites que passam pelo Brasil terão que mudar suas coordenadas", diz.

Ele assegura ainda que esta descoberta vai trazer divisas internacionais para Mato Grosso, na área científica, tecnológica, cultural e turística.

"Cuiabá será o local mais visitado do mundo. Milhares de estudiosos virão para cá. O Centro Geodésico é o eixo central da Terra. Teremos que mudar também os mapas. Neles a América do Sul fica ao lado, na verdade ela deveria estar na parte de cima, já que o epicentro da Terra é aqui", garante.

Os místicos, conforme acredita o pesquisador, também serão atraídos para cá. "O Centro Geodésico é o ponto de equilíbrio do ser humano. O fluxo de energia está canalizado nele".

O estudioso explica que Morro de São Jerônimo é o maior ponto de atração solar porque o seu solo é composto de magnética, enxofre e rocha basáltica. Esses minerais "atraem" o sol. Já a formação calcária do Morro de Santo Antônio, que também tem enxofre e quartzo, "atrai" a lua. "O sol traz influência positiva e a lua negativa, resultando na energia neutra, que traz o equilíbrio para o ser humano", diz Rocha.

Desconhecimento - Apesar de o astrometaciclôfísico Aldecir Rocha ter estudado durante oito anos para mostrar que o Centro Geodésico está no lugar errado, na cabeça das pessoas ainda existe uma grande confusão.

Uma parcela acredita ser a Assembléia o local exato do Centro, outros afirmam ser em Chapada dos Guimarães, uma boa parte parcela, porém, nem sabe que ele existe.

"Eu já ouvi falar desse lugar por alto, mas não sei onde é. Também para mim não faz diferença", diz a vendedora Marina de Souza.

Rocha, porém, afirma ter certeza que depois de muito estudo e pesquisa o epicentro da Terra é no Coxipó do Ouro.

"Estou disposto a debater minha descoberta. Qualquer pessoa que queira se informar sobre os cálculos que fiz e de como cheguei a esta conclusão estou a inteira disposição".

Palestra - Para mostrar a descoberta e tirar as dúvidas da população, no dia 14 de junho, das 9 às 17 horas, Aldecir vai ministrar uma palestra na Praça Alencastro.

O evento, que será promovido pela ONG Central Geográfica/MT terá ainda o lançamento do projeto "Deixe surgir um artista em você" e um workshop de pintura artística em tela.

9.4 - GEODÉSIA ...Chapada ou Cuiabá?²

Segundo o dicionário, geodésia é a arte de medir e dividir terras ou a ciência que se ocupa da forma e da grandeza da terra, ou de uma parte de sua superfície.

Enquanto arte, a geodésia é imprecisa, Marechal Cândido Rondon, um grande artista da medição, definiu o ponto geodésico da América do Sul no antigo Campo D'ourique, atual Câmara dos Vereadores de Cuiabá, em uma época em que não existiam os instrumentos de hoje.

Hoje em dia, percebemos a geodésia mais acessível. Ela, enquanto ciência e com tanta tecnologia à disposição possibilitou que um grande público conseguisse georreferenciar, demarcar e medir, olhar do satélite, GPS, ver pelo Google Earth, etc.

Com um simples programa doméstico e internet, qualquer um pode fazer medidas e perceber que a geodésia é relativa, para acharmos um centro temos que demarcar duas ou mais extremidades.

Em um continente tão disforme quanto o sul-americano, encontrar este centro é uma atividade um tanto divertida. Dependendo de onde fixarmos nossas âncoras, teremos vários pontos centrais.

Para Rondon, os pontos convenientes eram aqueles que colocassem a capital do Estado como centro da América, contudo, mais recentemente, para os místicos o centro não poderia estar em um local caótico como um centro urbano, deveria estar em um local paradisíaco, selencioso,... no Mirante em Chapada.

² PELLEGRIN, Daniel in *Jornal Folha do Estado* em 09/10/2006.

Na década de setenta, no governo de Garcia Neto, com o lançamento nacional de Chapada como a “A Primeira Cidade Lazer do Brasil”, Mato Grosso desperta para o turismo. Matérias nacionais revelam Chapada dos Guimarães para o Brasil, “o centro”, “o centro”, “o Brasil desconhecido”.

No plano diretor para turismo, encomendado por Maria Ligia Borges Garcia, feito na década de setenta, Lúcio Costa recomenda a utilização da geodésia para atração de eventos sul-americanos para a Chapada.

Desde então, cerca de trinta anos, o Mirante é divulgado como Mirante do Centro Geodésico, trata-se “geodésia turística”, mais de cinquenta mil turistas/ano sobem sobre o simples marco de concreto fixado pelo IBGE, abrem os braços e tiram uma foto dizendo estar no “umbigo do mundo”. E o trade turístico chapadense continua. “É ai mesmo”.

Alguns guias quando questionados sobre Rondon, falam de Cristovão Colombo, descobridor da América. Ele disse “o paraíso está no centro da América”, e Cuiabá é um tanto quente para ser o paraíso, contudo, pessoalmente penso que até isto seja relativo, muitos não trocam o calor cuiabano por nada.

Quanto a retirar as placas sinalizando o mirante como centro geodésico, penso que não resolverá. São muitos anos de mídia e de estrutura em torno do atrativo, o trade turístico e as revistas de turismo continuarão falando e publicando que temos dois centros geodésicos: o do Rondon e o dos místicos. Talvez por uma simples questão de respeito à história do turismo no Estado, as placas devam permanecer onde estão.

9.5 - Controvérsias quanto à localização³

A localização do ponto que determina o Centro Geodésico da América do Sul, que seria o centro da porção sul do continente americano, é uma polêmica antiga em Mato Grosso. Em frente à Câmara dos Vereadores há um monumento sobre o marco, indicando que o ponto está em Cuiabá. Na estrada para Chapada dos Guimarães, na rodovia Emanuel Pinheiro, diversas placas também sinalizam a aproximação de outro ponto central, que estaria no mirante. As opiniões são controversas e divididas entre os que defendem a existência do Centro Geodésico em uma ou em outra cidade. “Nossa, o Centro Geodésico não fica em Chapada?”, surpreende-se o sul-matogrossense Nelson Pimenta da Rocha Filho, ao se deparar com o marco no antigo Campo D’Ourique

³ ROMA, Keity in Jornal Diário de Cuiabá, em 18/10/2006.

(local onde está a Câmara), em Cuiabá. Os dois locais atraem turistas de todas as partes que vêm ao Estado e, curiosos, aproveitam para conhecer o lugar de onde a distância é a mesma tanto em relação ao Oceano Pacífico quanto ao Atlântico. Isso faz com que nenhum dos municípios abra mão do título. Porém, os visitantes se decepcionam quando descobrem que existem “dois” Centros Geodésicos, e que logo um não é verdadeiro, só não se sabe qual deles.

Em 1909, uma comissão liderada por Marechal Cândido Rondon calculou que o marco geodésico estaria localizado na Capital. Desde então, nenhuma nova medição teria sido realizada, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ponto foi reconhecido pelo Exército e na década de 80, o município distribuía certificados para quem visitasse o local.

Em Chapada, a história teria se popularizado na década de 70, com a divulgação do plano diretor do Turismo, elaborado pelo arquiteto Lúcio Costa, que participou da construção de Brasília e que recomendou a exploração da geodesia como atrativo turístico local, de acordo com o secretário municipal de Turismo, Daniel Pellegrin. “O estudo de Rondon é muito antigo, com as novas tecnologias, é passível de questionamento o método que ele utilizou. Não vamos retirar as placas”, defendeu Pellegrin.

O cartógrafo e Geógrafo Aníbal Alencastro descarta a possibilidade do Centro Geodésico estar localizado fora de Cuiabá. Ele é um dos defensores convictos de que em Chapada o equívoco surgiu com a definição, na década de 40, de uma referência de nível (RN), que serve para delimitações topográficas, no mirante. “É um oportunismo. O marco em Chapada não tem nada a ver com o Centro Geodésico”, concluiu ele. A Secretaria de Estado de Cultura também reconhece o ponto tão disputado como localizado na Capital.

A incógnita da real localização do Centro Geodésico só poderá ser solucionada com a elaboração de novas análises. A coordenadora da diretoria de Geociências do órgão do Rio de Janeiro, Sônia Maria Alves Costa, declarou que o IBGE, órgão responsável pela oficialização dos estudos cartográficos, não reconhece o de Rondon e que, oficialmente, o Centro Geodésico não foi determinado no Brasil.

É possível determinar o ponto, mas para nós não há finalidade prática nessa demarcação científica. Muita gente liga e pergunta isso, mas não há nada reconhecido cientificamente. “Tanto em Cuiabá, quanto em Chapada, existem referências de nível que podem ter sido denominadas como os possíveis Centros Geodésicos (Figura 20), talvez até por conveniência”, afirmou Sônia.

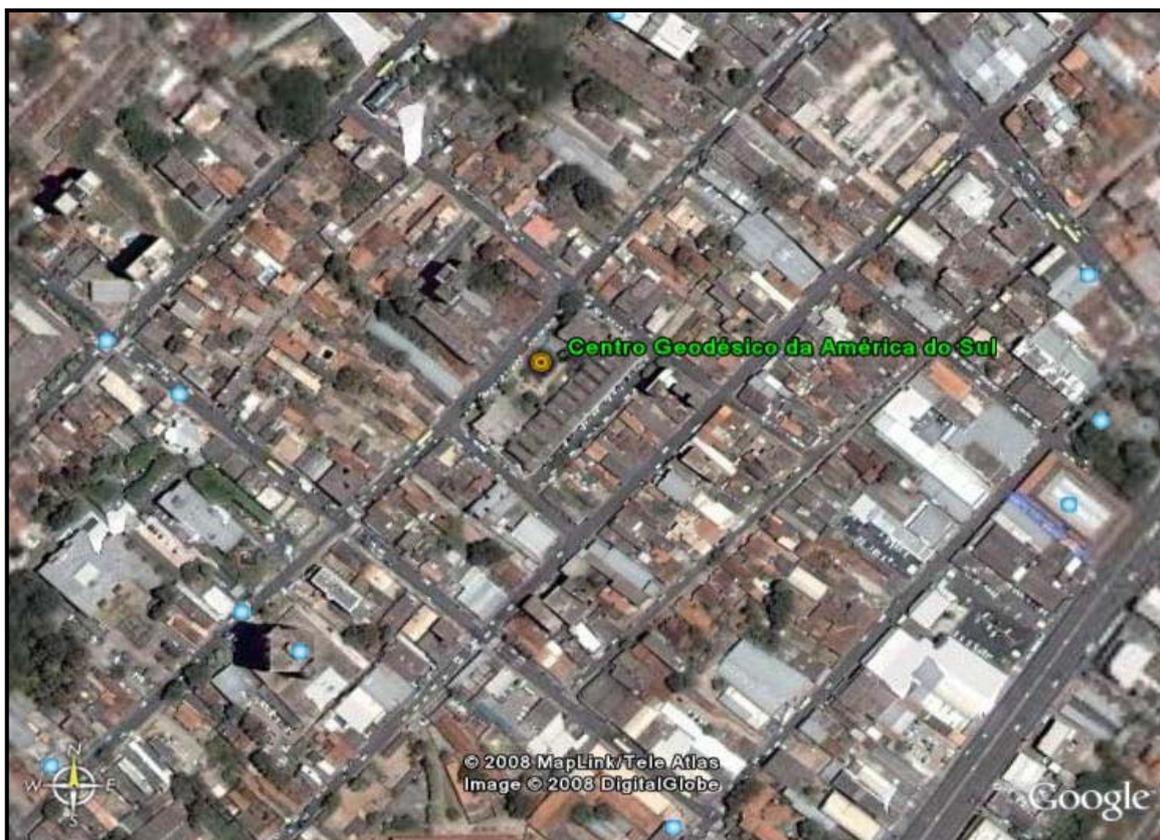


Figura 20 - Imagem de Satélite (2008)
Fonte: Google

9.6 - Esotéricos reconhecem ponto em Chapada⁴

Para os esotéricos, na região de Chapada dos Guimarães circulam ondas cósmicas, que atraem místicos do mundo inteiro, de acordo com o empresário do ramo de turismo, Jorge Berlfort. O fato de o Centro Geodésico estar na área torna as convicções dos que acreditam nas forças sobrenaturais ainda mais fortes.

Essas crenças e a curiosidade popular incentivam o turismo no mirante, que abriga o marco chapadense. O secretário de Turismo de Chapada dos Guimarães, Daniel Pellegrin (2006), afirmou ser desnecessário o impasse entre os municípios, mas descartou a possibilidade de retirar as identificações do Centro Geodésico. “Esse ponto é muito relativo. Se você entrar no Google Earth (uma ferramenta de localização com imagem de satélite) pode obter diversos Centros Geodésicos dependendo do seu ponto de partida”, disse ele.

⁴ ROMA, Keity in Jornal Diário de Cuiabá, em 18/10/2006.

Em um artigo sobre o assunto, Pellegrin escreveu o seguinte parágrafo: “São muitos anos de mídia e de estrutura em torno do atrativo, o trade turístico e as revistas de turismo continuarão falando e publicando que temos dois centros geodésicos: o do Rondon e o dos místicos”. Talvez por uma simples questão de respeito à história do turismo no Estado, as placas devessem permanecer onde estão.

9.7 - Centro Geodésico da América do Sul, segundo o Google Earth⁵

Quando escrevi o artigo sobre a geodésia, logo me ligaram alguns místicos e geógrafos. Ambos acrescentaram informações sobre o assunto. Em uma coisa ambos concordam, as convenções sobre a geodésia estão muito mais acessíveis e me pediram para falar mais ao público sobre o assunto.

Se considerarmos os litorais sul-americanos, poderemos mais facilmente relativizar o centro, pois o continente sul americano é disforme, irregular, contudo se considerarmos a Terra, uma esfera, teremos uma forma geométrica, mais fácil de visualizar o centro conforme as convenções da geodésia. Assim ao colocar a América do Sul, no centro do globo, os oceanos se colocam como molduras, desta forma poderemos colocar um compasso no centro da América e girá-lo em torno do globo. Em uma visão de cone.

A linha que divide a América do Sul, que vai do Atlântico ao Pacífico, que passa por diversos municípios como Primavera do Leste, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Várzea Grande, Barra do Bugres, etc. tem 110 km de largura e aproximadamente 3.900 km de comprimento, considerando os dois litorais e, é visualizada pela convenção geodésica paralelo $S15^{\circ}$ e cada grau tem 60' e cada minuto tem 60". Então, o meio dela seria $15^{\circ}30'30''$, dessa forma esta linha passa a 10 km da Câmara dos Vereadores em Cuiabá e a 3 km do Mirante em Chapada.

Do mirante em Chapada é o melhor ponto para observá-la (“ $S15^{\circ}30'30''$ ”) passando logo abaixo, em um pequeno morro e continuando em direção a Cuiabá, que também aparece na cena. Por isso o nome: Mirante do Centro Geodésico.

Dividindo esta linha ($S15^{\circ}30'$ do Atlântico ao Pacífico) ao meio, temos uma distância de 1.950 km; esse centro, segundo o programa Google Earth (figura 16), está a

⁵ PELLEGRIN, Daniel in Jornal CircuitoMatoGrosso, em 27/10/2006.

100 km de Cuiabá e a 120 km de Chapada no meio do cerrado, em direção ao Rio Paraguai.

O paralelo S15° aparece com destaque na grade de longitude, pois centraliza a América do Sul com relação ao globo terrestre. Assim como o meridiano W55° se destaca na grade de latitude por ter a mesma função centralizadora em relação à terra. Ou seja, se colocarmos a América do Sul em destaque no visor, no centro do globo, veremos que o cruzamento do meridiano W55° e o paralelo S15° alinham o Continente Sul Americano em relação ao Globo (Figura 21). O mesmo poderemos fazer com o continente norte americano, africano, pólo norte, etc., percebemos que podemos colocar cada um deles em destaque no globo e encontrar os diversos centros.



Figura 21 - Imagem de Satélite (2008)
Fonte: Google

A visão holística de Centro da América se deve muito a esta referência e não aquela que fala do litoral do Atlântico ao litoral Pacífico, por esta ótica, o centro está mais em relação ao globo do que em relação aos litorais. A visão holística considera também a ponta do Aquífero Guarani, o reflexo, o clima, as nascentes, as ligação geofísicas com a Amazônia, a Bacia do Paraná, a cordilheira dos Andes, como se fossem artérias partindo do “Coração” ou como se as águas do aquífero e da Amazônia equilibrassem o continente.

“Assim, se considerarmos o meio do meridiano W55°, onde está a maior parte dos atrativos turísticos de Chapada, teremos a latitude, W55°30’30”, o ponto de cruzamento desta linha com a longitude S15°30’30”, segundo o Google Earth, está localizado próximo a uma das nascentes do Rio da Casca, em Chapada dos Guimarães, a 20 Km do Mirante e a 70 Km de Cuiabá. Agora se considerarmos a latitude W56°30’30” será provavelmente em Várzea Grande, latitude W57°30’30” em Barra do Bugres, assim sucessivamente. Então a pergunta a ser feita com relação ao Rondon seria: considerado o paralelo S15° que corta o Continente Sul Americano do litoral Atlântico ao litoral do Pacífico, qual é o município que está no meio da linha, ente os litorais?

A nova versão do Google Earth esta disponível gratuitamente na internet para qualquer um fazer o download. Com ele instalado, basta clicar em Wien, acionar a grade de latitude e longitude (lat/lon Grid) e encontrar essas referências, ou na pasta search (fly to) digite as coordenadas 15°30’30”s, 55°30’30”w, por exemplo. Clicando na letra N, à direita, na rosa dos ventos o programa alinha o globo. A ferramenta régua ajuda na medição. As referências também podem ser usadas ao GPS (Sistema de Posicionamento Global).

Por fim, para os místicos, o ponto em Cuiabá está ligado à disputa, a guerra e ao poder... Rusga, Tourada, Assembléia e Câmara, para muitos é a ótica militar do Ponto Geodésico.

9.8 - Duplicidade de Marco Geodésico gera confusão aos turistas e visitantes de Cuiabá e Chapada dos Guimarães⁶

Em ocasião da 2ª edição da Literamérica – o maior evento literário e Feira Sil Americana do Livro, em Cuiabá, recebemos inúmeros visitantes como: embaixadores, escritores e expositores de vários países latino-americanos. Os quais desejaram por conhecimento visitar os pontos turísticos de Cuiabá e proximidades, mas, sobretudo o Centro Geodésico da América do Sul, que visitaram em Cuiabá, na Praça Moreira Cabral antigo Campo D’Ourique, em frente a Câmara dos Vereadores.

⁶ ALENCASTRO, Anibal in *Diário de Cuiabá*

Sendo este marco único e produto de um trabalho sério executado pela “Comissão Ronson” em 1909, cujos cálculos geodésicos foram efetuados pelo Ten. Renato Barbpsa Rodrigues Pereira, principal geodesta da Comissão.

Ocorre que ao se deslocarem a Chapada dos Guimarães, ficaram decepcionados com um “pseudo” Centro Geodésico no local, tendo em vista várias placas de sinalização na Rodovia, as quais identificavam como sendo lá a existência de outro Centro Geodésico.

De fato na Rodovia Emaniél Pinheiro (Cuiabá-Chapada) a partir do quilômetro 15 tem início uma série de placas indicativas padronizadas orientando aos turistas e visitantes da aproximação de um “pseudo” Centro Geodésico da América do Sul, o qual deveria existir no mirante à margem direita da rodovia que liga Chapada – Campo Verde.

Na verdade naquele local o que ali existe é um antigo marco de RN Referência de Nível (Figura 22). O tal marco trata-se de um vértice geodésico que faz parte de uma rede de triangulação de 1º ordem do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ou seja, é um ponto de apoio Cartográfico/Topográfico para elaboração de mapas e/ou para auxílios de trabalhos topográficos precisos na compensação de cálculos de esfericidade da terra.



Figura 22 – Marco RN - Referência de Nível (Chapada dos Guimarães)
Fonte: Pedro Arnaldo Paschoioto (2012)

O marco em referência é o RN – Teixeira, entre outros milhares existentes em todo o território brasileiro, inclusive em Cuiabá, precisamente na Universidade Federal de Mato Grosso, em frente ao Departamento de Ciências Sociais e outro no C.PA – Centro Político Administrativo, denominado marco “Allyrio”. E outro marco está localizado no trevo da entrada para Santo Antonio do Leverger. Tal triangulação geodésica foi um trabalho executado pelo ilustre cuiabano Allírio Hugueney de Mattos, ilustre professor de geodésia da Universidade do Rio de Janeiro.

Portanto, aquele marco em Chapada dos Guimarães nada tem a ver com o monumento único do Centro da América do Sul, sito em Cuiabá.

Sendo assim este marco é assunto consolidado. Uma vez que foi aceito pela comunidade científica e cultural há muitos anos e já faz parte do patrimônio histórico cuiabano. Sempre foi e será um dos principais pontos turísticos de Cuiabá.

O marco em Cuiabá, está determinado pelas coordenadas geográficas de Latitude 15°35'56” ao sul da linha do Equador, e longitude 56°06'05”, a oeste do meridiano de Greenwich, ponto este, reconhecido pelo D.S.G (Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército), de conformidade com a folha topográfica de nomenclatura SD.21.Z-C-V-2 na escala 1:50.000 de Cuiabá editada em 1973.

O Centro Geodésico em Cuiabá é um fato que já faz parte da nossa história e da nossa literatura, o símbolo se consagra da promulgação do Decreto-Lei nº 241 de 29/12/1972, que oficializou a Bandeira do município de Cuiabá e que ostenta na sua parte principal “O Centro Geodésico da América do Sul”.

Portanto, cabe a Secretaria de Estado de Turismo de Mato Grosso, assim como as Secretarias de Cultura do Estado e do Município, tomarem as devidas providências para que tais fatos absurdos não ocorram, em respeito ao turista, ao visitante, ao estudante e ao povo em geral.

9.9 - Polêmica acerca do local do Centro Geodésico reacendida⁷

A polêmica sobre a localização do Centro Geodésico da América do Sul, ponto central do continente, voltou a ser discutida esta semana na Capital. O título é disputado por Cuiabá e Chapada dos Guimarães e utilizado pelas duas cidades para atrair turistas. O

⁷ ROMA, Keity in Jornal Diário de Cuiabá, em 20 e 21/05/ 2007.

vereador Lutero Ponce encaminhou um ofício ao prefeito de Chapada, Gilberto de Mello, para que sejam retiradas as placas que identificam o ponto na cidade e ameaçou até procurar o Judiciário para resolver o impasse.

“Quem colocou as indicações foi o Ministério do Turismo e não a prefeitura. Se ele quer que seja feita a substituição, nós podemos colocar placas indicando o local como sendo o mirante do centro geodésico. Não queremos contrariar a história e nem mexer nas raízes”, disse Mello. Contudo, ele ressaltou que após a publicação de uma reportagem pelo Diário sobre o assunto, resolveu fazer a medição científica com GPS.

“Na realidade o verdadeiro marco geodésico fica na Caverna do Francês, quase na divisa de Chapada dos Guimarães com Campo Verde. Para medir isso, levamos técnicos conosco”, argumentou ele. Em Chapada dos Guimarães o ponto está localizado em um trecho da rodovia Emanuel Pinheiro e passou a ser explorado como diferencial turístico na década de 70 por indicação do arquiteto Lúcio Costa, que ajudou a projetar Brasília.

Já para os cuiabanos, ele está em frente a atual Câmara dos Vereadores, no antigo Campo D’Ourique. O Centro Geodésico em Cuiabá teria sido determinado por Marechal Rondon em 1909. Desde então, nenhuma nova medição teria sido realizada, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ponto foi reconhecido pelo Exército Brasileiro.

O cartógrafo e geógrafo Aníbal Alencastro descarta a possibilidade do Centro Geodésico estar localizado fora de Cuiabá. Ele é um dos defensores convictos de que em Chapada o equívoco surgiu com a definição, na década de 40, de uma referência de nível (RN), que serve para delimitações topográficas, no mirante. “É um oportunismo. O marco em Chapada não tem nada a ver com o Centro Geodésico”, concluiu ele.

“Eu fico incomodado com a situação. O Centro Geodésico é um ponto importantíssimo. Se o prefeito de Chapada não acatar a orientação, nós entraremos na Justiça”, declarou Lutero. Para sua decepção, nenhum dos dois locais detém o título oficialmente e não haveria motivos para se empreender esforços para a definição do ponto, já que não há finalidade prática nenhuma na empreitada, conforme o IBGE.

A coordenadora da diretoria de Geociências do órgão do Rio de Janeiro, Sônia Maria Alves Costa, declarou, em outra entrevista concedida ao Diário, que o IBGE, responsável pela oficialização dos estudos cartográficos, não reconhece as análises de Rondon.

Ela acrescentou que, oficialmente, o Centro Geodésico não foi determinado no Brasil. A Secretaria de Estado de Cultura defende que a localização fica na Capital, mas

estudiosos afirmam que para acabar com a incógnita seria necessária uma nova medição técnica.

9.10 - Lutero afirma que Centro Geodésico da América do Sul é aqui⁸

Um ofício que ratifica a localização do Centro Geodésico da América do Sul em Cuiabá foi enviado à Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães, pela Câmara Municipal da capital, por meio do seu presidente, vereador Lutero Ponce (PP), para que seja desfeito o equívoco referente ao ícone, que por meio de sinalização em placas, tenta induzir a população a acreditar que o mesmo seja parte daquela cidade

O parlamentar foi enfático ao dizer que Chapada não pode mais usar tais sinalizações indicativas do ícone, levando em conta os cálculos realizados e comprovados, em torno do marco, que está no antigo Campo D Ourique onde se localiza a atual sede da Câmara Municipal de Cuiabá. Disse em coletiva, que se o mal entendido não for desfeito a instituição poderá, inclusive, entrar na Justiça contra o município de Chapada.

O ofício, com dados do Instituto de Memória, dá conta de que o Centro Geodésico da América do Sul está realmente localizado no coração de Cuiabá, no antigo Campo D' Ourique. Conforme o documento é certo que, muitos anos depois surgiram questionamentos sobre a possibilidade de que cálculos matemáticos feitos pelo Marechal Rondon, pudessem estar errados, pois os equipamentos usados por ele à época, eram extremamente rudimentares, quase artesanais, para apurar com precisão tão difícil tarefa.

No entanto, para por fim à discussão o Exército Brasileiro refez os cálculos, desta feita com toda tecnologia disponível da informática e satélites. Para alegria de uns e glórias de Marechal Rondon, as coordenadas apontadas por ele foram reconhecidas pela diretoria do serviço geográfico do Ministério do Exército, cuja carta foi homologada em 1975. Marechal Rondon, o desbravador, mais uma vez teve seu trabalho reconhecido como exato e sério.

Com estas palavras, Lutero destaca a necessidade de eliminar de uma vez por todas, qualquer equívoco quanto à localização do marco. O obelisco, símbolo do Centro Geodésico foi recentemente eleito, símbolo turístico de Cuiabá em evento promovido por uma emissora de TV local, onde foi afirmado que o ícone do Centro Geodésico da América

⁸ In Jornal Gazeta em, 18/05/2007.

do Sul foi muito bem escolhido pela população para ser o símbolo turístico da capital, por ser único. “Casarões, igrejas e rios, existem em todo o mundo, mas o Centro Geodésico da América do Sul é aqui em Cuiabá”, afirma Lutero.

O vereador ainda lembrou-se da passagem da tocha olímpica que está prevista para sair do Centro Geodésico com chegada à Praça Alencastro, por ocasião da abertura dos jogos Pan-americanos que acontecerá no Rio de Janeiro, em julho (2006).

9.11 - Acordo diplomático encerra discussão sobre Centro Geodésico da América do Sul⁹

Um acordo diplomático entre o prefeito de Chapada dos Guimarães, Gilberto Mello (PR) e o presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, vereador Lutero Ponce de Arruda (PP), finalmente pôs fim à discussão em torno da localização do marco do Centro Geodésico da América do Sul. “O prefeito acatou a medida (se referindo ao ofício da Câmara, enviado ao município de Chapada, requerendo a mudança de sinalização sobre o marco). Em respeito à história acabou reconhecendo também a medição realizada por Rondon”, enfatizou Lutero.

Em reunião, na manhã desta quinta-feira (24), na Casa de Leis, os representantes de Chapada e Cuiabá discutiram sobre o assunto. As placas indicativas no município de Chapada serão trocadas e, onde havia a indicação do marco, será colocada a descrição de Mirante do Centro Geodésico da América do Sul (Figura 23).



Figura 23 – Placa fixada no Mirante da Chapa dos Guimarães-MT
Fonte: Pedro Arnaldo Paschoioto (2012)

⁹ In Jornal A Gazeta, em 25/05/2007.

Um ofício que ratifica a localização do Centro Geodésico da América do Sul em Cuiabá foi enviado à Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães, pela Câmara, por meio de Lutero, levando em conta os cálculos realizados e comprovados, em torno do marco, que está no antigo Campo D'Ourique onde se localiza a atual sede da Câmara Municipal de Cuiabá.

De acordo com o prefeito de Chapada, Gilberto Melo (PR), o dialogo ainda é o melhor caminho para o entendimento. "Combinamos em fazer esse acordo para não ocorrer nenhum tipo de prejuízo para os dois municípios, principalmente na questão turística. Vamos explorar o Mirante do Centro Geodésico de outra forma, mas sem as placas de indicação", afirmou Gilberto Mello.

Conforme dados do Instituto de Memória, o Centro Geodésico da América do Sul está realmente localizado no coração de Cuiabá, no antigo Campo D'Ourique. Conforme documentos é certo que, muitos anos depois surgiram questionamentos sobre a possibilidade de que cálculos matemáticos feitos pelo Marechal Rondon, pudessem estar errados, pois os equipamentos usados por ele à época eram extremamente rudimentares, quase artesanais, para apurar com precisão tão difícil tarefa. No entanto, para por fim à discussão o Exército Brasileiro refez os cálculos, desta feita com toda tecnologia disponível da informática e satélites.

Para alegria de uns e glórias de Marechal Rondon, as coordenadas apontadas por ele foram reconhecidas pela diretoria do serviço geográfico do Ministério do Exército, cuja carta foi homologada em 1975. Marechal Rondon, o desbravador, mais uma vez teve seu trabalho reconhecido como exato e sério.

10 - ÍCONE CUIABANO

Centro Geodésico da América Sul foi o ícone escolhido para representar a marca turística da Capital. Depois de 63 dias (2004) de campanha lançada pela TV Cidade Verde, em parceria com a Secretaria Especial de Indústria, Comércio e Turismo do município de Cuiabá, o símbolo escolhido chega a surpreender. Afinal foi escolhido com 29%, e na última etapa superou a igreja Bom Despacho com 26%, Viola de Cocho com 22% Rio Cuiabá com 12% e Museu do Rio com 11%.

A cerimônia de entrega da Marca Turística de Cuiabá aconteceu, às 17:30 h, na Assembléia Legislativa do Estado, no auditório Deputado Milton Figueiredo. A Univag - Centro Universitário, através do curso de Turismo, receberá a estatueta da Marca Turística, como um dos parceiros que ajudou na divulgação da campanha.

No total 10 marcas concorreram surgindo através de uma eleição feita pelo Fórum de Turismo. Entre eles: Cabeça de Pacú, Centro Geodésico da América do Sul, Igreja Bom Despacho, Igreja de São Benedito, Museu do Rio, Palácio da Instrução, Rio Cuiabá, Rede Cuiabana, Sesc Arsenal, e Viola de Cocho.

A idéia central de mobilizar a comunidade, para que a capital mato-grossense, assim como outras partes do Brasil e do mundo tenha a sua marca turística, atingiu o público através de sites, jornais, universidades, escolas e contou com a participação de alunos montando comitês para defender a importância de se escolher a marca turística da cidade, assinala o diretor comercial da Rede Cidade, Evaldo Silva, e idealizador do projeto.

No período (2004) da campanha estudantes de Turismo, da UNIVAG, iniciaram uma mobilização pelas escolas públicas de 1º e 2º graus, levando material impresso e em vídeo, produzidos pela TV, que explicava a importância de Cuiabá ter uma identidade turística. Na etapa seguinte foram ao ar VTs evidenciando a campanha, com peças que traziam jornalistas, publicitários esclarecendo o público sobre a campanha. E um reforço de mídia foi garantido através dos principais sites do Estado. Numa primeira etapa a população votou pelo telefone e pela internet e na segunda etapa através de urnas eletrônicas. “Desde o início tivemos o cuidado quanto a trabalhar a imagem de cada ícone concorrente, pois, apesar de haver a necessidade de se eleger uma única marca sabíamos que estávamos trabalhando com alguns dos nossos principais ícones turísticos e, portanto nossa responsabilidade era muito grande”, informa o diretor comercial.

Uma participação de destaque foi na Festa do Pantanal, quando a TV montou um stand do evento. No local foram colocadas urnas eletrônicas para que os visitantes pudessem votar. O stand recebeu ainda a presença do ministro Valfredo Neres Guia, que votou na viola de cocho.

O ex-secretário Francisco Vuolo, que participou do circuito de palestras, informa que ficou satisfeito com o resultado. “Independente do ícone escolhido, o que importa agora é que Cuiabá tem uma marca turística. O Centro Geodésico da América do Sul (Figura 24) tem peso suficiente para ser trabalhado como atração nacional. É um excelente diferencial turístico. Quanto aos outros ícones, esses ficaram ainda mais fortalecidos como atrativos turísticos, e devem estar sempre divulgados junto com a marca turística”, sintetiza Vuolo.



Figura 24 – Centro Geodésico da América do Sul
Fonte: Site www.cuiaba.mt.gov.br (2010)

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA, no uso das atribuições que lhe confere o *art. 71, II da Constituição Estadual, o Art. 28, V, do Decreto n.º 2.142, de 10 de setembro de 2008*, combinado com o *art.5.º da Lei n. 9.107, de 31 de março de 2009 e Lei n.º. 8.385 de 9 de novembro de 2005*, e,

Considerando que os procedimentos referenciais técnicos constitutivos do Processo de Tombamento *n.º. 701600/2009/ SEC / MT* em tramitação nesta Secretaria nos termos da *Lei n.º 9.107/2009* e estudos da Coordenadoria de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural que concluem pela proteção de bens, logradouros, monumentos e paisagens inseridos na área a ser tutelada pelo poder público estadual;

Considerando que neste ano de 2009 se comemoram os 100 anos da existência do marco histórico Centro Geodésico da América do Sul construído pela Comissão Rondon em 1.909, no largo do Campo D'Ourique sendo, por volta de 1966, erigido por sobre o marco original, como forma de protegê-lo, um Obelisco de aproximadamente 20 metros de altura, revestido de mármore branco, em formato de estrela de 4 (quatro) pontas, contendo 4 (quatro) pilastras de sustentação com 2,52 m de altura, no local hoje, Praça Pascoal Moreira Cabral, em Cuiabá capital de Mato Grosso;

Considerando que para o Estado é um fato que já faz parte da sua história e de Cuiabá, pois, o símbolo se consagra através do *Decreto n.º. 241, de 29 de dezembro de 1972*, que oficializou a bandeira do município de Cuiabá e que ostenta na sua parte central, o Centro Geodésico da América do Sul.

Considerando que o marco em Cuiabá está determinado pelas coordenadas geográficas de Latitude 15º 35' 56" ao sul da linha do equador e Longitude 56º 06' 05" a Oeste do Meridiano de Greenwich, reconhecido pela Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército DSG, de conformidade com a folha topográfica de nomenclatura SD.21 Z-C-V-2 na escala 1:50.000 de Cuiabá, editada em 1975, que veio sanar as dúvidas sobre a precisão dos cálculos feitos pela Comissão Rondon sobre a localização do Centro Geodésico da América do Sul usando tecnologia de ponta (satélite e informática), constatando a precisão da localização já realizada.

Considerando que a confirmação da centralidade do referido marco histórico está na simples razão da instalação da Estação de Rastreamento de Satélites Artificiais do INPE

¹⁰ Publicado no Diário Oficial de Mato Grosso. Pág. 18 em 07/10/2009.

(Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), ser em Cuiabá, o que reforça o porquê do posicionamento estratégico desta Capital, como o Centro do Continente Sul - Americano, uma vez que, não situado no centro da América do Sul, não obteria rastreio igual entre os ângulos: Norte e Sul, Leste e Oeste do Continente.

RESOLVE:

Art. 1º Tombar para o Patrimônio Histórico e Artístico Cultural o bem de natureza material, paisagístico e histórico constituído pelo Marco Histórico - Centro Geodésico da América do Sul, situado a 15°35'56'' de latitude sul e, 56°06'55'' de longitude Oeste, localizado na Praça Pascoal Moreira Cabral, no bairro - Centro Sul, em Cuiabá.

§ 1º O marco simbólico foi construído em alvenaria no ano de 1909, pelo artesão Júlio Caetano, com uma placa explicativa da localização definida pelos membros da Comissão Rondon, como o Centro Geodésico da América do Sul, sendo, por volta de 1966, erigido por sobre o marco original, como forma de protegê-lo, um Obelisco de aproximadamente 20 metros de altura, revestido de mármore branco, em formato de estrela de 4 (quatro) pontas, contendo 4 (quatro) pilastras de sustentação com 2,52 m de altura, situado a sua frente para a Rua Barão de Melgaço, fundos com a travessa da Justiça e laterais para as ruas Des. Ferreira Mendes e Dona Elvira Ferreira. Com área total de entorno de 1.557,22 m², e com uma área de tombamento de 67,73 m² objetivando a sua preservação e salvaguarda conforme consta do processo.

§ 2º A presente implica no tombamento do bem histórico inserido no perímetro acima citado e passa a ser tutelado pela proteção especial do Poder Público Estadual que velará para que os efeitos previstos em normas disciplinadoras sejam devidamente respeitados. Sujeitando-se ao prévio exame do órgão estadual - SEC, os projetos que visem modificar ou alterar o bem tombado para preservar e proteger sua visibilidade e ambiência.

Art. 2º Determinar que seja feita a inscrição no Livro do Tombo Histórico nos termos da *Lei nº9.107, de 31 de março de 2009*, pela sua significação histórica para a comunidade local e à memória mato-grossense e demais atos para os fins previstos na Lei Estadual.

Art. 3º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Registrada, Publicada, Cumpra-se.

Cuiabá-MT, 06 de Outubro de 2009.

12 - PROJETOS ARQUITETÔNICO

De acordo com a reportagem veiculada no Site RDNews pela jornalista Flavia Borges (2009), o projeto arquitetônico para a construção de um mirante no Centro Geodésico da América do Sul na praça Paschoal Moreira Cabral (Figuras 25,26 e 27), em Cuiabá, foi apresentado pelo presidente da Frente Parlamentar de Apoio à Copa, vereador Francisco Vuolo (PR), e pelo presidente da Casa, Deucimar Silva (PP). Eles esperam que o projeto seja "abraçado" pela Agência Executora da Copa do Mundo (Agecopa) e, desse modo, integre o pacote de obras que visam preparar Cuiabá para receber os jogos de 2014. A obra deve custar R\$ 6 milhões.

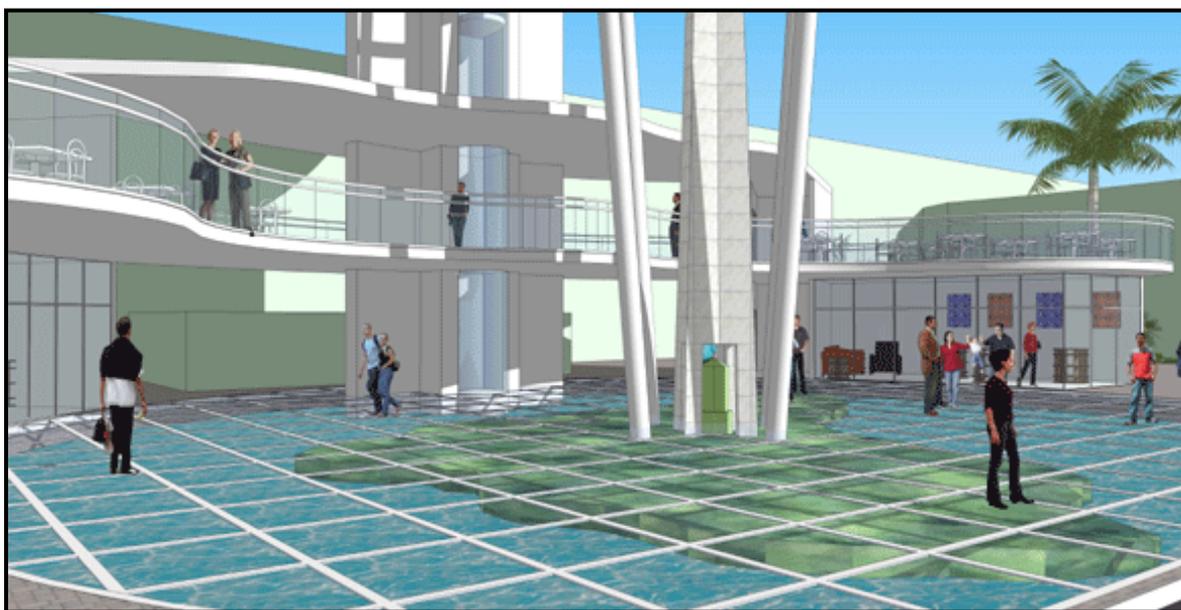


Figura 25: Projeto Arquitetônico
Fonte: RDNews (2009)

Vuolo afirma que o deputado federal licenciado Wellington Fagundes (PR) e o secretário-executivo do Ministério das Cidades, Rodrigo Figueiredo, prometeram a liberação de R\$ 3 milhões para a execução do projeto. “Esperamos contar com o apoio do governo do Estado e da prefeitura. Além disso, poderemos utilizar recursos próprios”, diz o parlamentar. O prazo para a conclusão é de um ano. Caso os recursos sejam liberados neste ano, a licitação será feita no início de 2010.



Figura 26: Projeto Arquitetônico
Fonte: RDNews (2009)

Pela proposta, assinada pelos arquitetos José Roberto Andrade e Vivian Laccal Gomes, o mirante possui características alusivas à cultura indígena e às bandeiras de Mato Grosso e do Brasil. O piso do térreo será transparente com água em baixo que, segundo Vuolo, simboliza o oceano. Ainda no térreo, haverá espaço para três lojas que serão destinadas à venda de artigos que valorizem a cultura local, bem como um espaço reservado ao memorial para a reprodução da história do Centro Geodésico, local que hoje abriga a Câmara Municipal e já foi sede da Assembleia Legislativa. O projeto preserva os marcos já construídos, ou seja, o primeiro e segundo obelisco.

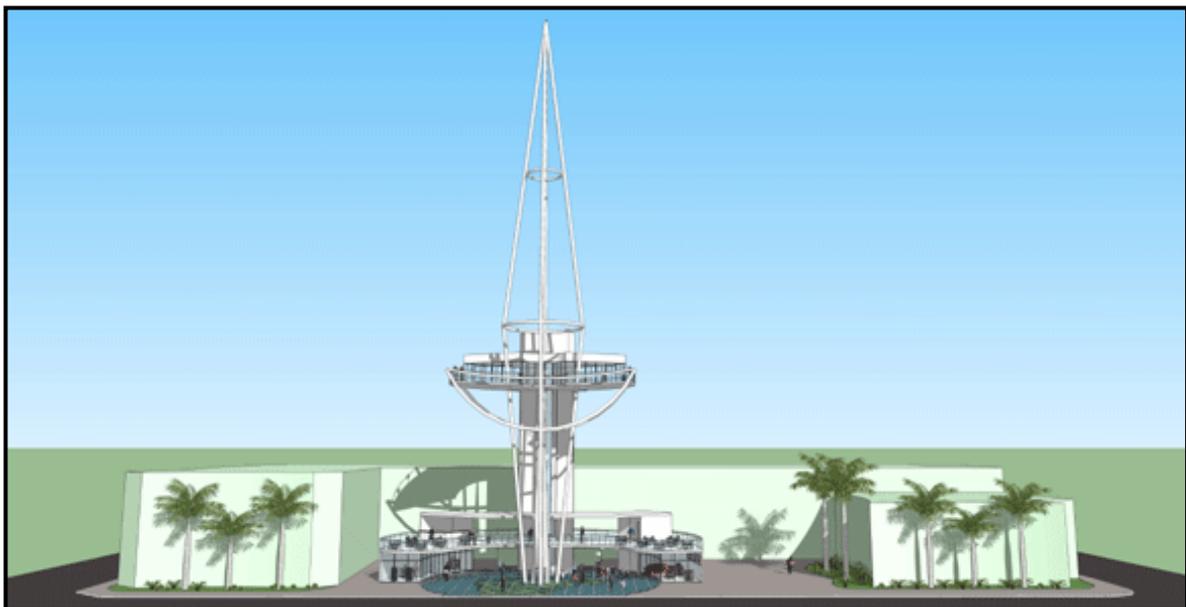


Figura 27: Projeto Arquitetônico
Fonte: RDNews (2009)

Já no primeiro piso será construída uma lanchonete e, na parte superior, ficará o mirante, com 23 metros de altura. De lá será possível avistar vários pontos turísticos, como o Morro de Santo Antônio de Leverger, Chapada dos Guimarães, assim como o ginásio Aecim Tocantins, o Morro da Caixa D'água Velha, e igrejas centenárias, como São Gonçalo e São Benedito. Ao todo, a torre terá a altura de 41 metros. Um elevador panorâmico facilitará o acesso aos espaços. O local servirá para fomentar o turismo da Capital. “As pessoas virão para cá (Cuiabá) com o advento da Copa. Se tivermos elementos para atrair as pessoas, elas voltarão. É preciso investir no turismo e esse é o momento propício”, destaca Vuolo.

Há tempos, o governo de Mato Grosso tenta explorar o marco geodésico como uma fonte econômica do setor turístico, mas sempre sem um planejamento correto desse verdadeiro potencial turístico, como exemplo: o certificado de visita concedido aos turistas em suas visitas (Figura 28).

Esse projeto na verdade é muito simples diante da importância do marco geodésico, deveriam sim elaborar um projeto bem acabado de dimensão maior, simbolizando a sua grande importância para a América do Sul.

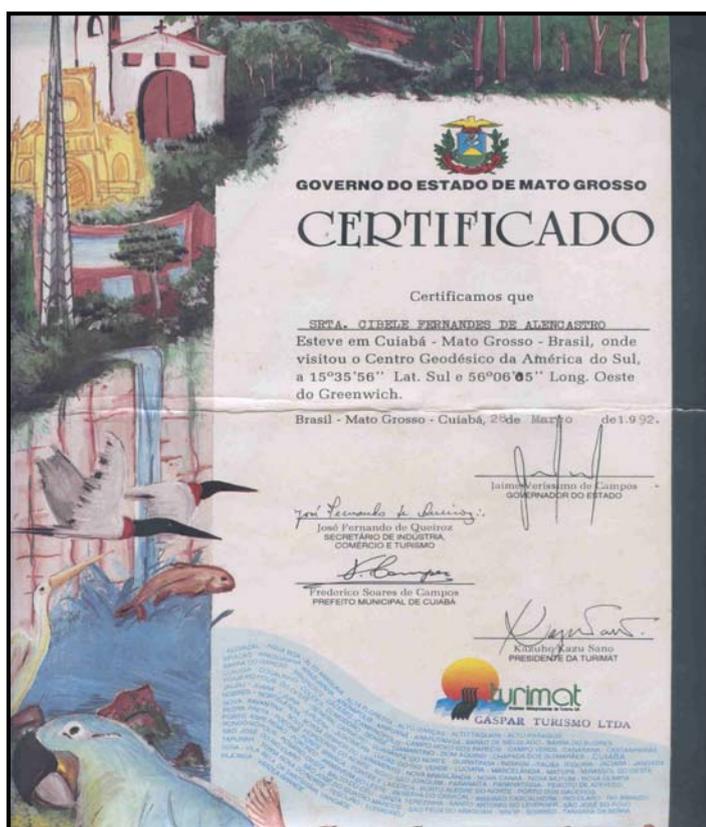


Figura 28 - Certificado conferido ao visitante do Centro Geodésico (1992)
Fonte: Anibal Alencastro

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foram feitos estudos referente ao personagem Marechal Candido Mariano da Silva Rondon, grande chefe da lendária Comissão Rondon, que elaboraram muitos trabalhos, mas principalmente os mapas como instrumentos de referencial e na construção de espaços e seus limites, legitimando a marcha para o Oeste, como conquista do território mato-grossense.

No decorrer dos trabalhos fiz uma síntese da vida de Rondon, em seguida procurei mostrar os aspectos relacionados aos trabalhos e sua importância na fixação do Marco Geodésico, e finalizando fiz uma coletânea dos mais artigos publicados sobre o tema, os quais registram as diversas opiniões e seus interesses.

Entrevistei pessoas que conhecem a história de Rondon, como *Aecim Tocantins, Anibal Alencastro, Moises Martins, Ivan Echeverria, Alfredo Mota Menezes, Ramis Bucair, Elizabeth Siqueira Madureira e Outros*, visando informações e orientações sobre o Centro Geodésico da América do Sul. Todos os personagens entrevistados, foram unânimes em referenciar Rondon e suas qualidades como líder e conhecedor dos mais variados temas científicos, bem como o reconhecimento dos seus feitos na cartografia brasileira.

Um dos trabalhos cartográficos foi à elaboração da Carta de Mato Grosso, sua primeira versão foi editada em 1922 e sua versão final 1952. O Centro Geodésico da América do Sul estabeleceu o marco 'zero' e essas medidas foram tomadas para a elaboração de vários outros mapas. Em seguida foi elaborado o mapa do Brasil ao milionésimo, que foi referência para elaboração do mapa da América do Sul.

A ex-Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, vinculado a Secretaria de Planejamento e Coordenação, do Governo do Estado de Mato Grosso, reconhece o Centro Geodésico, conforme certidão expedida em 1991.

O Exército Brasileiro, quando refez os cálculos com toda a tecnologia disponível da informática e satélites, constatou-se a exatidão dos cálculos da Comissão do Marechal Rondon, com as coordenadas apontadas e que foi reconhecido pela Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército em 1975. Fato este comprovado e identificado na folha topográfica do Ministério do Exército DSG - Diretoria de Serviço Geográfico, Índice SD. 21. Z-C-V-2, na Escala 1:50.000.

Diante dos fatos podemos observar com muita clareza que o Centro Geodésico da América do Sul foi um ponto estabelecido pela Comissão de Rondon, chefiada pelo Marechal Rondon em 1909, no Campo D’Ourique em Cuiabá, e que foi referencial básico para os trabalhos da Comissão, que tiveram vários objetivos, mas o principal foi cartográfico e geopolítico, pois já se passaram do centenário do Centro Geodésico da América do Sul, e conforme consta nos arquivos pesquisados esse marco já faz parte da cultura do povo matogrossense.

Existiu uma discussão por parte do setor turístico e místico, quanto à localização correta do Centro Geodésico da América do Sul, Cuiabá ou Chapada dos Guimarães! Mas que não passaram de meras especulações visando questões e interesses econômicos.

Essa “dúvida” sobre o Centro Geodésico é simplesmente a falta de informação aliado aos interesses dos agentes de turismo, que na maioria das vezes deixam o turista decidir qual é o lugar que ele prefere como Centro Geodésico da América do Sul, e obviamente o cidadão faz sua escolha pessoal, pois as diferenças quanto à paisagem de Cuiabá e Chapada dos Guimarães, são relevantes nos aspectos geográficos.

Esse foi meu interesse nessa pesquisa, mostrar realmente os fatos sobre o tema, tirar essa “dúvida” que pessoas com frequência questionavam. Um dos principais fatores desse problema refere-se ao descaso governamental, haja vista a falta de visão, investimentos e de informações são grandes.

O governo de Mato Grosso deveria fazer um monumento vultoso, em tamanho e qualidade, visando atrair turista do mundo todo para conhecer o Centro Geodésico da América do Sul, bem as representações dos países pertencentes à América do Sul.

Nessa dissertação entendo que meus objetivos foram alcançados, qualquer leitor da obra poderá eximir com facilidade sua opinião, Rondon realizou uma série de esforços para divulgar seus feitos o que ocasionaram na publicação de uma centena de obras, entre livros, filmes, álbuns fotográficos e estudos de reconhecimento geográfico, conhecidos como a obra científica da Comissão Rondon.

14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, A. 1965. Boletim Paulista de Geografia, n° 42, São Paulo.

ARRUDA, G. 2000. Cidades e Sertões, São Paulo, Ed. EDUSC.

BLACK, J. 2005. Mapas e História: Construindo Imagens do Passado. Trad. Cleide Rapucci. Bauru, SP: Edusc.

CORREIA, J.D. SILVA, N.C.C., OLIVEIRA, L.C. de e FERREIRA, L.F. 1996, Centro Geodésico e Centróide: Uma Abordagem Conceitual. Lisboa, Portugal.

CORREIA, J.D. e LUZ. R.T. 1991, O Estado das Redes Geodésicas Nacionais. XV Congresso Brasileiro de Cartografia, Vol. III, São Paulo, SP.

CORREA, L. S. 1997. A Fronteira na História Regional: O Sul de Mato Grosso (1870 - 1920), (Tese de Doutorado. São Paulo. USP). CORREA FILHO, Virgílio.

DIACON, T. A. 2006. Rondon: O Marechal da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras.

DURAND-DASTÈS, F. 1968. Climatologie, Encyclopaedia Universalis, 4, p. 618 – 624.

FERREIRA, M. R. G. 2007. Os Trabalhadores da Comissão Rondon: Violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo. (1907-1915), (Tese de Mestrado. Cuiabá. UFMT).

GALETTI, L. S. G. 2000. Nos Confins da Civilização: Sertão, Fronteira e Identidade nas Representações sobre Mato Grosso, (Tese de Doutorado. São Paulo. USP).

GUIMARÃES, M. L. S. 1988. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Revista estudos Históricas. Rio de Janeiro, n.º 01.

LIMA J. L. G. S. 2006. Rondon e a Cartografia: *A Fronteira Noroeste Brasileira*, TCC de História UFMT.

MACIEL, L. A. 1998. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da "Comissão Rondon"*. São Paulo: EDUC/FAPESP.

MAGALHAES, A. B. 1919. Memorial Dedicado ao Governo da República e aos Srs. Membros do Congresso Nacional. Rio de Janeiro: Papelaria Macedo.

MAGALHÃES, A. B. 1929. Impressões da Comissão Rondon. Episódios inéditos e pouco vulgarizados, ocorridos durante as explorações e nos acampamentos da Comissão Rondon. 4ª edição. Porto Alegre: Editora do Globo.

MISSÃO RONDON. 1916. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas (1907-15), Tip. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro.

NOVAES, J.R.D. e MELLO, M.P. 1974. Geodésia por Satélites no IBGE: Resultados Preliminares das Atividades Desenvolvidas.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO IHDMT. 1980 Tomos CXIII – CXIV Ano CII.

RODRIGUES, A.C. 1989. Marcos Geodésicos do IBGE, V Encontro de Engenheiros Cartógrafos do Nordeste, Aracaju, SE.

RONDON, Candido Mariano da Silva. 1907 a 1910. Relatório Apresentado a Diretoria Geral dos Telegraphos e a Divisão Engenharia do Departamento da Guerra, 2º Volume, Publicação nº 39, Rio de Janeiro, RJ.

RONDON, Coronel Candido Mariano da Silva. 1916. Conferências, Tipografia do Jornal do Comércio, São Paulo.

RONDON, Coronel Candido Mariano da Silva. 1953. Mensagens à Associação dos Geógrafos Brasileiros, Boletim Paulista de Geografia, nº 15, São Paulo.

VIVEIROS, E. 1958. Rondon conta sua vida. Rio de Janeiro, GB, Brasil.

Sites consultados

<http://www.crl.uchicago.edu/info/brazil>

<http://www.cpdoc.fgv.br/UH>

<http://www.exercito.gov.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.inpe.gov.br>

<http://www.mc.gov.br>

http://www.memory.loc.gov/ammem/collections/troosevelt_film/trfsp6.html - Por este site do Congresso Americano é possível ver os filmes feitos durante a Expedição Roosevelt no Brasil

Instituições pesquisadas em Cuiabá APMT

APMT - Arquivo Público de Mato Grosso

Fundação Amigos de Rondon – Cuiabá/MT

IHGMT – Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Casa Barão de Melgaço

Biblioteca Setorial da OPAN – Operação Amazônia Nativa

Na Universidade Federal de Mato Grosso

ACMC – Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá/NDIHR

Biblioteca Central e Hemeroteca Biblioteca Setorial Amidicis Diogo Tocantins Biblioteca

Biblioteca Setorial Rubens de Mendonça Museu Rondon

NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

NERU – Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos

Instituições Pesquisadas fora do Estado de Mato Grosso

Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ

Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro/RJ

Museu do Índio/FUNAI – Rio de Janeiro/RJ

Museu Nacional – Rio de Janeiro/RJ